

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e
Urbanismo- PROGRAU



Dissertação

**A relação entre o ambiente urbano e natural
sobre a percepção do usuário:
o caso de São José do Norte/RS**

Taís Feijó Viana

Pelotas, 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

PROGRAU - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A RELAÇÃO ENTRE O AMBIENTE URBANO E NATURAL SOBRE A
PERCEPÇÃO DO USUÁRIO: O CASO DE SÃO JOSÉ DO NORTE/RS**

Orientadora

Prof^a. Adriana Portella

Autora

Taís Feijó Viana

Pelotas, outubro de 2012.

TAÍS FEIJÓ VIANA

**A relação entre o ambiente urbano e natural sobre a percepção do
usuário: o caso de São José do Norte/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof^a. Adriana Portella

Pelotas, 2012

Catálogo na Publicação:
Maria Fernanda Monte Borges
Bibliotecária - CRB-10/1011

V614r Viana, Taís Feijó

A relação entre o ambiente urbano e natural sobre a percepção do usuário : o caso de São José do Norte / RS / Taís Feijó Viana ; orientadora : Adriana Portella. – Pelotas, 2012.
226 f.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

1. Ambiente natural 2. Ambiente construído 3. Ambiente - comportamento 4. Usuários, Percepção dos 5. São José do Norte/RS
I. Portella, Adriana (orient.) II. Título.

CDD 710

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Natalia Naoumova (Universidade Federal de Pelotas)

Prof. Dr. Eduardo Rocha (Universidade Federal de Pelotas)

Dr^a Gisele Pereira (Oxford Brookes University, Brookes, Inglaterra)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Pelotas e ao PROGRAU por possibilitarem a realização desta dissertação; à minha orientadora Adriana Portella pelo conhecimento compartilhado e à Capes pela concessão da bolsa de fomento ao estudo.

Aos meus pais, Angela e Estácio, pelo apoio incondicional e por entenderem as minhas ausências neste período.

Ao meu amado Vinícius por ser meu braço direito e esquerdo e por todo o suporte de carinho e compreensão.

Aos amigos, colegas de trabalho e do mestrado que me acompanharam nesta trajetória.

Aos 80 voluntários que toparam participar desta jornada e contribuíram para a concretização deste estudo.

RESUMO

A pesquisa investiga as lacunas existentes nos estudos que abordam a paisagem natural e o ambiente construído de forma conjunta. O objetivo geral é a produção de subsídios teóricos e científicos que possam auxiliar e fundamentar diretrizes de desenho urbano numa cidade onde ambiente construído e natural compõem a paisagem citadina, tendo como parâmetro para essa análise a influência de aspectos formais e simbólicos desse ambiente sobre a percepção de residentes e não residentes.

O município de São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil, foi escolhido como caso de estudo por estar localizado geograficamente numa área contígua a paisagem natural da Laguna dos Patos e a prédios de interesse histórico e cultural e devido a paisagem do ambiente construído e natural vir sendo degradada por intervenções urbanas e individuais que o desqualificam.

A investigação se inicia a partir da análise das variáveis relacionadas ao problema de pesquisa, são elas: (i) a percepção de diferentes grupos de usuários, neste estudo, residentes e não residentes na cidade; (ii) os atributos formais do ambiente; (iii) a paisagem natural; e (iv) os aspectos simbólicos que enfatizam o conteúdo das formas.

Os resultados desta investigação indicam que a paisagem natural influencia nas avaliações, alterando conceitos referentes ao ambiente construído, tais como a importância da manutenção das edificações nas avaliações de aparência e que pode haver mais similaridade entre os grupos, que possuem relações distintas com a cidade, do que divergências nas avaliações.

Assim, espera-se que os resultados contribuam e despertem o interesse ao desenvolvimento de outros estudos que abordem essa temática, bem como a geração de políticas públicas que interfiram no ambiente urbano de modo a qualificá-lo, levando em consideração o ambiente como um todo, urbano e natural.

Palavras-chave: ambiente natural, ambiente construído, percepção dos usuários.

ABSTRACT

The research investigates the gaps in studies that address the natural landscape and the built environment together. The main objective is to produce theoretical and scientific support that helps and justify urban design guidelines in a city where the built environment and natural make up the cityscape, taking as a parameter for this analysis the influence of formal and symbolic aspects of this environment on the perception of residents and non-residents.

The city of São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brazil, was chosen as a case study because it is located geographically in an area contiguous to natural landscape of Laguna dos Patos and buildings of historical and cultural interest and due to the built environment and the natural landscape being degraded by urban interventions and individual that disqualify the place.

The research starts from the analysis of the variables related to the research problem, they are: (i) the perception of different user groups, in this study, residents and non-residents in the city, (ii) the formal attributes of the environment; (iii) the natural landscape, and (iv) that emphasize the symbolic aspects of content forms.

The results of this investigation indicate that the natural landscape influences the evaluations, changing concepts for the built environment, such as the importance of maintaining the buildings in evaluations of appearance and there may be more similarity between the groups, who have different relationships with the city, than differences in the evaluations.

Thus, it is expected that the results will help arouse the interest and development of other studies that address this issue as well as the generation of public policies that interfere with the urban environment in order to qualify it, considering the environment as a whole, urban and natural.

Key-words: urban environment, landscape, user perception

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	2
RESUMO	3
ABSTRACT	4
LISTA DE FIGURAS.....	10
LISTA DE TABELAS.....	13
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO A PESQUISA	17
1.1 INTRODUÇÃO	17
1.2 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA E A PERGUNTA INVESTIGADA	17
1.3 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DE PESQUISA.....	19
1.4 PROPOSTA DE SOLUÇÃO OU REDUÇÃO DO PROBLEMA.....	22
1.5 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO.....	24
1.5.1 Objetivos	24
1.5.2 Variáveis	26
1.5.3 Hipóteses	27
1.5.4 Objeto de estudo.....	28
1.6 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS	29
1.7 SUMÁRIO	30
CAPÍTULO 2. QUALIDADE VISUAL DA PAISAGEM.....	31
2.1 INTRODUÇÃO.....	31
2.2 PAISAGEM DO AMBIENTE	31
2.2.1 Qualidade visual do ambiente construído e da paisagem natural	33
2.2.1.1 Aspectos relacionados a um ambiente desordenado, considerando o ambiente construído e a paisagem natural	35
2.2.1.2 Aspectos relacionados a um ambiente ordenado, considerando o ambiente construído e a paisagem natural	36
2.2.1.3 Aspectos relacionados à paisagem natural que interferem na qualidade do ambiente	48
2.2.1.4 Aspectos relacionados ao ambiente construído que interferem na qualidade do ambiente.....	50

2.2.2 Apreensão e avaliação da qualidade visual do ambiente construído e natural pelo indivíduo	51
2.2.2.1 Preferências e níveis de satisfação do indivíduo com a paisagem do ambiente	54
2.2.2.2 Resposta avaliativa sobre o ambiente	55
2.2.2.3 Aspectos subjetivos e objetivos nos julgamentos avaliativos	57
2.2.3 O desempenho morfológico das cidades na percepção e na imagem mental do indivíduo	59
2.2.3.1 Análise do desempenho topoceptivo na percepção do usuário	61
2.2.3.2 Análise do desempenho topoceptivo na formação da imagem mental ..	65
2.3 GRUPOS DE USUÁRIOS	65
2.4 VARIÁVEIS	67
2.4.1 Variáveis relacionadas ao ambiente construído	67
2.4.2 Variáveis relacionadas à paisagem natural	68
2.4.3 Aspectos simbólicos	71
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DA PESQUISA	75
3.1 INTRODUÇÃO	75
3.2 SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	75
3.2.1 O perfil da cidade de São José do Norte	76
3.2.2 Legislações acerca da preservação do patrimônio histórico	78
3.2.3 Delimitação da área de estudo	79
3.3 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS	82
3.3.1 Observações de Campo e Levantamento Físico	83
3.3.2 Mapa Comportamental	84
3.3.3 Mapa Mental	85
3.3.4 Questionário	86
3.4 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS	89
3.5. TRABALHO DE CAMPO	90
CAPÍTULO 4: RESULTADOS	91

4.1 INTRODUÇÃO	91
4.2 TESTANDO A HIPÓTESE 1: há diferenças entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quando avaliado a qualidade visual do ambiente urbano e natural devido a familiaridade dos residentes com o lugar.	91
4.2.1 Grau de divergência e de similaridade entre as percepções dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual das ruas estudadas	91
4.2.2 Aspectos que interferem na avaliação dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual na rua 3.....	92
4.2.3 Aspectos que interferem na avaliação dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual na rua 1.....	95
4.2.4 Aspectos que interferem na avaliação dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual na rua 2.....	97
4.2.5 Aspectos que interferem na avaliação dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual na rua 4.....	100
4.2.6 Conclusão da hipótese 1.....	102
4.3 TESTANDO A HIPÓTESE 2: há similaridades entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quanto à preferência por prédios históricos em relação aos contemporâneos das ruas investigadas..	104
4.3.1 Grau de divergência e similaridade entre as percepções dos residentes e não residentes em relação à importância dos prédios históricos para a qualidade visual das ruas	104
4.3.2 Preferência dos grupos em relação aos prédios da rua 1	106
4.3.3 Preferência dos grupos em relação aos prédios da rua 2	110
4.3.4 Preferência dos grupos em relação aos prédios da rua 3	114
4.3.5 Preferência dos grupos em relação aos prédios da rua 4	118
4.3.6 Conclusão da hipótese 2.....	122
4.4 TESTANDO A HIPÓTESE 3: para os usuários, residentes e não residentes, o grau moderado de complexidade, quando considerado a soma do ambiente construído com o natural, contribui para a qualidade visual das ruas investigadas.	123
4.4.1 Relação entre a qualidade visual e a variação dos elementos formais das ruas	123

4.4.2 Relação entre a qualidade visual e a ordem entre os elementos formais das ruas	128
4.4.3 Conclusão da hipótese 3.....	133
4.5 TESTANDO A HIPÓTESE 4: a paisagem composta por prédios e ambiente natural influencia positivamente a percepção do usuário, residente e não residente, em relação à qualidade visual das ruas investigadas, assim como, para os não residentes contribui para o interesse em relação às ruas.	134
4.5.1 Relação entre a qualidade visual e a ordem entre os elementos formais das ruas	134
4.5.2 Identificação dos aspectos do ambiente que contribuem para a preferência dos grupos em relação às ruas	140
4.5.3 Identificação dos aspectos do ambiente influenciam para tornar as ruas um local atrativo	146
4.5.4 Conclusão da hipótese 4.....	148
4.6 TESTANDO A HIPÓTESE 5: para os residentes na cidade a paisagem natural assim como o patrimônio imaterial contribuem para a satisfação do usuário no ambiente da Prainha (rua 3).....	149
4.6.1 Identificação da associação simbólica dos usuários residentes na avaliação da qualidade visual das ruas.....	149
4.6.2 Identificação dos aspectos que influenciam no nível de satisfação do usuário, residente, com a área da Prainha (rua 3).....	150
4.6.3 Análise realizada a partir dos dados do mapa comportamental.....	152
4.6.4 Conclusão da hipótese 5.....	154
4.7 TESTANDO A HIPÓTESE 6: existe uma forte influência dos efeitos topológicos e perspectivas do ambiente sob a preferência e avaliação dos usuários, residentes e não residentes, em relação às ruas	154
4.7.1 Conclusão da hipótese 6.....	157
CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
5.1 INTRODUÇÃO	158
5.2 REVENDO O PROBLEMA DE PESQUISA, OS OBJETIVOS E OS MÉTODOS	158
5.3 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS.....	159

5.4 IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS E INDICAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES	164
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICE A.....	170
APÊNDICE B.....	174
APÊNDICE C.....	177
APÊNDICE D.....	180
APÊNDICE E.....	192
APÊNDICE F	195
APÊNDICE G	200
APÊNDICE H.....	209
APÊNDICE I	211

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1: Vista do município de São José do Norte/RS (Fonte: Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2007)	29
Figura 2.1: Prédio do Ministério Público em São José do Norte, RS. Exemplo de grupamento por proximidade reforçado pela semelhança dos elementos. (Fonte: Acervo da autora, 2010)	38
Figura 2.2: Paisagem da Laguna dos Patos em São José do Norte, RS. Exemplo de grupamento por proximidade com barcos formando um conjunto (Fonte: Acervo da autora, 2009)	38
Figura 2.3: Casarão nº2 em Pelotas, RS. Grupamento por similaridade, as seis aberturas verticais se agrupam horizontalmente (Fonte: Acervo da autora, 2010)	38
Figura 2.4: Rua Tristán Navarra em Montevideu, Uruguai. Grupamento por similaridade de forma e cor da vegetação, que desperta a tendência a construir unidades (Fonte: Acervo da autora, 2011)	38
Figura 2.5: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, por Lina Bo Bardi, em São Paulo, SP. Exemplo de textura com retângulos verticais (Fonte: Acervo da autora, 2010)	39
Figura 2.6: Parque do Ibirapuera, por Oscar Niemeyer em São Paulo, SP. Ritmo regular das colunas em concreto armado (Fonte: Acervo da autora, 2010)	40
Figura 2.7: Marina da Glória no Rio de Janeiro, RJ. Ritmo regular da vegetação (Fonte: Acervo da autora, 2010)	40
Figura 2.8: Theatro São Pedro em Porto Alegre, RS. A parte saliente na fachada cria um foco de atenção, assim como marca o acesso ao prédio (Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Theatro-S%C3%A3o-Pedro.jpg , acessado em dezembro, 2010)	41
Figura 2.9: Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro, RJ. O morro, ao fundo da imagem, está acentuado em relação aos outros elementos da paisagem (Fonte: Acervo da autora, 2010)	41
Figura 2.10: Edifício Nationale Nederlanden, por Frank Gehry em Praga, República Tcheca. O volume de vidro contrasta com o plano vertical em alvenaria (Fonte: google imagens, acessado em agosto de 2012)	42
Figura 2.11: Residência em São José do Norte, RS. Simplicidade - duas janelas de tamanhos iguais e uma porta, em um único plano vertical, representam os elementos que compõe a fachada (Fonte: Acervo da autora, 2006)	43
Figura 2.12: Casa Batlló, por Antoni Gaudí, Barcelona, Espanha. Formas variadas que contrastam com o plano da fachada (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_Batll%C3%B3 , acessado em agosto de 2012)	43
Figura 2.13: Silhueta do ambiente construído e natural (Fonte: Autora, 2012)	45
Figura 2.14: Processo de formação de imagens (Fonte: adaptado de Golledge; Stimson, 1996)	53
Figura 2.15: Representação espacial das dimensões avaliativas do ambiente (Fonte: Adaptado de Stamps, 2000, p.79 e Russell, 1988, p.122)	56
Figura 2.16: Percurso identificando diversos pontos de vista, exemplificado por croquis (Fonte: Cullen, 2006, p.19)	60

Figura 3.1: Localização do município de São José do Norte no Estado do Rio Grande do Sul (Fonte: Viana, 2008)	76
Figura 3.2: A cidade as margens da Laguna do Patos (Fonte: Acervo da autora, 2012)	77
Figura 3.3: A paisagem natural e a cultura da pesca (Fonte: Carolina Barros, 2011)	77
Figura 3.4: Centro histórico de São José do Norte (Fonte: Adaptado do Google Earth, 2012)	77
Figura 3.5: Localização das 24 quadras inicialmente identificadas para análise (Fonte: Adaptado de Mapa do Município – Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2010)	80
Figura 3.6: Definição do percurso para seleção das quadras para análise (Fonte: Adaptado de Mapa do Município – Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2010)	81
Figura 3.7: Reconhecimento da área de estudo pelos voluntários do estudo piloto (Fonte: Acervo da autora, 2010)	81
Figura 3.8: Indicação ruas e percurso do estudo no mapa do centro histórico (Fonte: Adaptado de Mapa do Município – Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2011)	82
Figura 3.9: Área de aplicação do mapa comportamental (Fonte: Autora, 2011)	85
Figura 3.10: Localização da área de aplicação do mapa comportamental (Fonte: Adaptado do Google Earth, 2011)	85
Figura 3.11: Mapa mental feito por residentes (Fonte: Autora, 2012)	86
Figura 3.12: Aplicação questionário (23/06/2010) – Estudo Piloto (Fonte: Acervo da autora, 2010)	88
Figura 4.1: Vista da rua 3.(Fonte: Acervo da autora, 2011)	93
Figura 4.2: Vista da Laguna dos Patos na rua 3.(Fonte: Acervo da autora, 2011)	94
Figura 4.3: Prédio em mau estado de conservação na Rua 3.(Fonte: Acervo da autora, 2011)	94
Figura 4.4: Prédios da Rua 1 (Fonte: Acervo da autora, 2011)	95
Figura 4.5: Prédio em mau estado de conservação na Rua 1 (Fonte: Acervo da autora, 2011)	95
Figura 4.6: Efeito topológico: rua estreita (Fonte: Acervo da autora, 2011)	96
Figura 4.7: Vista da rua 2 (Fonte: Acervo da autora, 2011)	97
Figura 4.8: Prédios históricos da rua 2.(Fonte: Acervo da autora, 2011)	99
Figura 4.9: Visual da Laguna dos Patos ao fundo na rua 2.(Fonte: Acervo da autora, 2011)	99
Figura 4.10: Vegetação e visual da Laguna e dos barcos ao fundo da rua 4.(Fonte: Acervo da autora, 2011)	102
Figura 4.11: Visual da Laguna dos Patos e dos barcos. (Fonte: Carolina Barros, 2011)	102
Figura 4.12: Prédios da rua 1 (Fonte: Acervo da autora, 2011)	141
Figura 4.13: Visual restrita da Laguna dos Patos ao fundo na rua 1 (Fonte:	141

Acervo da autora, 2011)

Figura 4.14: Direcionamento da visual da Laguna pelos prédios (Fonte: Acervo da autora, 2011) 143

Figura 4.15: Prédios em bom estado de conservação na rua 2 (Fonte: Acervo da autora, 2011) 143

Figura 4.16: Usuários utilizando o espaço da “Prainha” (Fonte: Acervo da autora, 2011) 152

Figura 4.17: Vista da “Prainha” do píer (Fonte: Acervo da autora, 2011) 152

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1: Fatores que interferem no grau de articulação das fachadas (Fonte: Adaptado de Stamps, 2000, p.54)	47
Tabela 2.2: Quadro síntese dos efeitos topológicos (Fonte: Adaptado de Kohlsdorf, 1996, p.102)	62
Tabela 2.3: Quadro síntese dos efeitos perspectivos (Fonte: Adaptado de Kohlsdorf, 1996, p.102)	63
Tabela 2.4: Faixas etárias definidas por Thiel (Fonte: Adaptado de Thiel, 1997, p.323)	67
Tabela 4.1: Avaliação dos usuários quanto à aparência das ruas analisadas (Fonte: Autora, 2012)	92
Tabela 4.2: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da Rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	93
Tabela 4.3: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da Rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	96
Tabela 4.4: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	98
Tabela 4.5: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da rua 2, considerando a importância dos barcos na paisagem (Fonte: Autora, 2012)	99
Tabela 4.6: Grau de importância dos aspectos da paisagem natural e do ambiente construído na avaliação de aparência da Rua 4 para os não residentes (Fonte: Autora, 2012)	101
Tabela 4.7: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	101
Tabela 4.8: Resumo dos aspectos importantes na avaliação da aparência das ruas para cada grupo de usuários (Fonte: Autora, 2012)	103
Tabela 4.9: Avaliação dos usuários quanto à aparência das ruas analisadas (Fonte: Autora, 2012)	105
Tabela 4.10: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários não residentes na rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	107
Tabela 4.11: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários residentes na rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	108
Tabela 4.12: Prédios considerados mais feios pelos usuários não residentes na rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	109
Tabela 4.13: Prédios considerados mais feios pelos usuários residentes na rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	110
Tabela 4.14: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários não residentes na rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	111
Tabela 4.15: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários residentes na rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	112
Tabela 4.16: Prédios considerados mais feios pelos usuários não residentes na rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	113
Tabela 4.17: Prédios considerados mais feios pelos usuários residentes na rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	114

Tabela 4.18: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários não residentes na rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	115
Tabela 4.19: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários residentes na rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	116
Tabela 4.20: Prédios considerados mais feios pelos usuários não residentes na rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	117
Tabela 4.21: Prédios considerados mais feios pelos usuários residentes na rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	118
Tabela 4.22: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários não residentes na rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	119
Tabela 4.23: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários residentes na rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	120
Tabela 4.24: Prédios considerados mais feios pelos usuários não residentes na rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	121
Tabela 4.25: Prédios considerados mais feios pelos usuários residentes na rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	122
Tabela 4.26: Avaliação dos usuários quanto à variação dos elementos da rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	124
Tabela 4.27: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à variação dos elementos da rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	125
Tabela 4.28: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à variação dos elementos da rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	126
Tabela 4.29: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à variação dos elementos da rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	127
Tabela 4.30: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	129
Tabela 4.31: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	130
Tabela 4.32: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	131
Tabela 4.33: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	133
Tabela 4.34: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à mistura entre prédios e paisagem natural da rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	135
Tabela 4.35: Ruas avaliadas como mais feias (Fonte: Autora, 2012)	136
Tabela 4.36: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à mistura entre prédios e paisagem natural da rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	137
Tabela 4.37: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à mistura entre prédios e paisagem natural da rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	138
Tabela 4.38: Ruas avaliadas como mais bonitas (Fonte: Autora, 2012)	139
Tabela 4.39: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à mistura entre prédios e paisagem natural da rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	140
Tabela 4.40: Preferência dos usuários na rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	141

Tabela 4.41: Preferência dos usuários na rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	142
Tabela 4.42: Preferência dos usuários na rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	143
Tabela 4.43: Preferência dos usuários na rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	144
Tabela 4.44: Avaliação geral da aparência das ruas (Fonte: Autora, 2012)	145
Tabela 4.45: Importância de alguns aspectos do ambiente para torná-lo atrativo (Fonte: Autora, 2012)	146
Tabela 4.46: Aspectos que contribuem mais significativamente para o interesse dos usuários não residentes pela rua 1 (Fonte: Autora, 2012)	147
Tabela 4.47: Aspectos que contribuem mais significativamente para o interesse dos usuários não residentes pela rua 2 (Fonte: Autora, 2012)	147
Tabela 4.48: Aspectos que contribuem mais significativamente para o interesse dos usuários não residentes pela rua 3 (Fonte: Autora, 2012)	148
Tabela 4.49: Aspectos que contribuem mais significativamente para o interesse dos usuários não residentes pela rua 4 (Fonte: Autora, 2012)	148
Tabela 4.50: Relação entre a avaliação da aparência da “Prainha” (rua3) e a frequência de utilização do espaço pelos residentes (Fonte: Autora, 2012)	151
Tabela 4.51: Relação entre a avaliação da aparência da “Prainha” (rua3) e o tempo de permanência no espaço pelos residentes (Fonte: Autora, 2012)	151
Tabela 4.52: Como os usuários residentes descrevem a “Prainha” (Fonte: Autora, 2012)	152
Tabela 4.53: Dados obtidos através dos mapas comportamentais (Fonte: Autora, 2012)	153
Tabela 4.54: Efeitos topoceptivos que caracterizam a área de estudo (Fonte: Autora, 2012)	155
Tabela 4.55: Efeitos topoceptivos classificados por cada rua do estudo (Fonte: Autora, 2012)	156

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO A PESQUISA

1.1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pertence a área de estudos ambiente-comportamento, que tem como pressuposto dois processos complementares. O primeiro, o processo perceptivo, que acontece quando o indivíduo capta, através dos sentidos, as características do lugar, resultando num conjunto de imagens; e o segundo, o processo cognitivo, que é a construção de sentido na mente, acontecendo sobre o impacto das expectativas e dos objetivos pessoais, interferindo na atribuição de significado e interpretação do lugar pelo observador (Okamoto, 2002, p.p.9-13; Rivlin, 2003, p.218). Desse modo, acredita-se que não é possível compreender o ambiente sem analisar o homem, assim como não é possível apreciar completamente as percepções, atitudes e ações dos grupos ou indivíduos separados de um contexto sócio-ambiental. (Uzzell, 2005, p.p.186-187).

Portanto, a partir do entendimento de que existe uma relação entre indivíduo, ambiente físico, social e natural é que se estabelece a temática desta dissertação. Assim, esse estudo abrange a influência da paisagem natural sobre a percepção do usuário quando analisada a qualidade visual do ambiente.

Este primeiro capítulo tem como objetivo introduzir o leitor ao problema e a pergunta de pesquisa, às variáveis associadas a investigação e às propostas aplicadas no âmbito nacional e internacional na tentativa de reduzir o problema estudado. Por fim, é apresentada a proposta de investigação, os objetivos, as hipóteses e as definições conceituais necessárias para a compreensão desse estudo.

1.2 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA E A PERGUNTA INVESTIGADA

O tema desta pesquisa trata dos efeitos da paisagem natural sobre os aspectos formais e simbólicos do ambiente construído a partir da percepção usuário. A problemática se estabelece por existirem lacunas nos estudos que abordam a influência dos aspectos formais, simbólicos e naturais sobre a percepção dos usuários em um ambiente composto por paisagem natural e ambiente construído. Isso ocorre porque a maioria das avaliações em relação à percepção do usuário são

realizadas levando em consideração a influência dos aspectos formais e simbólicos (Montelli, 2008; Portella, 2003; Reis; Lay, 2003; Stamps, 2000; Nasar, 1988; Weber, 1995; Lang, 1987; Arnheim, 1977) e a influência dos aspectos naturais (Lynch, 2006; Carr et al., 1992; Herzog, 1988; Lang, 1987; Rapoport, 1978) separadamente, deixando vazios no que diz respeito à influência dos aspectos do ambiente natural sobre os aspectos do ambiente construído na percepção do usuário.

Desse modo, a pergunta de pesquisa que norteia esse estudo é a seguinte: **qual a influência da paisagem natural sobre as avaliações de qualidade visual de um ambiente urbano segundo a percepção de residentes e não residentes?** A proposta, de investigação desses dois grupos de usuários, se justifica, na medida que, esta pesquisa se interessa na análise da influência do fator familiaridade sobre as respostas dos indivíduos.

Alguns estudos (Lynch, 2006, p.23; Carr et al., 1992, p.p.95-99,117-118; Herzog, 1988, p.p.343-356; Lang, 1987, p.p.78-79; Rapoport, 1978, p.73) remetem à importância dos aspectos da paisagem natural como fator de melhora na qualidade de vida das pessoas. Isso ocorre através da diminuição do stress, da recuperação mais rápida de problemas de saúde e do valor psicológico desses elementos sobre a qualidade de vida do usuário. Segundo Carr et. al. (1992, p.103), em parques urbanos e praças os recursos naturais são considerados os elementos mais importantes, possibilitando ao indivíduo a oportunidade de sentar-se na grama, estar à sombra de uma árvore ou desfrutar de uma área verde com flores, assim como estar em presença da água, que é um elemento altamente valorizado no espaço público.

Outros estudos evidenciam a relevância da qualidade visual do ambiente construído como um importante aspecto associado à satisfação do usuário com esse ambiente, influenciando as suas atitudes e o seu comportamento (Stamps, 2000, p.p.39-64,73-74; Nasar, 1988, p.p.300-302; Weber, 1995, p.p.113-126). Em relação aos aspectos simbólicos do ambiente, Arnheim (1977, p.169) enfatiza que toda a experiência arquitetônica é por natureza simbólica, e Okamoto (2002, p.149) diz que a leitura do espaço simbólico e o seu significado orientam as atividades e promovem sentido à vivência social. Sob essa ótica, os aspectos simbólicos do ambiente construído são fatores decisivos para a construção de sentimentos positivos ou

negativos em relação aos lugares que se freqüenta ou em que se vive (Lang, 1987, p.95).

Desse modo, entende-se que os aspectos naturais influenciam na qualidade de vida do indivíduo, assim como a qualidade visual do ambiente construído, constituído por elementos formais e simbólicos, influencia na satisfação do usuário com o ambiente. Segundo Carr et al. (1992, p.227), embora exista uma boa quantidade de evidências científicas sobre as preferências dos indivíduos quando analisados espaços abertos, há menos compreensão da contribuição específica dos recursos naturais, em contraste com os elementos construídos. Ademais, um estudo realizado por Fenton (1988, p.330) aponta a falta de evidências sobre como os elementos do ambiente natural influenciam na percepção das pessoas.

Portanto, identificando a influência do ambiente natural sobre os aspectos formais e simbólicos do ambiente construído, se constroem subsídios que fomentem ações de preservação e valorização desse ambiente, tendo como consequência a melhoria da qualidade de vida da população. Ao encontro, segundo Sancar (1988, p.460), a avaliação estética é amplamente utilizada nas decisões sobre os produtos de design, tais como automóveis, porém nas políticas públicas é dificilmente uma preocupação. Entretanto, existem algumas exceções, onde políticas de planejamento levam em consideração as avaliações estéticas nos espaços urbanos. Somando-se a isso, a avaliação do espaço sob a ótica do usuário, segundo Lynch (p.p.60-61), garante o respeito dos seus direitos nas discussões, assim como estabelece uma boa relação e interação do indivíduo com o ambiente construído e natural.

1.3 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DE PESQUISA

A qualidade visual do ambiente construído e a influência do ambiente natural nas avaliações de satisfação do usuário são temas emergentes, os quais já possuem alguns estudos que os investigam (Montelli, 2008; Reis, 2002; Stamps, 2000; Carr et al., 1992; Nasar, 1988; Weber, 1995; Herzog, 1988; Lang, 1987; Rapoport, 1978; Arnheim, 1977). Entretanto, poucos abordam a influência da paisagem natural sobre o ambiente construído de modo conjunto em relação à percepção do usuário. Desse modo, as variáveis associadas ao problema desta pesquisa envolvem parâmetros referentes às diferenças existentes entre a

percepção de distintos grupos de usuários, quando avaliados os elementos formais e simbólicos do ambiente construído e da paisagem natural.

As variáveis relacionadas ao ambiente construído e natural, nesse estudo, influenciam as avaliações da qualidade visual desse. Essas, por sua vez, se relacionam ao grau de ordenamento dos elementos formais (Weber, 1995, p.p.113-126; Nasar, 1988, p.p.6-7; Arnheim, 1977, p.162). Segundo Weber (1995, p.113), na análise da qualidade visual, a ordem é vista como um fator principal para que um ambiente seja avaliado como positivo; e segundo Kohlsdorf (1996, p.24) a falta de ordenação dos elementos constrói um espaço urbano sem sentido de totalidade, ou seja, contextos onde não existe relação entre os elementos.

A partir dessa idéia é que se estabelece as variáveis dessa pesquisa, entendendo que, no ambiente ordenado as relações entre os elementos são guiadas pelos princípios de organização visual da Teoria da Gestalt (Reis, 2002, p.23; Lang, 1987, p.p.86-89). Portanto, as variáveis relacionadas à análise do ambiente urbano, neste estudo, estão de acordo com os princípios dessa Teoria, que se baseia na pregnância da forma. A pregnância da forma é quando as forças de organização do objeto tendem a se dirigir no sentido da harmonia e do equilíbrio visual, assim qualquer padrão de estímulo tende a ser visto de tal modo que a estrutura resultante é tão simples quanto permitam as condições dadas (Gomes Filho, 2009, p.36).

Assim, para que se faça a análise da composição formal do ambiente como um todo, serão utilizados princípios de organização da forma que influenciam as avaliações estéticas. Serão analisados os elementos formais individuais dos prédios e da paisagem natural e o conjunto urbano como um todo (Cullen, 2006; Kohlsdorf, 1996).

Sobre as variáveis formais relacionadas diretamente à paisagem natural, entende-se que o indivíduo interage no ambiente de modo a que esse atenda ao desenvolvimento de suas atividades, dentro de padrões já definidos por outros estudos investigados (Okamoto, 2002; Carr et al., 1992; Lang, 1987; Rapoport, 1978). Desse modo, as variáveis analisadas são referentes à presença da água, vegetação, espaços abertos próximos a água e aos campos visuais formados pela paisagem natural e ambiente construído simultaneamente.

Consideram-se as variáveis relacionadas aos aspectos simbólicos aquelas que remetem às relações do usuário com o contexto urbano e aos significados

históricos e culturais atribuídos aos aspectos naturais e construídos do ambiente. A análise desses significados permite que se identifique o quanto os aspectos simbólicos influenciam na agradabilidade, no interesse e na preferência do usuário por determinado aspecto da paisagem ambiental¹.

O estudo de diferentes grupos de usuários parte do pressuposto que qualquer forma dada a um observador terá uma probabilidade baixa ou alta de evocar uma imagem e que reunindo grupos mais homogêneos (por exemplo, idade, sexo, cultura, profissão, temperamento ou grau de familiaridade) poderá ser alcançado uma resposta mais precisa. Isso não quer dizer que cada observador não crie e assuma sua própria imagem, mas pode haver um consenso entre membros de um mesmo grupo e são esses dados que interessam aos planejadores urbanos na concepção de projetos que serão utilizados por um grande número de pessoas (Lynch, 2006, p.8). Assim, a escolha de diferentes grupos de usuários tem como objetivo investigar e comparar como os aspectos formais e simbólicos do ambiente influenciam a percepção dos indivíduos que possuem interesses e vivências distintas em relação à cidade.

Nesse sentido, são estabelecidos dois grupos: o primeiro composto por usuários que tenham a vivência da cidade, o que permitirá que percebam o lugar carregado de simbolismo e familiaridade; e o segundo composto por usuários que tenham um contato esporádico com a cidade, o que permitirá que percebam o lugar carregado de interesse e descoberta. No próximo item são abordadas propostas de solução ou redução dos problemas relacionados aos espaços urbanos, no que diz respeito aos aspectos formais das edificações e as paisagens naturais, no âmbito nacional e internacional.

¹ Paisagem ambiental representa, neste estudo, a paisagem composta pelo ambiente construído e natural de forma conjunta.

1.4 PROPOSTA DE SOLUÇÃO OU REDUÇÃO DO PROBLEMA

A proximidade das cidades com as paisagens naturais, principalmente quando existe a interação oceano-continente-atmosfera, confere às áreas de zonas costeiras condições privilegiadas aos assentamentos urbanos, industriais, portuários e turísticos (Gautério, C., 1997). Assim, torna-se importante estudar e relacionar as propostas de promoção do turismo nos locais onde exista uma linha tênue entre a paisagem do ambiente construído e do ambiente natural, e as propostas de manutenção da qualidade visual.

Atualmente o turismo emerge como fenômeno capaz de gerar profundas mudanças, em todas as dimensões, na configuração espaço-territorial dos lugares onde ele se insere. O turismo contribui para geração de emprego e renda, assim como aumento das receitas, além de que, mais do que nunca, pode ser indicado como uma atividade econômica em nível mundial (Oliveira, 2008, p.177-178). Assim, o crescimento do mercado turístico gerou um novo modo de pensar os espaços urbanos e a qualidade do meio ambiente passou a ter grande destaque (Sarmiento e Monteiro, p.3).

Desse modo, ações que visem à preservação e conservação de bens integrantes do patrimônio histórico e cultural e do ambiente natural, além de garantirem a qualidade de vida dos moradores desses locais, tornam-se fundamentais no fomento de atividades turísticas e econômicas. Por conseguinte, desenvolvem-se, no Brasil e no exterior, diversos projetos com o objetivo de manter a qualidade visual e ambiental dessas áreas.

No entanto, ainda são desenvolvidas algumas propostas que não garantem que o tipo de exploração turística, instalada na região, seja positiva para a comunidade que ali vive, ou seja, que garanta a geração de emprego e renda e que preservem o meio ambiente físico e natural. Assim, ainda vive-se o contraponto da atividade turística ora como bem qualificador do ambiente e/ou ora como promotor da degradação ambiental e injustiça social (Bursztyn, 2005, p.28).

No Brasil, destacam-se as ações do Governo Federal, através do Ministério do Turismo, que é responsável pelo gerenciamento do Plano de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur). O plano tem o objetivo de fortalecer a Política Nacional de Turismo e organizar as intervenções públicas para o desenvolvimento da atividade turística, através de processos de planejamento das regiões turísticas.

No Estado da Bahia, o Prodetur/BA redefiniu o espaço territorial baiano através do desenvolvimento turístico. No caso da cidade de Ilhéus, a paisagem natural se mescla aos prédios históricos datados dos séculos XVI, XVII e XVIII. Algumas ações foram realizadas em benefício da conservação dos prédios, mas a rápida expansão turística acabou por degradar áreas ambientais. Recentemente foram realizados alguns estudos que servirão de subsídios para a gestão ambiental e o desenvolvimento sustentável (Moreira e Trevisan, 2005). Nota-se, nesse caso, que as ações de preservação do patrimônio edificado e natural foram desvinculadas, e que talvez a primeira tenha influenciado a degradação ambiental por fomentar o turismo na região.

Outro exemplo acontece na cidade de Parati, no Estado do Rio de Janeiro, cidade também litorânea, onde o Ministério Público Federal, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) são responsáveis pelas ações de defesa do patrimônio e do ambiente natural.

No exterior destaca-se, como proposta de manutenção da qualidade visual, um conjunto de medidas implementadas nos Estados Unidos e na Europa, que se intitula “Design Review”. O “Design Review” é um conjunto de normas definidas pelo governo, que tem como objetivo controlar a variação estética de determinado ambiente, bem como estabelecer como esse será visualmente no futuro, ou seja, consiste numa série de regras relativas ao tipo de material que deve ser utilizado nas fachadas, dimensões e escala das aberturas, volumetria da construção, dentre outros. Nos Estados Unidos, por exemplo, essa norma busca promover um crescimento harmônico e ordenado do ambiente construído, refletindo o desejo da população em relação à aparência da cidade ou do bairro no futuro (Stamps, 2000, p.3).

A proposta do “Design Review” refere-se a todas as características externas das construções, sendo que, nos Estados Unidos, uma pesquisa indicou que há 72% de normas relacionadas à altura dos edifícios, 74% a letreiros e placas e 49% a volumetria. Também existem outros elementos controlados por essas regras, que são os seguintes: materiais, dimensões das construções, articulação das fachadas, localização dos acessos, cores dos materiais, perfis dos telhados, detalhes das fachadas, proporções verticais e horizontais, forma e tamanho das janelas, estilo ou características, manutenção, eficiência energética, entre outros (Stamps, 2000, p.4).

Assim, o “Design Review” pode ser resumido como uma função do governo com o objetivo de gerir o desenvolvimento das formas físicas das construções localizadas em uma área delimitada, a partir das determinações de diversos atores, tais como: planejadores, indivíduos e grupos (Stamps, 2000, p.4-10).

A identificação do problema de pesquisa, assim como, a verificação das soluções já encontradas para a diminuição ou redução do problema auxiliam na elaboração da proposta de investigação que é apresentada no próximo item.

1.5 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

A partir da identificação da problemática da pesquisa são apresentados a seguir, o objetivo geral do estudo, os objetivos específicos, as variáveis, as hipóteses e a caracterização do objeto de estudo.

1.5.1 Objetivos

Na busca da solução ou redução da problemática exposta, esta pesquisa apresenta como objetivo geral a produção de subsídios teóricos e científicos que possam auxiliar e fundamentar diretrizes de desenho urbano numa cidade onde ambiente construído e natural compõem a paisagem citadina, tendo como parâmetro para essa análise a influência de aspectos formais e simbólicos desse ambiente sobre a percepção de residentes e não residentes.

Com a finalidade de alcançar esse objetivo, pretende-se investigar a percepção de dois diferentes grupos de usuários. Fizeram parte da amostra usuários residentes e não residentes na cidade de estudo, para que as diretrizes produzidas através dessa pesquisa possam qualificar o espaço de modo a satisfazer as necessidades tanto de quem o utiliza diariamente quanto daqueles que o utilizam com menos frequência, melhorando a qualidade de vida da população e fomentando as atividades turísticas.

Para o desenvolvimento desta investigação se estabelecem duas vertentes estruturadoras do trabalho: a primeira sobre a qualidade visual do ambiente construído e da paisagem natural; e a segunda sobre a influência do ambiente construído e da paisagem natural na percepção do usuário. A partir disso são estabelecidos os objetivos específicos, descritos a seguir.

- (i) analisar a influência (se positiva ou negativa) da paisagem natural sobre o ambiente construído, a partir da percepção dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes).
- (ii) analisar a influência da relação entre o patrimônio histórico e a paisagem natural sobre a percepção dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes).
- (iii) analisar e comparar o nível de satisfação dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) a fim de investigar a influência do atributo familiaridade na avaliação do espaço urbano formado por ambiente construído e paisagem natural.
- (iv) analisar e comparar o grau de influência dos fatores simbólicos² ligados ao espaço urbano analisado sobre a percepção dos residentes e não residentes.
- (v) identificar e analisar os fatores que mais influenciam a avaliação dos usuários em relação a aparência e satisfação num ambiente composto por urbano e paisagem natural.

Assim, espera que os resultados contribuam para aprimorar o conhecimento sobre o assunto e para novas discussões acerca da percepção do usuário em relação ao ambiente natural, propiciando sua preservação e valorização, e a aplicação, de fato, do conceito de preservação do ambiente como um todo, construído e natural.

Estabelecidos os objetivos da pesquisa o próximo item visa apresentar as variáveis que são investigadas nesse estudo. Assim, as variáveis referem-se aos fatores que influenciam a percepção dos usuários no ambiente e se relacionam com o problema de pesquisa.

² Os fatores simbólicos são as associações que os indivíduos estabelecem entre as formas percebidas e os significados a que elas lhes remetes. Assim, a familiaridade do usuário também é um atributo simbólico e interfere nas avaliações acerca do ambiente.

1.5.2 Variáveis

As variáveis investigadas nesta pesquisa referem-se aos fatores que influenciam a percepção do usuário em relação ao ambiente construído e natural e estão associadas ao problema deste estudo. Envolvem parâmetros relativos às diferenças existentes entre a percepção de distintos grupos de usuários e aos elementos formais e simbólicos da paisagem natural e do ambiente construído (Reis, 2002, p.p.6-60; Golledge; Stimson, 1996, p.p.189,191,197; Carr et al., 1992, p.p. 91-228; Nasar, 1988, p.p.6-26; Lang, 1987, p.p.23-25,79,84).

A pesquisa investiga a diferença entre a percepção de dois grupos de usuários, sendo que o primeiro representa pessoas que residem na cidade caso de estudo e que de acordo com a revisão da literatura podem percebê-la repleta de simbolismo e familiaridade; enquanto o segundo representa pessoas que não residem na cidade e que, portanto, em geral podem percebê-la repleta de interesse e descoberta. Esses grupos são os (i) residentes e (ii) não residentes.

A escolha dos grupos tem como propósito obter resultados de como os elementos formais e simbólicos do ambiente urbano e natural influenciam as avaliações estéticas de usuários com interesses distintos em relação à cidade, possibilitando que os subsídios teóricos produzidos por este trabalho possam no futuro fundamentar diretrizes de desenho urbano que contemplem ações de preservação e melhoria do espaço público, tanto para quem é usuário diário da cidade quanto para o fomento do turismo.

O primeiro grupo de variáveis ligadas ao ambiente estudado são aquelas relacionadas aos aspectos simbólicos, tais como: (i) a familiaridade do usuário com o contexto urbano; (ii) o significado histórico atribuído aos prédios e (iii) o significado cultural atribuído aos elementos que compõem atividades de pesca. A análise das variáveis relacionadas aos aspectos simbólicos permite que se atribua o quanto essas influenciam na agradabilidade, no interesse e na preferência dos usuários por determinados elementos da paisagem composta por ambiente natural e construído.

O segundo grupo de variáveis investigadas são aquelas relacionadas à qualidade visual do espaço urbano analisado, a qual é definida pelo grau de ordenamento entre os elementos formais do ambiente, usadas nos estudos de Weber, 1995, p.p.113-126; Nasar, 1988, p.p.6-7 e Arnheim, 1977, p.162. Para realizar a análise dos elementos formais do ambiente construído e natural as

variáveis são definidas de acordo com as características formais da cidade caso de estudo, e com os princípios de organização da forma, ligados à Teoria da Gestalt, que influenciam as avaliações estéticas e o conceito de ordem.

Segundo estudos realizados por Carr et al., 1992, p.p. 95-99,117-118; Herzog, 1988, p.348; Lang, 1987, p.p. 78-79 e Rapoport, 1978, p.73 também são investigadas características da paisagem natural que influenciam na qualidade do ambiente, tais como: (i) a presença da Laguna dos Patos; (ii) a vegetação; (iii) os espaços abertos próximos a laguna; e (iv) as visuais das ruas para a laguna. Essa análise permite que se conheça o quanto esses aspectos influenciam na qualidade visual do ambiente e na percepção do usuário em relação ao ambiente construído e natural como um todo.

1.5.3 Hipóteses

Este estudo investiga e testa as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: há diferenças entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quando avaliado a qualidade visual do ambiente urbano e natural devido a familiaridade dos residentes com o lugar.

Hipótese 2: há similaridades entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quanto à preferência por prédios históricos em relação aos contemporâneos das ruas investigadas.

Hipótese 3: para os usuários, residentes e não residentes, o grau moderado de complexidade, quando considerado a soma do ambiente construído com o natural, contribui para a qualidade visual das ruas investigadas.

Hipótese 4: a paisagem composta por prédios e ambiente natural influencia positivamente a percepção do usuário, residente e não residente, em relação à qualidade visual das ruas investigadas, assim como, para os não residentes contribui para o interesse em relação às ruas.

Hipótese 5: para os residentes na cidade a paisagem natural assim como o patrimônio imaterial³ contribuem para a satisfação do usuário no ambiente da Prainha (rua 3).

Hipótese 6: existe uma forte influência dos efeitos topológicos e perspectivos do ambiente sob a preferência e avaliação dos usuários, residentes e não residentes, em relação às ruas.

1.5.4 Objeto de estudo

A fim de atender aos objetivos desta investigação, o fator principal para a escolha do estudo de caso foi a existência de uma paisagem natural contígua ao ambiente construído e por esse conter também exemplares de prédios de interesse histórico e cultural. Dessa forma, foi definida a cidade de São José do Norte, localizada no Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, como objeto de estudo dessa investigação. Ademais, essa cidade possui uma paisagem que está sendo degradada devido a intervenções urbanas que não consideram a preservação do ambiente natural e construído de modo conjunto.

O município de São José do Norte está localizado na planície costeira do Rio Grande do Sul, próximo as cidades do Rio Grande e de Pelotas, em uma área contígua ao Oceano Atlântico e à Laguna dos Patos. O acesso ao município, a partir da cidade do Rio Grande, é realizado somente por lancha ou balsa. A sede municipal, aonde se concentra o estudo, está às margens da Laguna dos Patos, o que, além de representar uma paisagem natural privilegiada em relação ao lazer e ao turismo, remete também a um local de peculiaridades ambientais (Fig. 1.1)

³ A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural."
(<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan> acessado em agosto de 2012)



Figura 2.1: Vista do município de São José do Norte/RS (Fonte: Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2007)

O município é definido pela Lei Estadual nº. 11585/2001 como integrante do Patrimônio Cultural do Estado devido ao conjunto urbano e edificações, juntamente com as cidades de Rio Grande, Piratini, Jaguarão, Mostardas e Arroio Grande. Nessa lei também foi delimitada a poligonal que estabelece o Centro Histórico nesses municípios. Desse modo, esse estudo se concentra nos limites do Centro Histórico de São José do Norte, assim definidos por lei.

O resultado da não existência, nas últimas décadas, de legislações que regulamentassem o uso do solo ou que contemplassem as questões urbanas e arquitetônicas, associadas a uma das menores taxas de desenvolvimento econômico do Estado, fez com que a cidade sofresse perda de parte do conjunto arquitetônico e descaracterização de alguns prédios. Diante disso, devido à importância da localidade como Patrimônio Cultural do Estado, e buscando a qualificação do ambiente construído e natural, justifica-se ainda mais a escolha dessa como objeto de estudo.

1.6 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

As definições conceituais são aqui apresentadas para que exista uma total compreensão dos termos utilizados no decorrer da pesquisa.

1) Paisagem do Ambiente: a paisagem do ambiente será composta pelo conjunto dos objetos naturais e dos construídos pelo homem.

2) Ambiente natural: é a paisagem que se formou sem a intervenção humana, como lagunas, lagos, dunas, oceanos. Entretanto, esses ambientes não são estáticos, têm sua dinâmica e, em muitos casos, são influenciados pela ação humana

3) Prédios de Interesse Histórico e Cultural: são reconhecidos como prédios de interesse histórico e cultural todos aqueles prédios integrantes do Inventário do IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado).

4) Elementos Formais: são os elementos que compõe a fachada de uma edificação, por exemplo, textura, ornamentos, silhuetas, esquadrias, etc.

1.7 SUMÁRIO

Esta dissertação se divide em cinco capítulos, conforme a seguir:

Capítulo 1- Introduz o leitor ao problema da pesquisa e as variáveis a ele associadas, as propostas de solução do problema adotadas no Brasil e no exterior, assim como a proposta de investigação e as definições conceituais.

Capítulo 2- Apresenta o marco temático desta pesquisa, as variáveis associadas à investigação e fundamenta a definição das hipóteses.

Capítulo 3- Apresenta o estudo de caso, os métodos de coleta e análise de dados e os aspectos relacionados ao estudo de campo.

Capítulo 4 – São apresentados os resultados obtidos e o teste das hipóteses.

Capítulo 5 – Destaca os principais resultados e a importância dos mesmos para futuras investigações.

CAPÍTULO 2. QUALIDADE VISUAL DA PAISAGEM

2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo analisa o conceito e a importância do ambiente construído e natural, para o indivíduo, assim como os fatores que interferem na qualidade visual desse lugar. Essa discussão fundamenta a delimitação das variáveis investigadas e a formulação das hipóteses.

2.2 PAISAGEM DO AMBIENTE

A palavra ambiente é utilizada nas mais diversas áreas, como, por exemplo, na geografia, na psicologia, na sociologia e na arquitetura, porém existem discussões diferentes em relação ao seu significado. Neste estudo, ambiente será abordado como a associação dos seguintes aspectos: a paisagem natural, as questões sociais, o comportamento e a apropriação do usuário no espaço e o ambiente construído. Assim, segundo Arnheim (1977, p.13) a percepção espontânea indica que o espaço não é criado por si próprio, mas sim por objetos naturais e objetos construídos pelo homem. Desse modo, a paisagem do ambiente é formada pela paisagem que se formou sem a intervenção humana, por exemplo, lagunas, lagos, dunas e oceanos e pelos objetos construídos pelo homem, ou seja, o ambiente construído.

Cabe considerar que o ambiente construído afeta os processos sociais humanos (Lang, 1987, p.80; Rapoport, 1978, p.73) e as características do ambiente natural influenciam no comportamento e nas sensações do usuário (Carr et al., 1992, p.p. 95-99,117-118; Lang, 1987, p.p. 78-79; Rapoport, 1978, p.73). Assim o conjunto dessas paisagens, aqui intitulado paisagem do ambiente, é responsável por uma imagem decomposta em identidade, estrutura e significado. A caracterização de um objeto com sentido de individualidade é o que se chama identidade; a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador é a estrutura e, por último, esse objeto tem que ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional (Lynch, 2006, p.9).

Nesse sentido, alguns estudos buscam responder quais são os aspectos que influenciam na qualidade da paisagem do ambiente. Por exemplo, Lightner (1993

apud Stamps, 2000, p.4) constatou que 77% dos departamentos de planejamento urbano dos Estados Unidos avaliam as novas construções a partir da idéia de qual seria a melhor forma dessa se integrar ao contexto pré existente. Além disso, outro estudo demonstrou que 81% dos respondentes concordaram que as características do local, onde será inserida a nova edificação, devem ser utilizadas como inspiração e 53% dos indivíduos indicaram que o estilo arquitetônico dos edifícios existentes deve ser mantido e seguido pelas novas edificações. Em outros estudos, realizados por Nasar (1988, p.p. 285-287), revelam algumas fortes correlações entre os seguintes aspectos: vegetação, manutenção, diversidade, cor, ornamento, construções proeminentes e aberturas.

Os estudos de Orland (1988, p.377) relacionam as intervenções humanas, tais como pequenos prédios, fazendas, dentre outros, sobre paisagens rurais a partir da percepção de usuários residentes e não residentes. Foi concluído que essas paisagens são percebidas como menos atrativas do que àquelas puramente naturais, concordando com outros estudos que indicam que há uma preferência dos indivíduos pela paisagem natural em comparação ao ambiente construído.

Logo, considerando que possa existir uma influência da paisagem natural sobre o ambiente construído e vice e versa, estabelece-se a seguinte hipótese: **a paisagem composta por prédios e ambiente natural influencia positivamente a percepção do usuário, residente e não residente, em relação à qualidade visual das ruas investigadas, assim como, para os não residentes contribui para o interesse em relação às ruas.** Relacionado a essa hipótese também investiga-se: **(a)** o nível de agradabilidade do usuário com o ambiente composto por prédios e paisagem natural; **(b)** qual desses aspectos, prédios, ambiente natural ou a combinação dos dois, contribuem mais significativamente para a avaliação de preferência dos grupos, residentes e não residentes, em relação às ruas; **(c)** a avaliação dos grupos, residentes e não residentes, em relação à aparência das ruas estudadas; e **(d)** quais desses aspectos, prédios, ambiente natural ou a combinação dos dois, contribuem mais significativamente para o interesse dos não residentes, em relação às ruas.

Portanto, assume-se que o objetivo dos planejadores é criar ambientes que reúnam aspectos que satisfaçam às necessidades humanas (Lang, 1987, p.23). Segundo Fenton (1988, p.327), se as características físicas de um local, que o

qualificam ou degradam, podem ser identificados objetiva e quantitativamente, então essas características podem ser considerados pelos planejadores na criação e na preservação da paisagem. Desse modo, a análise, neste estudo, da paisagem do ambiente torna-se importante, tendo em vista que os aspectos que a compõe interferem na percepção e na satisfação dos usuários com o espaço. Para isso, foram analisados como os estímulos visuais atuam conjuntamente, no ambiente composto por paisagem natural e ambiente construído.

2.2.1 Qualidade visual do ambiente construído e da paisagem natural

A qualidade visual de um ambiente, construído ou natural, está diretamente associada ao grau de ordenamento dos elementos do espaço. Estudos como Stamps (2000), Nasar (1988), Weber (1995) e Arnheim (1977) comprovam que, no ambiente construído, para uma edificação ser apreendida adequadamente e avaliada positivamente pelo usuário deverá possuir algum grau de ordenamento na sua composição formal. Portanto, qualidade visual e ordem são elementos vinculados.

A apreensão dos lugares se dá diretamente por sua forma física e por mecanismos cognitivos. Assim, essa análise do espaço como forma física se dá através do estudo da ordenação de seus elementos morfológicos, que se relacionam em conjuntos, ou totalidades. Para que se entenda uma organização de elementos pela sua totalidade é necessário que exista um relacionamento entre o todo e as partes. Desse modo, as noções de composição e totalidade foram definidas com clareza pela Teoria da Gestalt. Ademais, para Koffka (1975) Gestalt significa ordem com significado (Kohlsdorf, 1996, p.p.31-32).

As análises realizadas por Lynch, dizem que, quanto mais ordenada é a estrutura do espaço, mais se harmonizam as imagens que as pessoas formam da cidade e que, quanto mais ambígua a estrutura urbana, mais o resultado da imagem vai depender do local onde o observador prende a sua atenção, do grau de familiaridade, e assim por diante (Arnheim, 1977, p.15). O filósofo Kant (1790 apud Stamps, 2000, p.45) é quem introduz a ideia de que o intelecto humano impõe ordem na aparência de um elemento.

A falta de ordenação dos elementos constrói um espaço urbano sem sentido de totalidade, passando a admitir manifestações isoladas e substituindo a noção de

conjunto pela de aglomerado. Assim, constroem contextos onde não existe relação entre os elementos e nem significado da ordem de composição (Kohlsdorf, 1996, p.24).

Portanto, neste estudo, a qualidade visual, associada ao conceito de ordem, está relacionada aos componentes da forma, que interagem de maneira a não haver situações de contradição e conflito (Arnheim, 1977, p.165). Além dos aspectos de ordem dos elementos do espaço a abordagem de Kohlsdorf (1996, p.70) traz questões de apreensão da forma do espaço urbano como leitura que indique onde se está e identifique os lugares, atendendo a expectativas sociais topoceptivas. Assim, para que se aborde a configuração do espaço, de acordo com o desempenho topoceptivo, é necessário relacionar características morfológicas de lugares à expectativas sociais de orientação e identificação com o espaço. Desse modo, entende-se que a configuração dos espaços possui características que informam ao indivíduo, com maior ou menor facilidade, onde ele está, como se deslocar e quais são os trajetos.

Isaacs (2000, p.177) lista alguns aspectos a serem considerados nas avaliações do espaço urbano relacionados às características morfológicas desse. Segundo ele, devem ser considerados os seguintes pontos: a variedade de espaços abertos conectados por estreitamento, a flexão de ruas ou vias de passagem, os pontos iniciais e finais de percurso (*networks*), o controle das visuais no espaço com a inserção do elemento “surpresa”, a definição dos espaços, criando a sensação de clareza, enclausuramento e definição de visuais, os prédios como ponto de referência a partir da complexidade e dos detalhes nas fachadas.

Entretanto um espaço pode ter diferentes caracterizações dependendo das aspirações sociais, como por exemplo, uma rua muito estreita que abriga um grande volume de tráfego terá seu desempenho funcional ruim no ponto de vista do atributo dimensional, porém a mesma rua pode oferecer boas condições de orientação (Kohlsdorf, 1996, p.69-70).

Neste estudo, a avaliação da qualidade visual do ambiente construído e natural tem como objetivo produzir subsídios teóricos que auxiliem na elaboração de diretrizes de planejamento. De acordo com Arnheim (1977, p.15), os ambientes urbanos planejados têm maior probabilidade de ostentar ordem do que os ambientes

construídos por partes, no entanto, esse é o caso da maioria das cidades, porém não quer dizer que por regra essas sejam desordenadas.

No entanto, apesar da abordagem do espaço como composição plástica ser recorrente na literatura é preciso compreender que o estudo da configuração desses associa-se também à sua dimensão simbólica, assim regras de reprodução, decodificação e consumo das formas são sempre culturalmente definidas (Kohlsdorf, 1996, p.32).

Dentro desse conceito, é discutido, a seguir, os aspectos do ambiente construído e natural que estão relacionados à percepção de ordem e desordem dos elementos.

2.2.1.1 Aspectos relacionados a um ambiente desordenado, considerando o ambiente construído e a paisagem natural

Nos centros históricos a desordem, muitas vezes, é causada pela incompatibilidade formal entre as edificações históricas e contemporâneas, pela incompatibilidade formal entre anúncios comerciais e edificações (por ex. Portella, 2003) e pelas intervenções realizadas de forma indiscriminada. Segundo Arnheim (1977, p.175), isso ocorre devido ao fato da sociedade ser constituída por indivíduos que se ignoram e competem entre si, executando ações individuais despreocupadas com o coletivo e que se refletem no ambiente construído. Desse modo, prédios construídos sem considerar o entorno edificado, ou seja, com um padrão incompatível, tendem a ser avaliados desconexos dos prédios existentes e vice-versa, de tal modo que a ausência de conexão entre as formas resulta em uma paisagem percebida negativamente (Lynch, 2006, p.6).

Assim sendo, em intervenções urbanas onde a adição tiver um padrão compatível com o existente, a nova construção pode ser simplesmente absorvida pelo cenário ou reorganizar-se e construir uma nova organização coesa. Porém, se a intervenção tiver um padrão incompatível, terá como resultado a rejeição e a desordem visual (Arnheim, 1977, p.14).

No entanto, segundo Reis (2002, p.p.18-19) desordem não é sinônimo de contradição, por que um ambiente desordenado resulta da falta de estrutura dos elementos, enquanto que a contradição pode ser parte de uma determinada ordem que estrutura a composição. Desse modo, a desordem caracteriza-se pela falta de

coerência, de estrutura e de regras nos elementos individualmente e/ou no seu conjunto.

Conhecidos os aspectos que contribuem para a formação de uma ambiente desordenado, no próximo item são apresentados os aspectos relacionados a um ambiente ordenado, considerando sempre a paisagem composta por ambiente construído e paisagem natural.

2.2.1.2 Aspectos relacionados a um ambiente ordenado, considerando o ambiente construído e a paisagem natural

A ordem é essencial para o funcionamento de qualquer sistema. Estudos realizados por Lynch (2006), Weber (1995), Nasar (1988) e Arnheim (1977) assumem que a ordem no ambiente é o principal fator que influencia na qualidade visual desse.

No ambiente ordenado a orientação das relações entre os elementos é guiada pelos princípios de organização visual da Teoria da Gestalt (Lang, 1987; p.86-89; Reis, 2002, p.23). Neste estudo, as variáveis relacionadas aos aspectos do ambiente, construído e natural, são estabelecidas de acordo com os princípios dessa Teoria, que se baseia na pregnância da forma. Dessa maneira, assume-se que no processo de percepção visual os elementos são selecionados e combinados, ou seja, o indivíduo não enxerga partes isoladas, mas sim relações, que integram os vários elementos do campo visual em unidades, resultando na sensação do todo (Gomes Filho, 2009, p.19; Weber, 1995, p.110).

Em síntese, a Teoria da Gestalt pode ser resumida como a procura da ordem dentro do todo, é a resposta do porquê uma forma agrada mais do que a outra, é a oposição ao subjetivismo, amparada na fisiologia do sistema nervoso do indivíduo e que procura explicar a relação sujeito-objeto na área da percepção (Gomes Filho, 2009, p.p.17-18).

Para que se faça a análise da composição formal do ambiente estudado, são utilizados, de acordo com a revisão da literatura, princípios de organização que influenciam as avaliações estéticas e o conceito de ordem, e desses princípios serão analisados aqueles que correspondam às características formais da cidade caso de estudo. Assim, as características referentes ao local de estudo estão relacionadas aos aspectos formais dos prédios e ao conceito de conjunto urbano e de visuais

estabelecidas com a paisagem natural; essas foram definidas a partir de levantamento físico das características predominantes do espaço.

Portanto, são adotados, neste estudo, alguns fatores de coerência formal ou de composição que, segundo Reis (2002, p.19), são assumidos como importantes na composição arquitetônica. Também são analisados fatores importantes na formação de imagens pelo indivíduo, tais como: equilíbrio, clareza e harmonia visual, que são indispensáveis independentemente do tipo de manifestação visual que esteja ocorrendo (Gomes Filho, 2009, p.17). Logo, embora não sejam descartados outros aspectos compositivos que interfiram na qualidade visual do ambiente, neste estudo são analisados os seguintes atributos: (a) proximidade e similaridade; (b) textura, ritmo e hierarquia; (c) contraste, simplicidade e complexidade; e (d) simetria. Nesse sentido, esses conceitos são melhor exemplificados na sequência do texto.

(a) Proximidade e Similaridade

Os psicólogos da Gestalt catalogaram uma lista de fatores que influenciam a percepção de forma, e dentre eles estão a proximidade e a similaridade (Lang, 1987, p.86). Esses fatores são investigados pelos seguintes autores: Reis, 2002, p.p.22-25; Stamps, 2000, p.45; Gomes Filho, 2009, p.34 e Lang, 1987, p.86,103. O agrupamento por proximidade é a tendência do olho em agrupar os elementos que estejam mais próximos e diferenciar os que estejam mais afastados (Reis, 2002, p.p.22-23), assim, esses tendem a serem vistos como um conjunto e podem ser organizados por estímulos de forma, cor, tamanho, textura, brilho, peso, direção e localização (Gomes Filho, 2009, p.p.23-34) (Fig. 2.1 e 2.2).



Figura 2.1: Prédio do Ministério Público em São José do Norte, RS. Exemplo de grupamento por proximidade reforçado pela semelhança dos elementos. (Fonte: Acervo da autora, 2010)



Figura 2.2: Paisagem da Laguna dos Patos em São José do Norte, RS. Exemplo de grupamento por proximidade com barcos formando um conjunto (Fonte: Acervo da autora, 2009)

Cabe salientar que o grupamento entre elementos iguais ou diferentes depende do seu tamanho e contexto, e não de distâncias predeterminadas entre elementos genéricos. Tal grupamento combate a dissimilaridade entre os elementos, através da proximidade entre eles (Reis, 2002, p.p.22-23).

O grupamento por similaridade é a tendência do olho em agrupar os elementos do mesmo tipo, é a organização de grupos com figuras de características mais similares. Esse grupamento pode acontecer devido à associação de elementos que possuam qualidades semelhantes em relação à cor, textura, forma geométrica ou tamanho, sendo percebidos como unidades singulares (Gomes Filho, 2009, p.23; Reis, 2002, p.p.25-26; Lang, 1987, p.86) (Fig. 2.3 e 2.4).



Figura 2.3: Casarão nº2 em Pelotas, RS. Grupamento por similaridade, as seis aberturas verticais se agrupam horizontalmente (Fonte: Acervo da autora, 2010)



Figura 2.4: Rua Tristán Navarra em Montevidéu, Uruguai. Grupamento por similaridade de forma e cor da vegetação, que desperta a tendência a construir unidades (Fonte: Acervo da autora, 2011)

No entanto, a proximidade pode se associar a outros tipos de organização, como, por exemplo, à similaridade, onde os objetos de uma composição podem ser descritos tanto por proximidade quanto por similaridade, formando o que os artistas chamam de situação de tensão (Lang, 1987, p.86). A semelhança é um fator mais forte de organização que a proximidade, tendo em vista que a simples proximidade nem sempre explica o grupamento dos elementos sendo necessário que esses tenham qualidades em comum. Desse modo, semelhança e proximidade são dois fatores que agem em conjunto, muitas vezes se reforçam ou enfraquecem mutuamente (Gomes Filho, 2009, p.24). Assim, nesta pesquisa é investigado como a percepção de proximidade ou similaridade dos elementos da paisagem numa cidade cuja paisagem é composta por ambiente construído e natural, influenciam na percepção do usuário, assim como se a presença da paisagem natural interfere nessa percepção.

(b) Textura, ritmo e hierarquia

Como princípios da regularidade na relação entre elementos são utilizados, nesta pesquisa, a textura (Reis, 2002, p.37; Stamps, 2000, p.43), o ritmo (Ching, 2002, p.356; Reis, 2002, p.40) e a hierarquia (Ching, 2002, p.338; Reis, 2002, p.44), os quais tem como objetivo produzir regularidade entre os elementos formais das edificações (Reis, 2002, p.35).

As texturas são malhas, tramas ou redes formadas por elementos que não são percebidos individualmente devido a sua proximidade, quantidade e similaridade, construindo grupos homogêneos, onde a ordem é estabelecida pela repetição de elementos alinhados (Reis, 2002, p.p.36-37) (Fig. 2.5).



Figura 2.5: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP, por Lina Bo Bardi, em São Paulo, SP. Exemplo de textura com retângulos verticais (Fonte: Acervo da autora, 2010)

No entanto, existe uma discussão sobre qual seria a diferença entre detalhe e textura. Isso muitas vezes ocorre devido à vagabilidade das normas, que não expressam em números, por exemplo, o tamanho de cada elemento (Stamps, 2000, p.p.43-45). Assim sendo, será considerada textura a relação homogênea ou regular entre elementos arquitetônicos, predominando a idéia do conjunto em contraponto às idéias de figuras individuais (Reis, 2002, p.37; Stamps, 2000, p.46). Destaca-se a textura, como elemento de organização formal, tendo em vista que, segundo Brolin (1980 apud Stamps, 2000, p.43), quando uma construção é inserida num espaço pré-existente, a textura do prédio, constituída geralmente pelos ornamentos, é o elemento crítico, o qual pode fazer com que essa nova edificação se harmonize ou não com o entorno. Portanto, nesta pesquisa, são considerados textura (a) revestimentos cerâmicos e (b) tramas estruturais definidoras de malha, rede ou trama no objeto arquitetônico.

O ritmo, por sua vez, consiste na repetição alternada de dois ou mais elementos diferentes, alinhados em uma direção e em intervalos regulares ou irregulares, estabelecendo ordem e organizando a composição (Reis, 2002, p.p.39-40; Ching, 2002, p.356) (Fig 2.6 e 2.7). A importância desse conceito está em que o ritmo produz unidade e contraste ordenado entre os elementos. De acordo com vários autores, tais como Vitruvius e Leon Battista Alberti, o ritmo seria uma das qualidades formais que caracteriza uma bela composição (Reis, 2002, p.40).



Figura 2.6: Parque do Ibirapuera, por Oscar Niemeyer em São Paulo, SP. Ritmo regular das colunas em concreto armado (Fonte: Acervo da autora, 2010)



Figura 2.7: Marina da Glória no Rio de Janeiro, RJ. Ritmo regular da vegetação (Fonte: Acervo da autora, 2010)

A hierarquia é a acentuação de um determinado elemento em comparação aos demais (Ching, 2002, p.338). Nesse conceito não existe necessariamente uma afinidade entre os elementos e também não é, necessariamente, uma questão de tamanho, mas de dominação de um elemento sobre o outro. Portanto, estruturas organizadas através da hierarquia tendem a formar composições menos monótonas do que as não organizadas dessa forma. A hierarquia facilita a compreensão de composições complexas, auxiliando na inteligibilidade de uma composição formal, a partir da unificação, combinação de elementos em entidades maiores, simples e mais identificáveis (Reis, 2002, p.p.43-45) (Fig. 2.8 e 2.9).



Figura 2.8: Theatro São Pedro em Porto Alegre, RS. A parte saliente na fachada cria um foco de atenção, assim como marca o acesso ao prédio (Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Theatro-S%C3%A3o-Pedro.jpg>, acessado em dezembro, 2010)



Figura 2.9: Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro, RJ. O morro, ao fundo da imagem, está acentuado em relação aos outros elementos da paisagem (Fonte: Acervo da autora, 2010)

Assim, pretende-se investigar como a percepção do usuário quanto a textura, ritmo e hierarquia, numa cidade cuja paisagem é composta por ambiente construído e natural, influenciam na percepção do observador, assim como se a presença da paisagem natural pode interferir nessa percepção. No próximo item, são abordados os conceitos de contraste, simplicidade e complexidade.

(c) Contraste, simplicidade e complexidade

Segundo a literatura, como princípios relacionados à compatibilidade formal na relação entre elementos, estão o contraste (Arnheim, 1977, p.179; Reis, 2002, p.51), a simplicidade (Reis, 2002, p.55) e a complexidade (Stamps, 2000, p.p.104, 174-177; Arnheim, 1977, p.p.178-180; Reis, 2002, p.60).

O contraste acontece quando alguma característica formal se opõe ao todo, isso resulta no reforço da identidade das características formais dos elementos arquitetônicos através da oposição dessas (Reis, 2002, p.50) (Fig. 2.10).



Figura 2.10: Edifício Nationale Nederlanden, por Frank Gehry em Praga, República Tcheca. O volume de vidro contrasta com o plano vertical em alvenaria (Fonte: google imagens, acessado em agosto de 2012)

Todavia, o grau de contraste pode interferir na percepção de agradabilidade do usuário com a aparência do ambiente (Nasar, 1988, p.p.310-315). Em ambientes complexos, certos graus de contraste podem ser responsáveis por auxiliar o indivíduo na sua localização no espaço (Lozano, 1988, p.403). Também, o contraste pode ser utilizado para tornar uma composição mais interessante visualmente e para reforçar a identidade dos elementos (Reis, 2002, p.52).

Em áreas urbanas onde existam prédios históricos, o contraste entre o novo e o antigo pode contribuir para o reforço do simbolismo, pois enfatiza as características arquitetônicas desses em relação aos prédios contemporâneos do seu entorno. O contraste também pode ser negativo, por exemplo, em centros de comércio, quando as fachadas de prédios históricos são fragmentadas por anúncios comerciais sem considerar as características estéticas e simbólicas das edificações (Portella, 2003, p.64).

A simplicidade tem como objetivo reforçar a clareza na percepção das fachadas e dos volumes das edificações, através da minimização na quantidade de elementos arquitetônicos diferentes. Os fundadores da Gestalt observaram que os indivíduos, em dada circunstância, davam preferência às configurações mais simples às mais irregulares, portanto, esse tipo de organização formal tem a

tendência a configurar composições mais satisfatórias (Reis, 2002, p.p.54-55) (Fig. 2.11).



Figura 2.11: Residência em São José do Norte, RS. Simplicidade - duas janelas de tamanhos iguais e uma porta, em um único plano vertical, representam os elementos que compõe a fachada (Fonte: Acervo da autora, 2006)

O fator simplicidade faz parte deste estudo, tendo em vista que edificações históricas do período luso-brasileiro possuem volumes retangulares puros e simples, definidos pelos limites dos lotes e pelo número de pavimentos. Assim, pretende-se investigar quais os efeitos que a simplicidade dessas construções causa na percepção do usuário, em uma cidade composta por ambiente construído e natural.

A complexidade é a utilização de um grande número de elementos diferentes e um grande número de elementos ordenadores envolvidos em uma mesma composição (Reis, 2002, p.59; Weber, 1995, p.125). Cabe considerar que quanto mais complexa é a estrutura formal, maior é a necessidade de ordenamento dos elementos (Arnheim, 1977, p. 178; Kaplan, 1988, p.49) (Fig. 2.12).



Figura 2.12: Casa Batlló, por Antoni Gaudí, Barcelona, Espanha. Formas variadas que contrastam com o plano da fachada (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_Batl%C3%B3, acessado em agosto de 2012)

O grau de complexidade, neste estudo, depende da variação entre os elementos de uma composição arquitetônica e urbana. A composição mais complexa reúne mais focos de atenção, aumentando o interesse do indivíduo, pois há mais aspectos a serem explorados, possibilitando diferentes pontos de vista e interpretações ao observador (Reis, 2002, p.60; Nasar, 1988, p.30). Contudo, ultrapassando certo limite ideal de complexidade, o ambiente torna-se desordenado, assim como, se não atingido esse limite, o local torna-se monótono. Desse modo, o nível médio de complexidade é o considerado mais agradável (Nasar, 1988, p.303). Nesse sentido, alguns estudos como Weber (1995, p.123) e Lang (1997, p.196) relacionam o nível de complexidade e a agradabilidade num ambiente e estabelecem que a relação desses fatores acontece diretamente proporcional até um determinado ponto, no entanto, ultrapassando esse limite essa relação se torna inversamente proporcional.

Logo, considerando que o grau moderado de complexidade contribui para a qualidade visual de um ambiente, é que se constrói a seguinte hipótese: **para os usuários, residentes e não residentes, o grau moderado de complexidade, quando considerado a soma do ambiente construído com o natural, contribui para a qualidade visual das ruas investigadas.** Relacionado a essa hipótese busca-se: **(a)** identificar o quanto a variação dos elementos formais dos prédios e da paisagem natural contribui na avaliação da qualidade visual das ruas pelos usuários, residentes e não residentes; **(b)** identificar quanto à ordenação dos elementos formais e da paisagem natural contribui na avaliação da qualidade visual das ruas.

Cabe considerar que mesmo a complexidade sendo o oposto da simplicidade, que por sua vez ordena os elementos da arquitetura luso-brasileira, o local de estudo, além de ser um centro histórico, é também um centro de comércio. Nesse sentido, o estudo se propõe a identificar o grau de complexidade, devido a existência de intervenções contemporâneas e anúncios comerciais, e como esses aspectos influenciam na percepção do usuário.

Contudo, para que sejam definidas quais características físicas da paisagem estão associadas à complexidade da rua, são estudados alguns parâmetros formais que caracterizam esteticamente as edificações e a paisagem como um todo. Segundo Stamps (2000, p. 39), as fachadas das construções são descritas geometricamente em planos horizontais e verticais, e esses englobam os

parâmetros de (1) silhuetas, (2) articulação dos planos e, segundo Naoumova (2009, p.124); (3) a cor, que também pode contribuir para o aumento da complexidade de uma cena. Nesse sentido, esses aspectos também serão utilizados na avaliação da complexidade das ruas como um todo, ou seja, a avaliação do ambiente composto pelas edificações e a paisagem natural.

Assim, esse tipo de investigação traz subsídios que poderão ser aplicados para direcionar futuros estudos, pois permite identificar os principais fatores que podem ser manipulados para aumentar ou reduzir a percepção de complexidade num ambiente composto por paisagem urbana e natural. A seguir são apresentados os parâmetros que podem contribuir para o aumento da complexidade de um ambiente.

(1) silhuetas das fachadas e do ambiente natural

O atributo complexidade nas silhuetas, neste estudo, é entendido como as mudanças de direção, simetria, comprimento de linhas e variação de ângulos, que segundo alguns estudos sobre o ambiente construído são os estímulos mais relevantes para as análises (Stamps, 2000, p.40). Assim, nesta pesquisa, esses aspectos serão utilizados na avaliação da silhueta da paisagem do ambiente como um todo, ambiente construído e natural.

Desse modo, a complexidade das silhuetas das fachadas, é um atributo considerado muito importante na teoria da estética (Berlyne, 1960, 1974, 1973, Day, 1967 apud Stamps, 2000, p.40). Segundo Arnheim (1977, p.26), quando as silhuetas se projetam numa linha nitidamente horizontal, tendem a produzir um corte bruto entre as construções e o céu, ao contrário de quando se tem contornos mais irregulares. As linhas de silhueta correspondem ao perfil superior de cada prédio, aos telhados, quando visíveis; às platibandas e as relações com a paisagem natural, como a presença da água e vegetação (Fig. 2.13).



Figura 2.13: Silhueta do ambiente construído e natural (Fonte: Autora, 2012)

O Plano Diretor de Londres já trabalha com a ideia de preservação das silhuetas da cidade, visando a conservação das visuais dos marcos urbanos, e assim estabelecendo limites para novas edificações. Nesse sentido, também contribui na preservação das paisagens naturais, tais como visuais de rios e os ambientes naturais que envolvem os prédios (The London Plan, 2009, p.p.180-181).

Assim, nesse estudo, justifica-se a importância das silhuetas, tendo em vista que influenciam no grau de complexidade percebido pelo indivíduo, na construção de marcos urbanos, e por conseguinte na qualidade visual do ambiente. Os parâmetros considerados para a análise são: número de vértices e assimetria, que, conforme indica a revisão da literatura, influenciam na percepção de complexidade pelo usuário, e visuais de marcos urbanos e naturais. A análise é referente aos aspectos de contorno dessas visuais, estabelecidas pela pesquisa na área de recorte do estudo.

(2) articulação das fachadas

Segundo a literatura, tem-se uma noção vaga sobre quais atributos influenciam na percepção de compacidade de uma fachada, no que diz respeito a princípios de projeto arquitetônico. É um tema investigado por pesquisadores, tais como Burden, (1995), Ching (1996), Clark e Pause (1985), Hedman e Jaszewski (1984), Groat (1989), que parecem ter um consenso na ideia de que a compacidade é atribuída ao volume físico e sólido de um corpo ou do agrupamento de partes individuais ou elementos que compõe um corpo único de tamanho não especificado (Stamps, 2000, p.53).

Desse modo, para modificar a massividade arquitetônica, transforma-se um plano em uma forma côncava, ou projeta-se e recua-se partes do plano, ou seja, se abstrai ou se transforma elementos constituintes da estrutura original. Dois exemplos comuns da utilização desses princípios são as “bay Windows” ou sacadas (Stamps, 2000, p.53).

Nesse sentido, um estudo realizado por Stamps (1998 apud Stamps, 2000, p.p.53-54) analisou quanto a variação das características físicas pode influenciar na impressão de compacidade. Obteve como resultado que construções com grandes áreas visuais são consideradas mais compactas do que aquelas menores, assim como, a subdivisão da fachada em partes verticais, a presença de janelas, a

subdivisão do plano principal em distintos níveis de profundidade, a menor espessura dos elementos verticais; a maior verticalidade num volume e a existência de vegetação no primeiro plano contribuem para o aumento do grau de articulação das fachadas. A Tabela 2.1 ilustra esses aspectos do mesmo modo que constitui os fatores de análise dessa pesquisa.

Tabela 2.1: Fatores que interferem no grau de articulação das fachadas (Fonte: Adaptado de Stamps, 2000, p.54)

Reduz a articulação	Aumenta a articulação	Descrição
		Área da fachada
		Divisão em partes horizontais ou verticais
		Distribuição das aberturas
		Subdivisão de planos em níveis diferenciados
		Proporção global (horizontalidade ou verticalidade)
		Árvores em primeiro plano

(3) cor

Em estudos realizados por Norberg- Schulz (1971 apud Lang, 1996, p.p.18-19) foram feitas especulações sobre a natureza do espaço existencial, referindo-se a arquitetura como uma concretização desse espaço, esse é um conceito psicológico que denota um esquema de interação do homem com o ambiente. Desse modo, salientou que a cor é considerada uma das variáveis fundamentais da composição arquitetônica e que também pode atribuir significados simbólicos a determinados edifícios.

Assim, nessa pesquisa, será abordada a questão da cor como atributo da qualidade visual, a partir de suas propriedades de composição arquitetônica e na capacidade de atribuir significado às edificações.

2.2.1.3 Aspectos relacionados à paisagem natural que interferem na qualidade do ambiente

Neste estudo, a paisagem referente à natureza, intitulada paisagem natural, é aquela que se formou sem a intervenção humana, como lagunas, lagos, dunas, oceanos e etc... No entanto, se compreende que esses ambientes não são estáticos, têm sua dinâmica e, em muitos casos, são influenciados pela ação humana.

Segundo Lang (1987, p.79) o ambiente natural gera sobre o usuário diversos estímulos tais como: a luz que permite enxergar, as vibrações que permitem ouvir, e a propagação de substâncias que permitem os odores. Esses estímulos podem ser tidos pelo indivíduo como agradáveis ou desagradáveis; por exemplo, alguns odores são extremamente desagradáveis, enquanto outros são muito agradáveis. Por consequência disso, a paisagem natural é fonte de muitas experiências por proporcionar interação com a luz, o calor, os sons, os odores e os contatos físicos. Assim, a percepção desses estímulos promove as sensações do usuário no ambiente, mesmo inconscientemente (Okamoto, 2002, p. 27).

A proximidade com as paisagens naturais confere às áreas de zonas costeiras condições privilegiadas aos assentamentos urbanos, industriais, portuários e turísticos (Gautério, C., 1997, p.1). Outros exemplos podem indicar a associação dos elementos naturais à influência na ocupação de uma área, como, por exemplo, em Lincoln e Nebraska, nos Estados Unidos, onde a ocupação em morros pode significar status e salários altos, enquanto que no Rio de Janeiro a preferência é pelas praias, o que transforma os morros em periferias e favelas (Rapoport, 1978, p.73). Ademais, pode-se associar também a presença da paisagem natural na criação de uma imagem positiva pelo indivíduo, como no caso da presença de árvores . Além disso, algumas experiências do indivíduo em cenários naturais parecem ter um valor restaurador, pois promovem o relaxamento e estimulam os sentidos. Desse modo, é de suma importância documentar o valor psicológico dessas experiências e levantar questões sobre o seu poder para melhora da qualidade de vida das pessoas (Carr et al., 1992, p.p.225-226).

É importante considerar que há evidências de que mesmo as experiências passivas com a natureza podem ter valor terapêutico. Outro exemplo está nos experimentos de Ulrich e Simons (1986 apud Carr et al., 1992, p.226), que realizaram simulação, através de vídeo, para testar a reação de pessoas ao verem imagens de

ambientes naturais e ambientes construídos. Eles descobriram que os participantes se recuperaram significativamente mais rápido e inteiramente do stress quando expostos a imagens do ambiente natural, ao invés de ambientes construídos. Em outro estudo, Ulrich comparou as taxas de recuperação de pacientes em um hospital. Ele descobriu que os pacientes cirúrgicos em um hospital da Pensilvânia com janelas olhando para uma cena natural tiveram estadias mais curtas no pós-operatório, avaliaram mais positivamente o atendimento, e tomaram menos medicamentos que os pacientes em quartos semelhantes diante de uma parede de um edifício de tijolos.

Outra importante contribuição dos estudos que abordam o tema paisagem natural foi realizada por Fenton (1988, p.339) que analisou a paisagem natural versus a paisagem que sofreu intervenção do homem, indicando que para o usuário utilizar o local onde ocorreu a intervenção é necessário que o ambiente possua espaços para sentar, árvores e/ou espaços para piquenique.

Em relação ao conceito do que é qualidade ambiental, se constroem duas interpretações: a primeira refere-se a questões como poluição do ar e das águas, superpopulação, radiação, dentre outras, que são os aspectos bioquímicos e materiais do meio ambiente físico. A segunda interpretação refere-se a aspectos mais sutis do meio natural e do meio construído pelo homem; são os efeitos positivos ou negativos do meio nos sentimentos e conduta dos indivíduos. São efeitos que poderiam ser chamados de psicológicos e socioculturais (Rapoport, 1978, p.73). Desse modo, nas paisagens naturais, existe uma classificação estética fundamental, por exemplo: colorido, belo, natural ou primitivo; e também complexo, rugoso, delicado e simples (Calvin et al., 1972; Shafer, 1969, Shafer; Burke, 1965 apud Rapoport, 1978, p.93).

Assim, investiga-se nesta pesquisa variáveis relacionadas à paisagem natural, são elas: a presença da água, a vegetação, os espaços abertos próximo à Laguna dos Patos e as visuais das ruas para a laguna, estipuladas para que se compreenda a percepção dos usuários em relação à influencia dessa paisagem sobre o espaço construído e vice-versa.

2.2.1.4 Aspectos relacionados ao ambiente construído que interferem na qualidade do ambiente

Alguns estudiosos trabalham com a idéia de que o ambiente físico interage com a percepção humana evocando uma experiência estética. Assim, os aspectos físicos do ambiente influenciam como o indivíduo vai interagir no local e quais são as suas atitudes naquele espaço (Isaacs, 2000, p.p.145-146).

Como dito anteriormente, a qualidade visual de um ambiente está diretamente associada ao grau de ordenamento dos elementos do espaço (Stamps, 2000, p.p.49-51; Weber, 1995, p.p.113,126; Nasar, 1988, p.p.6-7; Arnheim, 1977, p.162).

No entanto, há um outro aspecto que deve ser considerado no ambiente construído é a boa conservação das fachadas das edificações. Estudos realizados por Reis e Lay (2003), em conjuntos habitacionais da região metropolitana de Porto Alegre, no Brasil, apontam que as principais razões para a insatisfação dos moradores com a qualidade estética das áreas externas dos conjuntos habitacionais estão associadas à deficiência da manutenção das fachadas. Assim, entende-se que, nesse estudo, a manutenção das fachadas das edificações também seja um aspecto relevante para estudos sobre o ambiente construído.

Desse modo, para a caracterização dos imóveis inventariados é utilizada a escala criada por Oliveira e Seibt (2005, p.p.71-73), que classifica os imóveis quanto ao grau de descaracterização em íntegro, grau 1, 2, 3 e 4. A escala é apresentada abaixo:

- (a)** íntegro: é aquele imóvel que possui suas características originais preservadas;
- (b)** grau 1: Descaracterização Leve – imóvel que possui acréscimos que podem ser facilmente retirados;
- (c)** grau 2: Descaracterização Média – imóvel que possui acréscimos de marquises, pedras e alteração de vãos, que são alterações profundas porém reversíveis;
- (d)** grau 3: Descaracterização Profunda – alteração da linguagem formal e características tipológicas, encontrando-se irreversivelmente alteradas as características do estado original;
- (e)** grau 4: intervenção de descaracterização máxima, demolição.

Cabe considerar que grau de descaracterização é diferente de grau de conservação do imóvel, onde o primeiro refere-se às alterações das características tipológicas de um imóvel inventariado e o segundo ao grau de conservação da

fachada, ou seja, se existe boa manutenção dos materiais. Desse modo, uma edificação pode ser caracterizada como íntegra, porém com um grau de conservação ruim. A escala de classificação do grau de conservação é dada pelos seguintes pontos: ótimo, bom, regular, ruim, ruína e obra.

Portanto, no próximo item será abordado como se dá o processo de apreensão e avaliação da qualidade visual do ambiente construído e natural pelo indivíduo, preferências e nível de satisfação do usuário com o espaço e as dimensões das avaliações estéticas, assim como uma reflexão sobre a subjetividade e objetividade dessas avaliações. No entanto, cabe salientar, que segundo Gibson (1979, p. 197 apud Isaacs, 2000, p.147) cada objeto é visto de todos os lados e conectado ao seu entorno; logo, os aspectos relacionados ao ambiente construído e natural, neste estudo, se relacionam para formar a imagem que o usuário possui do ambiente como um todo.

2.2.2 Apreensão e avaliação da qualidade visual do ambiente construído e natural pelo indivíduo

O processo de apreensão e de avaliação da qualidade visual do ambiente natural e construído envolve duas etapas descritas como complementares: a percepção e a cognição. A percepção é um processo, vivenciado por todas as pessoas, que visa obter informações de e sobre o entorno em que estão inseridas (Lang, 1987, p.85), resultando diretamente de um padrão de estímulos provocados, por exemplo, pelo objeto arquitetônico. Por sua vez, a cognição consiste no armazenamento e interpretação da informação recebida, à qual é atribuído significado, com base em conceitos como experiência prévia, cultura e valores. É um processo cumulativo, pois se forma através da experiência cotidiana (Reis; Lay, 2006, p.p.22-23; Lang, 1987, p.p.86-92).

Desse modo, existem pré-requisitos subjetivos para que se dê a apreensão dos lugares, tais como o desenvolvimento perceptivo do indivíduo, o modo de locomoção e posicionamento adequados, iluminação propícia, e etc... Assim, a relação do indivíduo com o espaço será sempre na busca de orientação e identificação, estabelecendo um aprendizado permanente (Kohlsdorf, 1996, p.p.70-71).

A teoria da percepção, numa primeira abordagem, foca na recepção das experiências sensoriais (Lang, 1987, p.86). Dessa forma, primeiramente, o termo 'percepção' tende a ser associado à percepção visual, em função da visão ser o sentido dominante nos seres humanos, por fornecer mais informações que os demais ainda que combinados. Por exemplo, som, cheiro e tato não respondem por mais de 10% do estímulo sensorial, enquanto que 80% é estímulo visual (Porteous, 1996 apud Reis; Lay, 2006, p.23). Assim, nessa abordagem, a percepção é autônoma e independente de qualquer influência exercida pelos esquemas cognitivos do indivíduo ou pelos processos cognitivos internos, como imaginação, memória e reconhecimento (Weber, 1995, p.p.74-77).

A segunda abordagem que conceitua o termo percepção é adotada por diversos autores (Downs, Stea, 1973, Ittelson, 1973, 1978, Rapoport, 1977 apud Reis; Lay, 2006, p.23) e relaciona o conceito de percepção como a totalidade do processo de interação do usuário com o ambiente construído, envolvendo a etapa de recepção dos estímulos pelos sentidos e a etapa de envolvimento de vários fatores registrados na memória e na personalidade de cada um. Ainda, segundo Lang (1987, p.79), percepção é um processo físico e psicológico que tem como objetivo obter informações sobre o ambiente.

Pelo processo cognitivo é que as sensações adquirem valores, significados e formam uma imagem do ambiente, o que envolve necessariamente reconhecimento, memória e pensamento (Weber, 1995). Desse modo, a compreensão dos processos de cognição e afeto pode trazer importantes contribuições para a compreensão da estética ambiental e das escolhas que as pessoas podem fazer no uso do ambiente (Lang, 1987, p.93). Ademais, é importante compreender que nas cidades o fenômeno de construção de identidade e orientação do indivíduo é dependente da quantidade e qualidade da informação fornecida pelo lugar (Kohlsdorf, 1996, p.71).

Assim, a cognição é um fator importante como mediador entre o indivíduo e o ambiente, dessa forma a relação entre os estímulos percebidos e as experiências prévias, como valores e motivações, formam o que se pode chamar de imagem mental do ambiente a partir de uma representação do ambiente real (Fig. 2.14). O produto final desse processo de formação de imagem é avaliado como positivo ou negativo pelo indivíduo e traduzido na forma de atitudes (mentais) e comportamentos (reações físicas) no ambiente (Gollledge; Stimson, 1996, p.191).

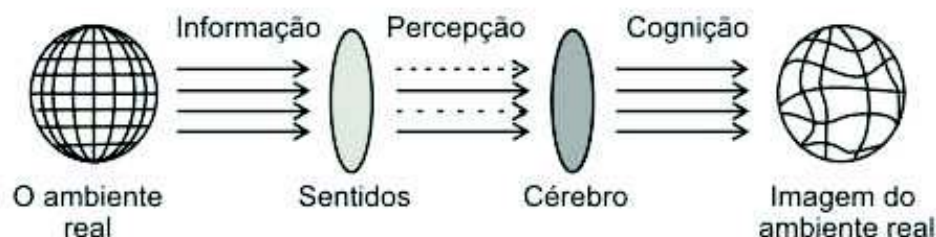


Figura 2.14: Processo de formação de imagens (Fonte: adaptado de Golledge; Stimson, 1996)

Por conseguinte, de maneira geral, o conceito de percepção é compreendido tanto como uma experiência exclusivamente sensorial do indivíduo quanto como uma experiência caracterizada pelo conjunto de informações e valores, traços de memória e personalidade que o indivíduo dispõe sobre o ambiente. No entanto, cabe ressaltar a importância da diferenciação da experiência sensorial da cognitiva para fins de avaliação e intervenções arquitetônicas e urbanas (Reis; Lay, 2006, p.23).

Nesse sentido, a Teoria da Gestalt, utilizada nesta pesquisa, avalia a qualidade visual de uma paisagem ambiental pela ordenação de seus elementos e se adapta ao conceito de percepção como uma experiência sensorial, ou seja, considera que as associações de padrões visuais do ser humano não são subjetivas (Lang, 1987, p.89). Porém, devido ao fato desse estudo considerar os aspectos simbólicos da paisagem ambiental e amparado pela Teoria Ecológica que defende a idéia de que o indivíduo é influenciado pela sua experiência prévia quando percebe o ambiente, ou seja, tendem a prestar a atenção no que é conhecido ou no que estão motivados a conhecer, e isso é dependente das suas experiências anteriores (Lang, 1987, p.86; Reis; Lay, 2006, p.24) é que se justifica a utilização dos processos de cognição e percepção na avaliação do cenário urbano, composto por construído e natural. Em síntese, parte-se do pressuposto de que a Teoria da Gestalt influenciou o planejamento urbano nos últimos anos, mas que muito se tem difundido ideias de como o mundo pode ser percebido em relação a outras teorias, como por exemplo, a Teoria Ecológica (Lang, 1987, p.86).

Desse modo, será aceito, neste estudo, que a percepção é tratada unicamente como sensorial, o que é exposto pela Teoria da Gestalt, porém quando relacionada a uma experiência direta com o ambiente, o processo cognitivo será complementar à percepção. Assim, mesmo que se tenha assumido que percepção e

cognição são processos que fazem parte de um mesmo evento, para fins de aplicação, a percepção ocorre antes do processo de cognição, ou seja, antes do indivíduo ter consciência do significado e do valor daquele objeto (Reis; Lay, 2006, p.p.23-24).

Neste estudo parte-se do pressuposto que a distinção entre forma e significado é justificada com base na distinção entre percepção e cognição. Segundo Kohlsdorf (1996, p.72) a forma dos lugares é o atributo mais importante de emissão de informação para a avaliação do espaço, e que sua recepção e interpretação acontece principalmente pelo sistema visual e por fim, como dito anteriormente que mais de 80% do estímulo do indivíduo é visual é que se constrói a abordagem dessa pesquisa. Desse modo, o estudo centra-se na avaliação da qualidade visual do ambiente a partir dos estímulos visuais desse ambiente percebidos pelo usuário e do significado atribuído por ele.

2.2.2.1 Preferências e níveis de satisfação do indivíduo com a paisagem do ambiente

Os julgamentos de preferência estão diretamente associados à satisfação do indivíduo com o ambiente. A preferência, por sua vez, tem sido comumente abordada como um diferencial entre o ambiente real e o ambiente desejado, onde as semelhanças ou diferenças entre esses ambientes fornecem a medida de satisfação do usuário (Stamps, 2000, p.35; Reis; Lay, 1995, p.9). Isso acontece devido ao fato da percepção do ambiente ser também influenciada pelas expectativas e aspirações que essas geram e pela organização mental do ambiente percebido (Rapoport 1978, p.p.40-41).

Outras investigações focaram-se nas interpretações evolutivas das preferências ambientais: Appleton (1996) sugeriu que o indivíduo prefere ambientes que forneçam oportunidades à satisfação das necessidades básicas, tais como de proteção e segurança; Stephem e Rachel Kaplan (1987) apud defenderam que a preferência está relacionada a fatores de mobilidade, tais como a oportunidade de deslocamentos, bem como a identificação de novos elementos na paisagem (Stamps, 2000, p.96). Lowen (1984 apud Okamoto, 2002, p. 160) reforça essa ligação do estado de prazer a quando os movimentos do corpo fluem livres, ritmicamente e em harmonia com seu ambiente.

Assim, o conceito de satisfação é essencial nas avaliações de aspectos do ambiente construído. Desse modo, o sucesso ou o fracasso dessa avaliação está fortemente vinculada às reações emotivas dos seus usuários, ou seja, quando existe um alto grau de satisfação entre os usuários é porque existe bom desempenho ambiental e vice-versa (Reis; Lay, 1995, p.10). Ademais, Lang (1987, p.85) diz que o comportamento do indivíduo, movido pela motivação, é a ação direta da satisfação das necessidades humanas no ambiente.

Desse modo, considerando que os conceitos de preferência e satisfação, podem estabelecer comparações entre os aspectos da paisagem do ambiente será possível identificar quais contribuem para o interesse dos usuários em relação a essa paisagem. Assim, são conhecidos quais aspectos influenciam na qualidade visual e qual a importância desses na satisfação do indivíduo com o espaço.

2.2.2.2 Resposta avaliativa sobre o ambiente

Os julgamentos que podem influenciar a escolha por um determinado ambiente, as atividades que lá serão realizadas e o possível retorno ao local, são chamados de avaliação afetiva. Assim sendo, a avaliação afetiva ocorre quando o indivíduo julga algo utilizando qualidades afetivas, tais como: prazeroso, simpático, excitante, dentre outros, ou seja, quando o indivíduo atribui qualidades afetivas a um lugar (Russell, 1988, p.p.120-121). Pesquisas realizadas identificam a agradabilidade e o interesse como as dimensões avaliativas de maior ocorrência em relação à qualidade de um ambiente construído e natural (Stamps, 2000, p.p.35,79; Nasar, 1988, p.301; Russell, 1988, p.122).

Desse modo, a representação das relações existentes entre as dimensões das avaliações estéticas, ou seja, de seus componentes básicos que são a agradabilidade e o interesse são ilustradas pelo diagrama adaptado de Stamps (2000, p.79) e Russell (1988, p.122) (Fig. 2.15).



Figura 2.15: Representação espacial das dimensões avaliativas do ambiente (Fonte: Adaptado de Stamps, 2000, p.79 e Russell, 1988, p.122)

(1) Agradabilidade

De acordo com a literatura (Stamps, 2000, p.79; Russel, 1988, p.122) os indivíduos podem expressar seus sentimentos de modo positivo, neutro ou negativo. A agradabilidade, por sua vez, pode ser expressa pelos adjetivos “agradável”, “neutro” ou “desagradável”, sendo que o oposto da agradabilidade não é a sua abstenção e sim a desagradabilidade (Stamps, 2000, p.79). Segundo Nasar (1988, p.301), a agradabilidade diz respeito ao sentimento de prazer propriamente dito, relacionado aos sentidos.

Se as relações geométricas de um objeto ou espaço estão de acordo com as relações lógicas da cognição humana, esse objeto terá um tipo de organização formal considerada agradável pelo indivíduo, estabelecendo uma conexão entre as formas geométricas e a estrutura cognitiva do observador (Stamps, 2000, p.p.73-74).

As avaliações individuais das características dos objetos ou elementos de um ambiente não podem predizer os modos de comportamento, entretanto a combinação dessas pode dar indicações muito próximas das atitudes e reações do indivíduo frente ao meio urbano (Osgood, 1971 apud Nasar, 1988, p.302). Em função disso, Nasar (1996 apud Nasar, 1988, p.301) em um de seus estudos, utilizou questionários como técnica de investigação, onde os respondentes indicavam, através de uma escala semântica, o quanto gostariam de passear, visitar ou passar o tempo em um determinado local, levando em consideração as suas características físicas. Essa escala semântica, pode ser de cinco pontos, por exemplo, muito bonito, bonito, nem bonito nem feio, feio, muito feio, já foi testada em

outros estudos (Sommer e Sommer, 2002, p.p.165-168; Stamps, 2000, p.97; Nasar, 1988, p.p.286,302) e foi utilizada nesta dissertação.

Neste trabalho, a dimensão de agradabilidade é um instrumento de investigação, que visa estabelecer quais ruas, edificações, visuais e espaços públicos são mais agradáveis ao usuário, construindo assim padrões de referência que sirvam como subsídio para a elaboração de diretrizes de desenho urbano na cidade caso de estudo.

(1) Interesse

O interesse é um dos componentes básicos dos sentimentos, assim como agradabilidade (Stamps, 2000, p.79; Russell, 1988, p.122). A partir do componente interesse se define o estímulo oposto, ou seja, a falta de interesse, que corresponde à apatia do indivíduo frente ao objeto ou ao ambiente em questão (Stamps, 2000, p.p.75-76).

Nos estudos de Russell (1981 apud Nasar, 1988, p.301) a agradabilidade é um atributo puramente avaliativo, enquanto a excitação e a tranquilidade, envolvem o interesse e a avaliação. Por exemplo, um local excitante é considerado mais agradável e interessante que um local melancólico, e um lugar tranquilo é mais agradável e menos interessante do que um enfadonho.

Ademais, segundo Ferreira (1999 apud Portella, 2003, p.36) o termo 'agradável' significa algo aprazível, que dá prazer aos sentidos, enquanto 'interesse' significa algo atraente, simpático, que prende a atenção, a curiosidade e cativa o espírito. Dessa forma, algo que desperta a atenção do observador, ou algo interessante sendo independente da agradabilidade. Nesse contexto, um ambiente pode ser interessante por determinadas características, mas caracterizado por desagradável (Nasar, 1988, p.301). Assim sendo, o componente interesse será avaliado neste estudo, abordando a paisagem composta por ambiente construído e natural de modo conjunto.

2.2.2.3 Aspectos subjetivos e objetivos nos julgamentos avaliativos

Um fator importante é saber distinguir expressões subjetivas de objetivas quando analisados os julgamentos avaliativos. Segundo Stamps (2000, p.p.29,35-37), a clareza sobre essas expressões é relevante aos estudos urbanos, bem como

nas definições de normas de desenho, pois nessas é necessário evitar a vagabilidade e ambiguidade dos termos utilizados.

Os julgamentos estéticos são baseados em sentimentos de agradabilidade ou desagradabilidade, interesse ou falta de interesse, que para Kant (1790 apud Stamps, 2000, p.35) são elementos subjetivos de avaliação. Assim, os elementos subjetivos são os fatores que intervêm nos sentidos internos, nas motivações e na interpretação dos fatos que dão origem às ações externas do indivíduo (Okamoto, 2002, p. 13). Isso ocorre devido ao julgamento estético ser concebido através de sentimentos em relação aos aspectos formais de um ambiente e uma consequência disso é que sentimento não descreve características físicas e sim somente o que as pessoas sentem (Stamps, 2000, p.34).

Assim, o senso comum tende a julgar um lugar como: “Este lugar é bonito”, o que de acordo com Kant (1790 apud Stamps, 2000, p.35) é incorreto, tendo em vista que o sentimento refere-se a aspectos subjetivos. Logo, seria correto dizer, quando se quer expressar a beleza de um lugar: “Eu sinto-me bem, feliz, encantado, ... neste lugar”. Uma forma de fazer uma distinção entre aspectos subjetivos e objetivos do julgamento estético é tentar inserir um adjetivo de acordo com o seguinte formato: “Eu sinto-me ____ nesse lugar”, descrevendo apenas a sensação que o indivíduo sente ao estar em determinado lugar.

Os elementos subjetivos, portanto os sentimentos estimulados no indivíduo, e os objetivos, ou seja, as características físicas do que é percebido, devem ser analisados de modo que os instrumentos de pesquisa sejam elaborados adequadamente às metas pretendidas: no *Design Review*, por exemplo, é importante descrever as características que o objeto tem ou deverá ter, e não o sentimento que despertará no observador, evitando, desse modo, interpretações equivocadas (Stamps, 2000, p.p.35-37). Segundo Kant (1790 apud Stamps, 2000, p.p.35-37), as características físicas dos objetos devem ser descritas em termos de materiais, localizações ou relações matemáticas. Portanto, de acordo com Stamps (2000, p.37), as descrições devem ser realizadas da seguinte maneira: A frase “Novas construções devem se harmonizar com as pré-existentes” seria descrita corretamente da seguinte forma: “Uma construção oito vezes maior em altura do que as demais faz o conjunto arquitetônico parecer negativo, visualmente”, ou seja, na

primeira o sentimento fundamenta a descrição e na última as características físicas é que a baseiam (Stamps, 2000, p.37).

Portanto, apesar de serem utilizados instrumentos que indagam ao indivíduo que tipo de sentimento ele sente frente a uma determinada paisagem do ambiente, para identificar a preferência e satisfação do usuário frente aos aspectos construídos e naturais, os resultados obtidos neste estudo são direcionados a respostas que enfatizem as características objetivas e físicas desse ambiente.

No próximo item são apresentados estudos que investigam como o desempenho morfológico das cidades pode influenciar na percepção e na imagem mental do observador. Essa abordagem se dá pelo fato da pesquisa abordar questões do ambiente construído e natural como um todo.

2.2.3 O desempenho morfológico das cidades na percepção e na imagem mental do indivíduo

Alguns estudos, tais como Lynch (2006), Cullen (2006) e Kohlsdorf (1996) tratam do desempenho morfológico das cidades, e do fato dessa morfologia ter ou não alguma importância na percepção do indivíduo e na possibilidade de que a sua modificação possa alterar positivamente ou negativamente essa percepção. Assim, segundo Cullen (2006, p.10), se o meio-ambiente suscita reações emocionais é necessário saber como isso se processa. O autor indica três aspectos a considerar, conforme a seguir: (1) Visuais; (2) Local; e (3) Conteúdo.

(1) Visuais: esse conceito diz que por mais que um indivíduo se movimenta a passos uniformes, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas que são entendidas como Visão Serial. Assim, o cérebro humano reage ao contraste, às diferenças entre as coisas, e quando isso não se verifica numa cidade, ela passa despercebida, tornando-se sem uma característica definida, um lugar amorfo (Cullen, 2006, p.11) (Fig. 2.16).

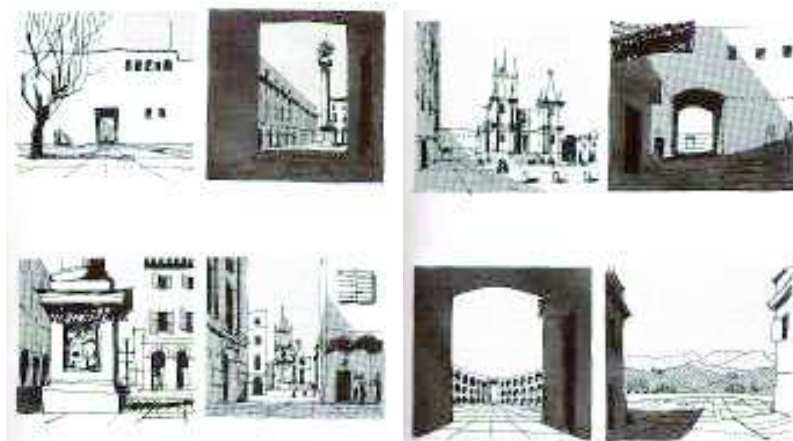


Figura 2.16: Percurso identificando diversos pontos de vista, exemplificado por croquis (Fonte: Cullen, 2006, p.19)

(2) Local: diz respeito às reações do indivíduo em relação a sua localização no espaço. Podem ser associadas às reações ligadas às sensações nos espaços abertos e fechados. Essas relações fazem supor que se os espaços urbanos fossem projetados sobre a ótica do indivíduo que se desloca a pé ou de automóvel passaria a ser uma experiência plástica, criando percursos em zonas fechadas e vazios, contrastes entre espaços amplos e delimitados, alternância entre situações de tensão e tranquilidade (Cullen, 2006, p.p.11-12).

(3) Conteúdo: relaciona-se com a constituição da cidade, a sua cor, textura, escala, estilo, natureza, individualidade, ou seja, tudo que a individualiza (Cullen, 2006, p.p.10-14).

Assim, entende-se que a percepção do indivíduo depende das visuais proporcionadas pelo espaço; da localização do indivíduo nesse; e dos aspectos que constituem a forma das cidades; adicionado ao que diz Kohlsdorf (1996, p.77) que a percepção dos lugares se dá pelo deslocamento do corpo do observador no espaço, e as análises de Lynch (2006, p.1) que dizem que a cidade deve ser vista sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis.

Logo, considerando que os efeitos topológicos e perspectivos da cidade influenciam na percepção do usuário no ambiente e que o papel do movimento do observador no espaço é de fundamental importância na avaliação do lugar pelo indivíduo, é que se constrói a seguinte hipótese: **existe uma forte influência dos efeitos topológicos e perspectivos do ambiente sob a preferência e avaliação dos usuários, residentes e não residentes, em relação às ruas.** Relacionado a

essa hipótese também é investigado: (a) quais efeitos topológicos e perspectivos influenciam em maior proporção sobre a percepção dos usuários.

Desse modo, neste estudo, é avaliado a percepção do usuário na cidade a partir do movimento dele no espaço, levando em consideração as características morfológicas do local e os campos visuais. Isso ocorre devido ao fato desta avaliação levar em consideração a interação dos aspectos do ambiente construído e da paisagem natural; portanto, nesse caso, é importante avaliar as visuais que constituem a morfologia da cidade.

A partir do apresentado acima se estabelecem duas vertentes de análises nesta dissertação, a primeira sobre como os efeitos topoceptivos dos lugares influenciam a percepção do indivíduo, e a segunda sobre como a morfologia das cidades influencia na construção da imagem mental do observador. Essas vertentes são discutidas a seguir.

2.2.3.1 Análise do desempenho topoceptivo na percepção do usuário

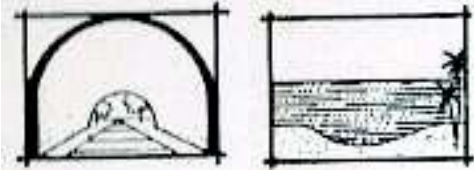
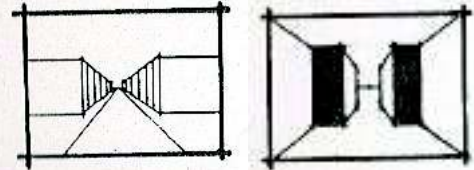
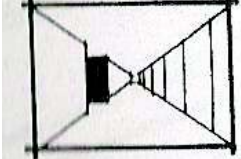
Segundo Lynch (2006, p.2) na percepção da cidade pelo usuário quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é a combinação de todos eles. Assim, o processo de formação de imagens depende do funcionamento do aparelho visual e do sistema central do observador, do movimento e da iluminação, depende também da qualidade e quantidade de informações existentes no espaço. Sabe-se que o nível de informação não deve ser excessivamente alto ou baixo e que o indivíduo não capta todas as imagens durante o percurso, mas apenas as que possuem o nível de estímulos visual apropriado (Kohlsdorf, 1996, p.77).

Desse modo, para entender o papel desempenhado pelas imagens ambientais na vida urbana, Lynch (2006) examinou detalhadamente algumas áreas citadinas e conversou com seus habitantes. Assim, foi possível descobrir que algumas formas contribuem para dar maior força à imagem mental de modo a sugerir alguns princípios de desenho urbano. Sendo assim, a análise da forma existente e de seus efeitos sobre os indivíduos é um dos princípios para o desenho das cidades (Lynch, 2006, p.17).

A partir de seus estudos Kohlsdorf (1996) construiu uma metodologia que tem como objetivo representar e revelar os atributos morfológicos dos lugares que sejam relevantes à avaliação do seu desempenho visual, e indicar quais atributos tem

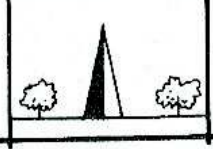
como objetivo orientar o usuário do espaço e quais podem ser identificados por meio de sua configuração. Desse modo, a autora reuniu dois grupos de efeitos, os topológicos e os perspectivais. O primeiro grupo representa elaborações a partir das referências topológicas básicas do corpo humano: à frente/ atrás; acima/abaixo; ao lado; à direita/à esquerda, etc...; e o segundo parte do pressuposto que os elementos estruturantes das ruas se organizam, pelo usuário, por perspectivas cônicas. A tabela 2.2 exemplifica os efeitos topológicos existentes nas cidades.

Tabela 2.2: Quadro síntese dos efeitos topológicos (Fonte: Adaptado de Kohlsdorf, 1996, p.102)

EFEITOS TOPOLÓGICOS	DESCRIÇÃO
Envolvimento e Amplidão 	O efeito de envolvimento é aquele experimentado em um espaço limitado por elementos físicos suficientemente marcantes e que estão em quase todos os lados do observador, porém possibilitam a visualização do interior para o exterior. Já o efeito de amplidão é oposto do anterior, acontece em espaços onde os limites físicos e do campo visual são indefinidos ou distantes (Kohlsdorf, 1996, p.p.89-90). Cullen define o conceito como exterior e interior (Cullen, 2006, p.187).
Alargamento e Estreitamento 	Esses efeitos topológicos acontecem quando as paredes que delimitam lateralmente o espaço tendem a se afastar ou se aproximar do observador (Kohlsdorf, 1996, p.89). Segundo Cullen (2006, p.47) o estreitamento acontece devido à aproximação de dois edifícios, criando um espaço que se contrapõe a lugares mais amplos, construindo assim, uma atmosfera de recinto, sem impossibilitar a passagem de pedestres ou automóveis.
Alargamento parcial 	Acontece quando uma das superfícies de delimitação do espaço se localiza mais afastada ou mais próxima do observador que a outra (Kohlsdorf, 1996, p.92).

Existem também os efeitos que antecedem os efeitos descritos anteriormente e são chamados de preparação para alargamento, para estreitamento, para envolvimento, para amplidão, para alargamento lateral e estreitamento lateral e ocorrem quando esses efeitos estão sendo visualizados fora do lugar onde se situa o observador, ou seja, prenunciam o evento que está por vir. Desse modo, são chamados de efeitos topológicos ilegítimos ou virtuais (Kohlsdorf, 1996, p.94). A tabela 2.3 exemplifica os efeitos perspectivais existentes nas cidades.

Tabela 2.3: Quadro síntese dos efeitos perspectivivos (Fonte: Adaptado de Kohlsdorf, 1996, p.102)

EFEITOS PERSPECTIVOS	DESCRIÇÃO
Direcionamento 	Configura-se quando se enfatiza a continuidade longitudinal do espaço pela estrutura alongada e bem definida dos planos laterais, esse efeito se configura mais claramente quando as paredes laterais do espaço não são paralelas (Kohlsdorf, 1996, p.96). Cullen (2006, p.45) classifica esse efeito como “deflexão”.
Impedimento 	Acontece quando a visual é interrompida, ou seja, existe um obstáculo, mas que é transponível pela visão (Kohlsdorf, 1996, p.96). Cullen (2006, p.37) classifica esse efeito como “aqui e Além”.
emolduramento 	É o enquadramento da visual da paisagem (Kohlsdorf, 1996, p.97).
mirante 	É o nome dado ao lugar que é privilegiado pelas visuais que proporciona (Kohlsdorf, 1996, p.96).
realce 	É o efeito que atrai o indivíduo para um elemento da cena observada (Kohlsdorf, 1996, p.100). Cullen (2006, p.28) classifica esse efeito como Ponto Focal.

Outros efeitos perspectivivos podem ser descritos por: (i) visual fechada: fecha a perspectiva de modo pouco profundo, fechando-a com um plano paralelo e muito próximo ao observador; (ii) conexão: é o efeito que mostra descontinuidade nas paredes laterais do espaço, dessa forma, tem-se um recinto não mais inteiramente contido; e (iii) efeito em y: acontece quando o objeto faz uma bifurcação do espaço (Kohlsdorf, 1996, p.p.96-100).

Além dos efeitos topológicos e perspectivivos pode-se também considerar os efeitos semânticos, que são aqueles que qualificam um lugar a partir de seus sinais, provenientes da composição plástica, captados pelo observador. Nesse sentido, a principal qualidade semântica é a legibilidade, porque possui a capacidade de guiar o usuário no espaço (Kohlsdorf, 1996, p.210).

Ademais, a legibilidade do ambiente se utiliza de outras três qualidades semânticas das quais depende o seu desempenho, são elas: individualidade, continuidade e pregnância. A individualidade é a maneira singular e inconfundível que uma forma se apresenta; a continuidade é associação de partes de elementos interdependentes; e por fim a pregnância, que é a qualidade em que a Lei da Gestalt se apóia, e que trata-se da qualidade que um objeto possui de ser facilmente identificável (Kohlsdorf, 1996, p.p.100,211; Gomes Filho, 2009, p.p.36-37).

Assim, nesta dissertação, será abordado o conceito de pregnância da forma, como já dito anteriormente, e também as seguintes qualidades semânticas (Kohlsdorf, 1996, p.212-213):

- (1) Clareza: nitidez da configuração do espaço;
- (2) Dominância: supremacia de determinado elemento sobre outros;
- (3) Originalidade: maneira única de ser de um objeto;
- (4) Associatividade: organização de um conjunto de elementos a partir de uma cadeia de relações mentais, espaciais e temporais;
- (5) Complexidade: acontece quando existe um grau perceptível de variação dos elementos entre si;
- (6) Variabilidade: quando elementos ou situações espaciais possuem a capacidade de se adaptarem e se transformarem.

A partir do conhecimento desses efeitos pode-se construir um gráfico simbólico para o registro sequencial associando marcações de tempo, distância percorrida e elementos morfológicos contidos nos campos visuais. Para isso se utiliza a marcação de estações, que são os locais onde há registros perceptivos nas sequências de deslocamento e onde contém os cones ou campos visuais percebidos (Kohlsdorf, 1996, p.p.77,105). Halprin foi um dos primeiros estudiosos a construir esse tipo de gráfico e seus estudos influenciaram diversos pesquisadores na Europa nas décadas de 60 e 70, tais como Thiel, Kossak, Sieverts e Zimmermann e Koerte (Kohlsdorf, 1996, p.105). Na sequência do texto é apresentado como o desempenho topoceptivo na imagem mental do indivíduo pode influenciar nas avaliações dos espaços urbanos.

2.2.3.2 Análise do desempenho topoceptivo na formação da imagem mental

A pesquisa em questão também tem como objetivo compreender a imagem mental que os habitantes tem da cidade, para isso são analisados os aspectos positivos e negativos encontrados nessas imagens para que sirvam como subsídios na construção de novas diretrizes de planejamento do centro urbano. Segundo Lynch (2006, p.3) a qualidade visual a partir da imagem mental está associada a clareza ou legibilidade da paisagem da cidade, ou seja, refere-se a facilidade com que as partes da cidade podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente.

Portanto, a imagem dos lugares é a lembrança do espaço percebido quando o indivíduo não se encontra mais fisicamente presente naquele lugar. Depende dos elementos que qualificam a ação perceptiva no espaço urbano e que estão vinculadas aos seguintes aspectos: (i) a qualidade da estrutura morfológica; e (ii) o conjunto de informações armazenadas em nossa memória (Kohlsdorf, 1996, p.p.115-116). A análise da imagem mental dos usuários da cidade tem como objetivo identificar quais aspectos da cidade são mais significativos na formação das lembranças construídas pelos moradores da cidade.

2.3 GRUPOS DE USUÁRIOS

Qualquer forma dada a um observador terá uma probabilidade baixa ou alta de evocar uma imagem. Se forem reunidos grupos mais homogêneos, como, por exemplo, por idade, sexo, cultura, profissão, temperamento ou grau de familiaridade, tem-se uma resposta mais precisa (Lynch, 2006, p.8). Estudos já realizados revelam diferenças quanto à avaliação entre as respostas de grupos de usuários com características distintas (Nasar, 1988; Stamps, 1999). Outros estudos revelam que existem fatores inerentes ao observador que interferem no processo de cognição, como por exemplo, os valores sociais e culturais (Lang, 1988, p.23); as necessidades relacionadas ao estilo de vida e aos interesses profissionais (Nasar, 1988, p.28; Lynch, 2006, p.8); à familiaridade (Lynch, 2006, p.7) e às experiências passadas (Golledge; Stimson, 1996, p.197). No entanto, isso não quer dizer que cada observador não crie e assuma sua própria imagem do lugar, mas pode haver

um consenso entre membros de um mesmo grupo e são esses dados que interessam aos planejadores urbanos na concepção de projetos que serão utilizados por um grande número de pessoas (Lynch, 2006, p.8; Kaplan, 1988, p.47).

Assim, Kant (1791 apud Stamps, 2000, p.114) categoriza um senso comum o qual reflete julgamentos estéticos coletivos, relacionados a determinado grupo de usuários. Isso sugere que pode haver um consenso comum não só entre indivíduos de um mesmo grupo, mas entre distintas categorias de usuários (Stamps, 2000, p.115), mas que pode também existir uma substancial variação quando se trata da avaliação de alguns tipos de ambiente, como, por exemplo, ambientes urbanos e ambientes com a presença de paisagem natural (Herbert; Kaplan, 1988, p.379).

A respeito das diferentes percepções entre usuários com diferentes características, Berlyne (1960, 1971 apud Heath, 1988, p.7) analisou o que ele chamou de comportamento específico e variado. O primeiro contempla aquelas ações e atitudes realizadas em função de um objetivo que o indivíduo tem de cumprir, ou seja, uma pessoa que faz o percurso casa-trabalho tenderá a modificar seu deslocamento em virtude das características físicas do ambiente somente em situações casuais ou momentâneas, enquanto que o segundo abrange aqueles estimulados pelas sensações despertadas pelas características do espaço, tais como interesse, excitação e tranquilidade. Essa ideia, de que o comportamento objetivo inibe as condições estéticas, enquanto o outro amplia essas possibilidades, é bastante defendida, mas ainda não existem estudos empíricos suficientes que a defendam.

Outro estudo realizado por Nasar (1988, p.282) demonstra existir significantes correlações entre as respostas de usuários, ou seja, que moram ou circulam com frequência, e àqueles que raramente trafegam. Além disso, alguns autores (por exemplo, Lynch, 2006, p.17; Sarmiento, p.3) salientam a importância de incorporar os moradores do local nas pesquisas referentes a áreas citadinas, para que seja possível entender o papel das imagens mentais dos usuários, não se moldando aos modelos rígidos idealizados pelos planejadores.

Dentro desse contexto, esta pesquisa investiga e compara as respostas avaliativas em relação ao ambiente construído e natural de dois grupos de usuários: (i) residentes e (ii) não residentes. Os residentes são estudados devido à vivência que esses usuários têm da cidade, o que permite que percebam o lugar carregados

de simbolismo e familiaridade, e os não residentes, devido ao contato esporádico com a cidade, o que permite que percebam o lugar carregados de interesse e descoberta.

Além das características similares entre os membros do grupo, outro aspecto que pode interferir nas respostas dos usuários é a faixa etária (Lynch, 2006, p.8). Desse modo, Thiel (1997, p.323) estabelece algumas classificações quanto à idade do indivíduo, as quais são apresentadas na Tabela 2.4 Ainda, para a definição da faixa etária, é importante compreender que, para que exista uma apropriada apreensão e avaliação da qualidade visual de um ambiente, é necessário que o indivíduo tenha desenvolvido o seu aparelho perceptivo, o que ocorre na idade adulta (Kohlsdorf, 1996, p.21-49).

Tabela 2.4: Faixas etárias definidas por Thiel (Fonte: Adaptado de Thiel, 1997, p.323)

Faixa Etária	Descrição
Acima de 65 anos	Idosos
De 30 a 65 incompletos	Adultos
De 18 a 30 incompletos	Adultos Jovens
De 13 a 18 incompletos	Adolescentes
De 5 a 13 incompletos	Crianças
De 0 a 5 incompletos	Bebês

2.4 VARIÁVEIS

As variáveis relacionadas à qualidade visual da paisagem, analisadas nesta pesquisa, se dividem em três grupos: o primeiro das variáveis físicas relacionadas ao ambiente construído, o segundo das relacionadas à paisagem natural, e o terceiro aos aspectos simbólicos da paisagem do ambiente construído e natural.

2.4.1 Variáveis relacionadas ao ambiente construído

A transformação da informação no ambiente acontece de duas formas: a primeira proveniente da forma dos edifícios e a relação desses com a morfologia urbana e a segunda formada por símbolos que representam a estrutura percebida dos objetos.

Nesse sentido, nesta pesquisa, é investigado se existe similaridade ou diferença entre as percepções dos grupos de usuários em relação à avaliação de preferência entre os prédios históricos e contemporâneos e se essa é em função da estética formal ou simbólica. Logo, considerando os aspectos descritos anteriormente é que se constrói a seguinte hipótese: **há similaridades entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quanto à preferência pelos prédios históricos em relação aos prédios contemporâneos das ruas investigadas.** Relacionado a essa hipótese também é identificado: **(a)** divergências e similaridades em relação à importância dos prédios históricos, pelos respondentes, na avaliação da qualidade visual das ruas.

No entanto, apesar de estudos apontarem os aspectos simbólicos, que representam o aspecto conotativo que determinadas características físicas do ambiente podem ter para o indivíduo, como agente que também influencia na avaliação da qualidade visual, novas abordagens, tais como Reis (2010, 2010a), tem sugerido que em alguns casos há o predomínio da estética formal sobre a estética simbólica e isso é o que justificaria as avaliações de preferência.

2.4.2 Variáveis relacionadas à paisagem natural

As variáveis do ambiente natural, neste estudo são compreendidas pela presença da Laguna dos Patos, pela vegetação, pelos espaços abertos próximos à Laguna e pelas visuais das ruas para a Laguna. Se essas variáveis forem identificadas isoladamente poderão ser manipuladas pelos planejadores urbanos, garantindo uma melhor aplicação dessas nos projetos. Sendo assim, é investigado como cada variável do ambiente natural, existentes no objeto de estudo, influenciam na percepção, na satisfação e no interesse do usuário pelo local.

As pessoas tendem a classificar como confortável, relaxante ou tranquilo locais que oferecem um contraste com a rotina diária ou que representem uma transição do mundo do trabalho ao de lazer. No entanto, existem outros motivos para que as pessoas frequentem áreas públicas, um deles é que esses locais em geral permitem que os usuários se relacionem entre si, podendo esse tipo de encontro ser passivo, onde se observa a cena que passa, ou ativo, com o encontro de amigos, por exemplo. Portanto, existem cinco razões importantes para que sejam atendidas as necessidades do usuário nos espaços públicos, sendo elas: conforto,

relaxamento, ligação passiva e ativa com o ambiente e descoberta (Carr et al., 1992, p.91). Essas razões e relações do usuário com o ambiente são analisadas neste estudo para que se possa compreender a satisfação do usuário com o espaço público em questão, a relação da paisagem natural com a sua permanência no local de estudo e a influência dessa paisagem na sua percepção do espaço.

Um estudo, como o realizado no Pershing Park em Washington (Carr et al., 1992, p.p.95-98), identificou que a cachoeira e as plantas ao redor da piscina são elementos importantes na criação de uma atmosfera de relaxamento e refúgio. Isso acontece devido ao fato desses recursos ajudarem a reduzir o ruído das ruas, proporcionando também contraste visual e um ambiente mais ameno nos dias quentes. Nas cidades, salienta-se a importância de qualificar os espaços residuais entre os prédios, já que esses podem representar, se qualificados, um local de relaxamento e distração da vida cotidiana.

Dentro desse contexto, a presença da vegetação é um tema recorrente nos estudos sobre qualidade dos espaços públicos, sendo considerada um elemento importante no ambiente natural. Estudos demonstram que a presença de árvores aumenta a preferência dos usuários pelo ambiente (Daniel; Boster, 1976, Gallagher, 1977, Kaplan, 1983 apud Herzog, 1988, p.348; Isaacs, 2000, p.p.172-173). Outros experimentos também sugerem a preferência dos usuários por árvores antigas, desse modo, os planejadores devem considerar a preservação dessas quando possível, especialmente em espaços urbanos (Herzog, 1988, p.p.349-351).

Outro aspecto também citado como qualificador de um espaço público é a presença de água, pois contribui para a sensação de relaxamento do indivíduo (Fenton, 1988, p.339). Um estudo realizado no *Greenacre Park*, em Nova Iorque, por Carr et al. (1992, p.99) o qual possui uma cachoeira artificial que domina o campo visual e auditivo do usuário, ressaltou a importância dessa como elemento para tornar o ambiente mais relaxante. Ademais, foi constatado que as pessoas no parque contemplam visualmente as quedas d'água por um longo período de tempo.

Contudo, o estudo acima relata a presença da água inserida no espaço de forma artificial; também uma pesquisa realizada no *Grand Street Waterfront Park*, nos Estados Unidos, constatou a importância da presença da água natural. Nesse estudo, foi identificado que os visitantes, independente das condições climáticas, durante o dia ou à noite, observavam o rio por um certo período de tempo (Carr et

al., 1992, p.117). Em estudos no centro de Vancouver, Joardar e Neil (1978 apud Carr et al., 1992, p.118), constataram que os locais na presença da água tem um forte poder de atração devido as visuais que oferecem ao usuário (Carr et al., 1992, p.118). Já os estudos de Lynch (2006, p.23), ressaltam a presença do rio Charles, na cidade de Boston, como um marco reconhecível pelos moradores, pois suas pontes formam um limite forte e nítido na cidade.

Uma importante abordagem proposta por Kaplan (1975) sobre os aspectos do ambiente físico indicou o que ele chamou de “qualidades primárias da paisagem”. Essas qualidades podem ser atribuídas a elementos de importância no ambiente, tais como a presença da água, das árvores, da grama e da natureza (Fenton, 1988, p.330).

Dois aspectos importantes do ambiente podem ser explorados para estabelecer a preferência do indivíduo por um determinado lugar ou por outro, que são a legibilidade e o envolvimento. O primeiro se refere ao processo de estruturação do ambiente, na facilidade de se encontrar caminhos e visualizar o que acontece ao redor, e o segundo se refere ao processo do ambiente ser atrativo e interessante (Herzog, 1988, p.344). No entanto, Kaplan (1975 apud Herzog, 1988, p.p.345-356), associa a sensação de mistério à maior preferência do usuário no ambiente natural.

Portanto, os elementos naturais, em especial a água e a vegetação, contribuem para a qualidade visual do ambiente, pois acentuam o contraste com o ambiente urbano (Carr et al., 1992; Herzog, 1988; Fenton, 1988; Isaacs, 2000; Lynch, 2006). Contudo, segundo Carr et al. (1992, p.227), embora exista uma boa quantidade de exemplos sobre as preferências do indivíduo nos espaços abertos, há menos compreensão da contribuição específica dos recursos naturais nessas escolhas em contraste com os elementos construídos. Desse modo, esta dissertação, pretende abordar como as variáveis do ambiente natural influenciam o usuário num ambiente contíguo ao ambiente construído, e se essas alteram a percepção do usuário em relação aos aspectos formais das edificações.

Além disso, é verificado se existe uma associação simbólica com os aspectos do ambiente natural, através do significado cultural atribuído aos elementos da paisagem. As questões relativas a esse simbolismo são aprofundadas no próximo item.

2.4.3 Aspectos simbólicos

Há mais de três décadas Appleton (1975 apud Isaacs, 2000, p.148) já defendia que o significado das experiências prévias dos usuários são válidas nas avaliações que eles fazem das cidades, já que essas experiências estão carregadas de significado e associações.

Segundo Arnheim (1977, p.169) toda a experiência arquitetônica é por natureza simbólica. Desse modo, a leitura do espaço simbólico e o seu significado orientam as atividades dos indivíduos e promovem sentido à vivência social (Okamoto, 2002, p. 149). Desse modo, a questão do significado é considerada fundamental para a percepção do ambiente.

Para que o usuário possa compreender o ambiente é necessário que esse tenha um padrão de relações significativas, onde as experiências passadas formam a base para a compreensão das novas experiências. Desse modo, a informação obtida no ambiente possui propriedades simbólicas, que lhe dão significado, e que reconhecem qualidades ambientais, evocando respostas emocionais. O indivíduo também atribui valores e propriedades estéticas a essas informações (Lang, 1987, p.90). Portanto, é importante que nos espaços urbanos, que mudam constantemente, exista identidade e estrutura nas composições (Lynch, 2006, p.12).

Os aspectos simbólicos do ambiente construído são considerados fatores importantes para a aquisição de sentimentos positivos ou negativos em relação a lugares que se frequenta ou que se vive. Se esses aspectos forem visualmente organizados, poderão produzir espaços com expressivo significado para os usuários (Lang, 1987, p.95; Lynch, 2006, p.5). Assim sendo, a abordagem, nesta pesquisa, das características simbólicas do ambiente construído e natural, torna-se relevante tendo em vista que se na produção de subsídios para a construção de diretrizes de desenho urbano na cidade objeto de estudo, forem consideradas essas associações do usuário com o local, os produtos serão mais facilmente identificáveis e estruturados.

Para Stamps (2000, p.p.58-64) a ideia de identidade associada às características físicas do lugar é significativa, tendo em vista que, as regulamentações determinam quais características do local devem ser mantidas nas novas edificações, a fim de preservar a identidade e legibilidade do espaço, no entanto, salienta que a noção desse conceito é muito vaga. Nesse sentido, Stamps

(1999, p.7), desenvolveu um estudo que demonstrou que a impressão de unidade e identidade depende da frequência com que as características físicas se repetem e não somente de associações simbólicas. Por exemplo, se a maioria das construções de uma quadra possuem características arquitetônicas similares, essa será facilmente identificada pelo observador como algo já conhecido. Além disso, também verificou que o atributo de identidade é influenciado principalmente pelos tipos de materiais utilizados, pelas relações de base, corpo e coroamento nas fachadas, pelas características físicas, tais como, estilo, perfis dos telhados e tipologia das construções.

Outros estudos relatam que a maneira com que o usuário se apropria da cidade, depende parcialmente de quanto as estruturas dessas cidades são lembradas desde as visitas ou experiências vividas (Appleyard, 1969, Passini, 1984 apud Lang, 1987, p.93). Desse modo, os objetos ou ambientes trazem consigo uma variedade de significados independentes simultaneamente, e esses por sua vez, são compreendidos através do aprendizado e das diferenças culturais dos usuários (Okamoto, 2002, p.163; Lang, 1987, p.95), assim como dos julgamentos positivos e negativos acerca dos objetos ou padrões existentes no mundo.

Ademais, nas análises de Lynch (2006, p.p.43-47) sobre as cidades de Boston, Jersey City e Los Angeles nos Estados Unidos, foi relatada a associação dos entrevistados com as áreas históricas, demonstrando uma ligação sentimental com o que é antigo. Por exemplo, o centro nodal da Plaza-Rua Olvera, em Los Angeles, foi um dos lugares mais descrito pelos entrevistados, não por ter uma escala que facilite a sua visualização, mas por também ser o único lugar histórico da cidade, gerando uma ligação muito forte com as pessoas. Assim, o tempo de construção dos edifícios foi um tema recorrente nos estudos de Lynch, talvez pelo fato da maior parte do ambiente ser novo ou estar sendo modificado, então havia uma forte ligação com tudo que tivesse sobrevivido à transformação.

Logo, considerando que existe uma ligação das pessoas com o local onde vivem, ou seja, familiaridade do usuário com a cidade, e que isso é um fator relevante na avaliação do espaço pelo indivíduo, é que se constrói a seguinte hipótese: **para os residentes na cidade a paisagem natural assim como o patrimônio imaterial contribuem para a satisfação do usuário no ambiente da Prainha (rua 3)**. Desse modo, pretende-se identificar se a relação simbólica do

usuário com os aspectos imateriais ligados à cultura da pesca e à paisagem natural influenciam na avaliação de satisfação em relação ao espaço urbano.

Também, visando atender os objetivos desta pesquisa são investigados os aspectos simbólicos: (1) familiaridade do usuário com o contexto urbano; (2) significado histórico atribuído aos prédios; (3) significado cultural atribuído aos elementos que compõem as atividades de pesca que sustentam muitas famílias; e (4) configurações espaciais associadas a significados. Desse modo, é relevante mencionar que não são apenas as características físicas que influenciam no simbolismo estético, mas também a eventos que ocorreram no local ou as pessoas que ali estiveram (Rapoport, 1977 apud Lang, 1998, p.p.18-19).

É realizado o confrontamento entre as percepções de usuários com relações distintas em relação à cidade objeto de estudo com o objetivo de mensurar se aspectos, como a familiaridade, podem ser mais ou menos significativos que aspectos formais do ambiente.

2.7 CONCLUSÃO

Nesse capítulo foram abordadas questões relativas a qualidade visual do ambiente, as variáveis da paisagem do ambiente construído e natural, aos aspectos simbólicos, e aos diferentes grupos de usuários. A partir do marco teórico exposto foram construídas as seguintes hipóteses que são investigadas nesta dissertação.

Hipótese 1: há diferenças entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quando avaliado a qualidade visual do ambiente urbano e natural devido a familiaridade dos residentes com o lugar.

Hipótese 2: há similaridades entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quanto à preferência por prédios históricos em relação aos contemporâneos das ruas investigadas.

Hipótese 3: para os usuários, residentes e não residentes, o grau moderado de complexidade, quando considerado a soma do ambiente construído com o natural, contribui para a qualidade visual das ruas investigadas.

Hipótese 4: a paisagem composta por prédios e ambiente natural influencia positivamente a percepção do usuário, residente e não residente, em relação à qualidade visual das ruas investigadas, assim como, para os não residentes contribui para o interesse em relação às ruas.

Hipótese 5: para os residentes na cidade a relação simbólica com o patrimônio imaterial propicia um nível de satisfação maior em relação à qualidade visual das ruas investigadas do que os aspectos formais do ambiente construído e natural.

Hipótese 6: existe correlação entre os efeitos topológicos e perspectivos do ambiente construído e natural e o grau de preferência e satisfação dos usuários, residentes e não residentes, em relação a qualidade visual das ruas investigadas.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentados os métodos e as técnicas de pesquisa adotadas, bem como os aspectos relativos à operacionalização das variáveis deste estudo. Inicialmente é apresentado o objeto de estudo, com suas características, os motivos da escolha e a delimitação da área a ser investigada, e na sequência são apresentados os métodos para coleta e análise de dados.

3.2 SELEÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A opção de desenvolver a pesquisa a partir de um **estudo de caso** está vinculada à pergunta de pesquisa, ou seja, quanto mais essa questão procurar explicar alguma circunstância presente como, por exemplo, “como” ou “porquê” determinado fenômeno acontece, mais o método será relevante (Yin, 2010, p.24). Enquanto que outros métodos procuram analisar uma situação geral e daí dividi-la em pequenos grupos de pesquisa, no estudo de caso a tendência é manter a integridade do todo com suas incontáveis inter-relações. Isso resulta do princípio de que o entendimento aumenta quando se considera a entidade como um todo e não de forma fragmentada (Sommer e Sommer, 2002, p.193).

Desse modo, a fim de atender aos objetivos da pesquisa e as hipóteses investigadas, é escolhido como estudo de caso um município caracterizado por: (i) estar localizado geograficamente numa área contígua à paisagem natural e ao ambiente construído, esse composto por prédios do patrimônio histórico e (ii) possuir uma paisagem degradada devido a intervenções urbanas e individuais (por moradores), as quais não consideram a preservação do ambiente natural e construído de modo conjunto. Assim, é definida a cidade de São José do Norte, localizada no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, como objeto de estudo desta investigação.

A escolha pelo caso de estudo único se deve às características da cidade serem peculiares (Yin, 2010, p.71). Isso se dá pelo fato da cidade: (i) estar localizada às margens da Laguna dos Patos, onde se desenvolveu e ainda mantém traços da sua antiga origem; (ii) ter tido importância histórica no Estado do Rio

Grande do Sul, como resistência às invasões espanholas no século XVIII (Mattos, 1999, p.p.22-23 e 215); e (iii) estar instalada em uma península onde seu acesso principal é realizado através de barcos e balsa. Os aspectos geográficos e a perda da importância estratégica como resistência às invasões fizeram com que a região entrasse numa dinâmica de esquecimento perante as autoridades, mas por outro lado esse isolamento proporcionou a conservação dos traços de sua antiga origem (Viana, 2008, p.29).

3.2.1 O perfil da cidade de São José do Norte

O município de São José do Norte está localizado na planície costeira do Estado do Rio Grande do Sul, próximo à cidade de Rio Grande, em uma área contígua ao Oceano Atlântico e à Laguna dos Patos (Fig. 3.1).



Figura 3.1: Localização do município de São José do Norte no Estado do Rio Grande do Sul (Fonte: Viana, 2008)

A cidade possui uma paisagem natural, dispondo das visuais da Laguna dos Patos e do Oceano Atlântico que são separados por uma pequena faixa de terra, além de dunas, banhados, lagos e marismas também apresenta um importante patrimônio histórico, constituído pelas construções datadas do início do século XIX, e patrimônio imaterial, representado pela cultura da pesca, da cebola, do artesanato e das festas populares (Viana, 2008, p.14) (Fig. 3.2 e 3.3).



Figura 3.2: A cidade as margens da Laguna do Patos (Fonte: Acervo da autora, 2012)



Figura 3.3: A paisagem natural e a cultura da pesca (Fonte: Carolina Barros, 2011)

O município é definido pela Lei Estadual nº. 11585/2001 como integrante do Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul, devido ao conjunto urbano e edificações. Nessa lei também foi delimitada a poligonal que estabelece o centro histórico no município de São José do Norte. Assim, o estudo se concentrou nos limites do centro histórico (Fig. 3.4).



■ Limites do Centro Histórico - Portaria SEDAC/IPHAE

Figura 3.4: Centro histórico de São José do Norte (Fonte: Adaptado do Google Earth, 2012)

A cidade possui um centro histórico com traçado com ruas e quarteirões irregulares de dimensões variadas, com casas térreas e sobrados construídos sobre o limite das vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos. As edificações de estilo luso brasileiro, início do século XIX, possuem um significativo valor histórico e

arquitetônico, guardam características da habitação urbana tradicional da época, pela dimensão dos terrenos (de testada estreita e compridos), pelo tipo de arquitetura padronizada, tanto nas plantas quanto nas técnicas construtivas (Costa et al., 2003).

No entanto, o resultado da não existência, nas últimas décadas, de legislações que regulamentassem o uso do solo, ou que contemplassem as questões urbanas e arquitetônicas do município, associadas a uma das menores taxas de desenvolvimento econômico do Estado, fez com que parte do conjunto arquitetônico da cidade fosse perdido e descaracterizado. Diante disso, devido à importância da cidade como Patrimônio Cultural do Estado e buscando a qualificação da paisagem ambiental e natural, justifica-se ainda mais a escolha dessa como objeto de estudo. Assim, no Apêndice A são apresentados aspectos referentes ao estilo arquitetônico dos prédios que integram a listagem de bens imóveis inventariados. O inventário foi realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE).

Portanto, o centro histórico de São José do Norte é um importante instrumento de resgate histórico e cultural, assim torna-se importante a discussão dos meios legais vigentes que visem à preservação e conservação do sítio. Desse modo, no próximo item são apresentadas as legislações existentes, em nível estadual e municipal, acerca da preservação do patrimônio histórico.

3.2.2 Legislações acerca da preservação do patrimônio histórico

A preservação dos valores culturais e ambientais tem se caracterizado como uma tendência. Assim, houve um aumento na preocupação acerca da preservação dos prédios de interesse histórico e cultural, devido à necessidade de entender o passado como um referencial para a construção do futuro (Simão, 2006, p.15). Nesse sentido, a política preservacionista no Brasil iniciou quando o Estado passou a ter o poder de intervenção sobre o patrimônio edificado (Simão, 2006, p.15). Assim, surgiram às legislações preservacionistas, e no caso do município de São José do Norte não foi diferente. Abaixo, são listadas algumas das legislações existentes no município sobre essa temática.

- 1) Lei Estadual nº. 11.585 de 12 de janeiro de 2001: declarou como integrantes do Patrimônio Cultural do Estado conjuntos urbanos e edificações nos municípios de Rio Grande, Piratini, Jaguarão, Mostardas, São José do Norte e Arroio Grande.
- 2) Lei Estadual nº. 7.231 de 18 de dezembro de 1978: dispôs sobre o Patrimônio Cultural do Estado e remete, no que couber, às disposições do Decreto-Lei 25, de 30 de novembro de 1937.
- 3) Lei Municipal nº. 021 de São José do Norte, de 17 de julho de 1986: criou o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural (COMPHIC).
- 4) Lei Municipal nº. 268, de 30 de janeiro de 2002: instituiu os procedimentos de tombamento para a proteção ao Patrimônio Cultural do município de São José do Norte.
- 5) Portarias nº 32 e 33/04 SEDAC/IPHAE: regulamentam as intervenções nas edificações do centro histórico de São José do Norte.

Portanto, como esta pesquisa tem como objetivo a produção de subsídios que auxiliem na elaboração de diretrizes que visem à preservação do patrimônio histórico e natural, salienta-se a importância de se conhecer o que indicam as normas atuais vigentes. Esta pesquisa pode servir como fomento na promoção de uma futura discussão entre os aspectos existentes na legislação e os subsídios fornecidos por esse estudo, para que se possa complementar, reorganizar ou até mesmo criar novas diretrizes de intervenção no sítio.

3.2.3 Delimitação da área de estudo

A pesquisa se concentra nos limites do centro histórico, delimitado pela Lei Estadual nº. 11.585 de 12 de janeiro de 2001. O local foi escolhido pela proximidade à paisagem natural e existência de prédios de interesse histórico e cultural. Desse modo, para que fosse realizado o diagnóstico da área, foram mapeados os prédios de interesse histórico e cultural inventariados pelo IPHAE, através das Portarias 32 e 33 de 2004. A partir disso, foram identificadas, através de observações de campo e levantamento de dados, 24 quadras que poderiam fazer parte do estudo. Os critérios para definição dessas quadras foram: primeiro as quadras que continham imóveis inventariados; e segundo as quadras que continham visual para a Laguna dos Patos (Fig. 3.5).



Figura 3.5: Localização das 24 quadras inicialmente identificadas para análise (Fonte: Adaptado de Mapa do Município – Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2010)

Em virtude do número inicial de quadras relacionadas ter sido muito alto, impossibilitando o desenvolvimento do estudo devido ao tempo da dissertação (24 meses), foi aplicado um estudo piloto para auxiliar na escolha das quadras a serem estudadas. Para essa delimitação foram analisadas percepções de estudantes de arquitetura que nunca residiram na cidade. Essa escolha foi feita pelo fato desses voluntários serem pessoas visualmente treinadas para identificar variáveis, do ambiente construído, sem ter contato diário com a cidade. Desse modo, as percepções, quanto a aparência visual das quadras, seriam dissociadas de aspectos simbólicos.

Assim sendo, foi definido um percurso para a caminhada que os voluntários fariam pelo centro histórico (Fig. 3.6), passando pelas 24 quadras pré selecionadas pela pesquisadora. Durante a caminhada foi solicitado que fosse marcado as quadras que mais chamaram a atenção em termos de qualidade visual, tanto positiva ou como negativamente (Fig. 3.7).

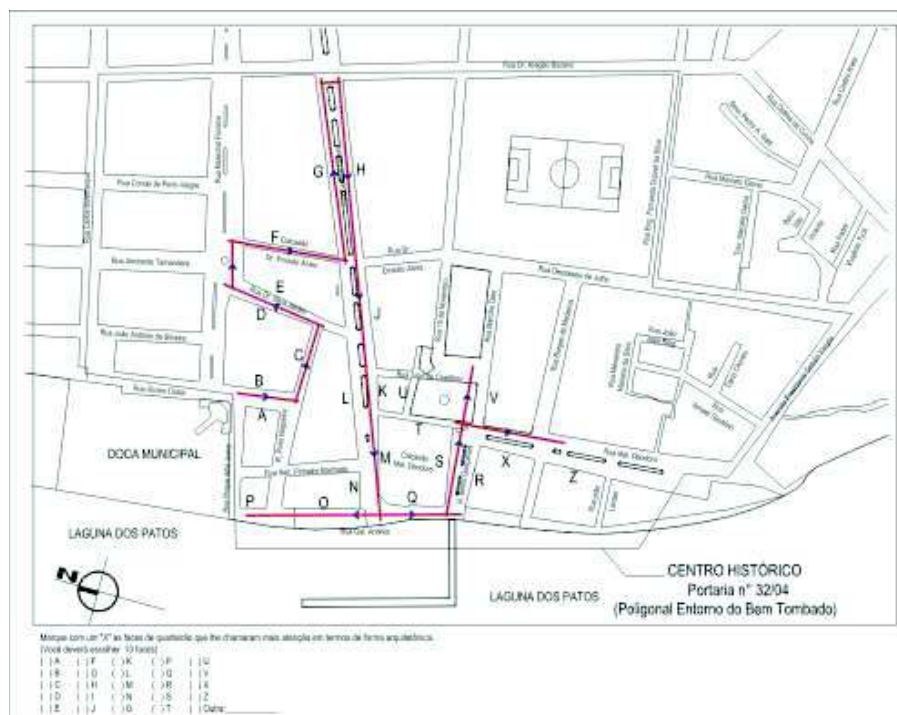
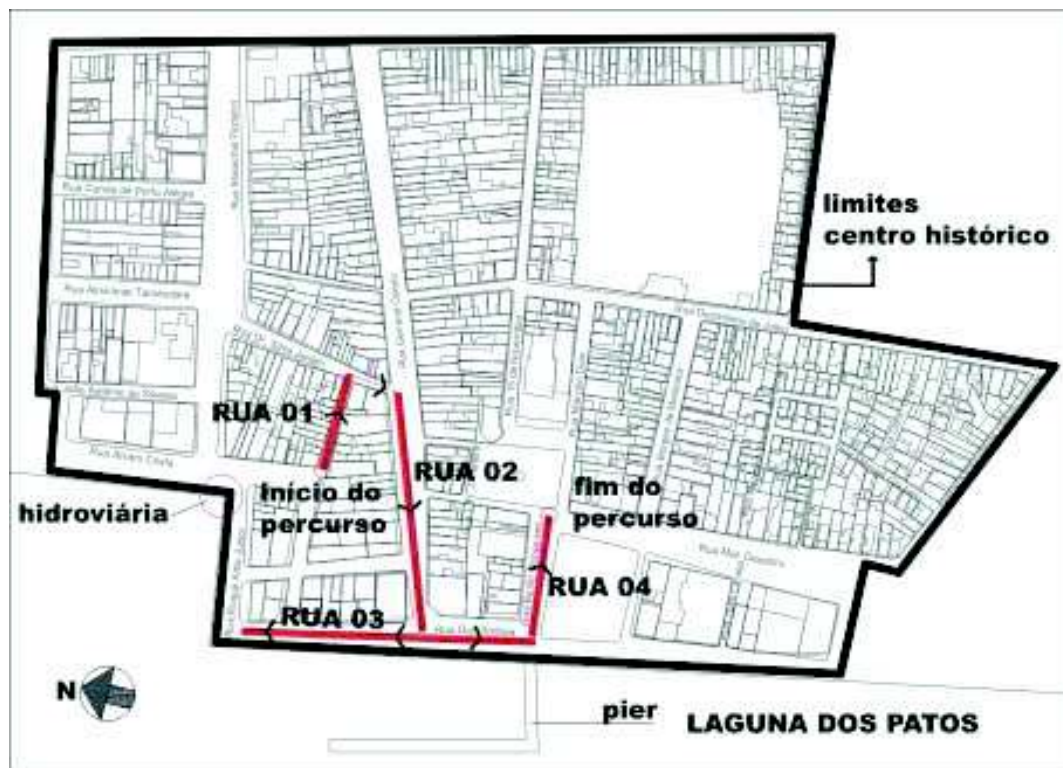


Figura 3.6: Definição do percurso para seleção das quadras para análise (Fonte: Adaptado de Mapa do Município – Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2010)



Figura 3.7: Reconhecimento da área de estudo pelos voluntários do estudo piloto (Fonte: Acervo da autora, 2010)

Desse modo, o recorte da área de estudo foi feito de acordo com os seguintes critérios: (i) resultado do estudo piloto (ii) ruas que continham visual com a paisagem natural, e (iii) quadras com maior número de prédios de interesse histórico e cultural. Após esse primeiro estudo foram definidas quatro ruas que contemplariam esses critérios, assim, na figura 3.8 estão indicadas as ruas escolhidas para o estudo e o percurso estipulado para a análise das quadras.



RUA 1 - Rua Pinto Nogueira entre Rua Álvaro Costa e Rua Dr. Silva Jardim
 RUA 2 - Rua General Osório entre Rua Dr. Silva Jardim e Rua Gal. Andrea
 RUA 3 - Prainha - Rua Gal. Andrea entre Rua Pinto Nogueira e Rua Bento Gonçalves
 RUA 4 - Rua Bento Gonçalves entre Rua Gal. Andrea e Rua Mal. Deodoro

Figura 3.8: Indicação ruas e percurso do estudo no mapa do centro histórico (Fonte: Adaptado de Mapa do Município – Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2011)

As quatro ruas podem ser caracterizadas por diferentes graus de relação com a paisagem e por diferentes características físicas, apontadas nos Apêndices B, C e D, e que foram utilizadas para a análise da qualidade visual do ambiente e da relação com o ambiente natural.

3.3 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

A aplicação de vários métodos de coleta de dados para investigar um mesmo fenômeno permite contrabalancear os desvios ou tendências de um método com os outros utilizados, assumindo-se que não existe um método ideal de investigação nas ciências do comportamento, uma vez que cada método possui diferentes desvios ou limitações (Reis; Lay, 1995, p.12; Sommer; Sommer, 2002, p.6).

Nesta pesquisa são utilizados os seguintes métodos de coleta de dados para responder a pergunta de pesquisa e testar as hipóteses: observações de campo,

levantamento físico, exercício topoceptivo, mapa mental, mapa comportamental e questionário. Os métodos escolhidos são julgados pertinentes para responder a pergunta de pesquisa e auxiliar no alcance do objetivo proposto. Esses são apresentados a seguir.

3.3.1 Observações de Campo e Levantamento Físico

O método de observação consiste no reconhecimento da área investigada, a fim de se realizar uma avaliação visual do ambiente, sendo considerado o mais apropriado para que se entenda o funcionamento de um espaço (Reis; Lay, 1995, p.13).

Inicialmente as observações foram realizadas *in loco*, a fim de identificar as características físicas das ruas, pré-definidas no estudo piloto e das construções. Assim, o cadastro do que foi observado foi registrado em uma ficha (Apêndice C), sendo as informações registradas comparadas através de percentagens. Desse modo, foi possível determinar quais são as características físicas predominantes em cada rua. No Apêndice D, são apresentados os mapas e tabelas sínteses desse levantamento.

Na etapa de levantamento físico foi realizado o levantamento fotográfico das quatro ruas, assim como, de todas as edificações e da paisagem natural. Além desses dados, foram retiradas dimensões *in loco* das testadas de edificações e larguras de vias.

3.3.1.1 Levantamento Topoceptivo

O levantamento ou exercício topoceptivo é o estudo dos efeitos topológicos e perspectivos dos lugares. Esse levantamento representa e revela os atributos morfológicos dos lugares que sejam relevantes à avaliação do seu desempenho visual e que expressem as suas características (Kohlsdorf, 1996, p.77). Neste estudo, o levantamento foi aplicado no percurso definido, pela pesquisadora e mais dois voluntários previamente treinados abrangendo as quatro ruas estudadas. Durante a caminhada foram assinaladas estações onde houvesse registros perceptivos nas sequencias de deslocamento e os cones ou campos visuais percebidos. Ao final foi elaborado um relatório de conclusões sobre o caráter

morfológico da área, apontando as características topoceptivas que determinam a sua orientabilidade. Esses resultados, confrontados com os dados obtidos pelos questionários, auxiliaram no entendimento de quais mudanças são passíveis de serem realizadas na área de estudo. No Apêndice E, são apresentados os mapas síntese desse levantamento.

3.3.2 Mapa Comportamental

O mapa comportamental é um método de registro de observações desenvolvido por Proshansky, Ittelson e Rivlin (1970 apud Reis; Lay, 1995, p.15) que consiste no registro, através da marcação em planta baixa, dos comportamentos dos usuários no local estudado. O registro se dá através de categorias estabelecidas anteriormente, ou seja, analisa as pessoas paradas ou em movimento e como elas se distribuem na área determinada. O mapa registra sistematicamente a localização e a ação das pessoas, correspondendo a um documento empírico que ilustra onde e quais comportamentos ocorrem e como eles contrastam com o que foi projetado para o espaço analisado (Sommer; Sommer, 2002, p.63). Ademais, segundo Reis e Lay (1995, p.15), uma das vantagens da utilização desse método é uma melhor compreensão dos usos e funcionamento do espaço urbano.

Além disso, por se tratar de uma técnica de simples observação de comportamento (Patterson, 1974, Zeisel, 1981 apud Lang, 1987, p.25), nenhum aspecto do ambiente é manipulado, sendo necessárias anotações sistemáticas do comportamento do usuário. Essas anotações aconteceram por vários dias, em intervalos de tempo pré-determinados em função dos objetivos da pesquisa. Os registros podem ser feitos através de fotografias, vídeos e esboços (Sommer; Sommer, 2002, p.64).

Nesta dissertação, as observações foram realizadas durante três dias da semana (quarta, sexta e domingo) no período do final da tarde, durante duas semanas. A escolha pelos dias da semana se deu a partir das observações de campo, que constataram que esses são os dias que melhor representam diferenças no número de pessoas que frequentam o local: a quarta-feira representa o movimento mínimo da semana e no domingo tem-se o ápice da quantidade de pessoas utilizando o local. As observações foram realizadas no espaço público da Prainha (Fig.3.9 e 3.10), que se localiza as margens da Laguna dos Patos. Foi

observada a relação dos usuários, através das atividades que eles executam no espaço, com o ambiente construído e a paisagem natural.



Figura 3.9: Área de aplicação do mapa comportamental (Fonte: Autora, 2011)



Figura 3.10: Localização da área de aplicação do mapa comportamental (Fonte: Adaptado do Google Earth, 2011)

O espaço da prainha foi escolhido por dois motivos: (i) estar localizado contíguo ao ambiente construído e à paisagem natural, e (ii) através das observações de campo foi constatado que esse espaço é o local mais utilizado, nos limites do recorte da pesquisa, pelos moradores da cidade para o lazer passivo.

No entanto, cabe salientar que, os dados obtidos através do mapa comportamental foram complementados com outros procedimentos que auxiliaram a responder a pergunta de pesquisa (Sommer; Sommer, 2002, p.73). Nesse sentido, nos próximos itens são apresentados os outros métodos utilizados nesta pesquisa e no Apêndice F, o mapa síntese das observações comportamentais.

3.3.3 Mapa Mental

Neste estudo os mapas mentais foram realizados pelos usuários residentes, com o objetivo de identificar os valores visuais da cidade, associando a qualidade visual da cidade à imagem mental dos moradores e também identificando na paisagem quais partes representam uma maior clareza ou legibilidade. (ver Figura 3.11). O mapa mental representa “cartas subjetivas” que expressam os valores visuais da cidade, a partir de quem os desenha. Essas representações podem conter perspectivas, elevações, diagramas, símbolos e anotações verbais, configurando um desenho que expressa o espaço imaginado pelos indivíduos (Kohlsdorf, 1996, p.118).



Figura 3.11: Mapa mental feito por residentes (Fonte: Autora, 2012)

Foi solicitado aos respondentes residentes que ao final preenchimento do questionário (ver item 3.3.4) fosse feito um desenho à mão livre que representasse o percurso realizado durante o preenchimento das perguntas, passando pelas quatro ruas do estudo. Desse modo, os respondentes deveriam marcar as ruas, edificações ou lugares que eles considerassem “mais bonitos” ou “mais feios” e/ou que tenham chamado mais a atenção durante o trajeto.

Contudo, para que se analise a imagem mental de determinado grupo é feita a justaposição dos mapas mentais ou um relatório da frequência dos diversos elementos relatados nos mapas (Kohlsdorf, 1996, p.118). O mapa permite que se veja em quais aspectos coincidem as informações objetivas dos lugares com as consolidadas na imagem dos indivíduos. Segundo Lynch (2006, p.3) os aspectos verificados nos mapas referem-se à facilidade com que as partes da cidade podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente.

3.3.4 Questionário

A aplicação de questionários tem como objetivo descobrir regularidades entre grupos de pessoas, a partir da comparação entre respostas de um mesmo conjunto de perguntas. Neste estudo, foram usados 40 respondentes para cada grupo de usuários. A amostra mínima baseada nas exigências das teorias de probabilidade

estatística é de no mínimo 30 respondentes, configurando, assim, a realização de testes estatisticamente significativos (Norusis, 1990; Reis; Lay, 1995). Assim sendo, os participantes do estudo foram voluntários, e tiveram como pré-requisitos: (i) serem maiores de 18 anos, (ii) no caso dos residentes, possuírem residência fixa na cidade há mais de 10 anos, e (iii) no caso dos não residentes, que não tivessem tido contato com a cidade ou que não tivessem contato frequente.

O questionário aplicado nesta pesquisa é constituído de perguntas fechadas e abertas. As perguntas fechadas correspondem a questões de múltipla escolha, nas quais o respondente escolhe uma alternativa de resposta entre aquelas propostas pelo pesquisador. As perguntas abertas, por sua vez, tem como objetivo obter outras categorias de resposta à pesquisa, as quais não puderam ser esclarecidas através de questões de múltipla escolha. Cabe considerar que nas perguntas do questionário foi utilizado o termo “Lagoa dos Patos” por ser um termo da linguagem coloquial, embora o termo correto, e utilizado nesta dissertação, seja “Laguna dos Patos”.

O questionário foi aplicado *in loco*, ou seja, no próprio espaço real da cidade de São José do Norte, que justifica-se, segundo Stamps (2000, p.101), quando a investigação é relativa ao cenário atual. Ademais, Stamps (2000, p.99) sugere que análises de agradabilidade possam ser realizadas pedindo ao indivíduo que se mova em torno dos objetos analisados e que os ordene em ordem de preferência.

Outro aspecto que justifica a escolha pela aplicação do questionário *in loco* vem das contribuições dos estudos de James Gibson e Eleanor Gibson (1950, 1966, 1979 apud Lang, 1987, p.91), sobre a importância que o movimento tem para a experiência perceptual do indivíduo. Segundo esses pesquisadores, as pessoas exploram o ambiente e para perceber seus detalhes, movem suas cabeças, seus olhos e seus corpos, aprimorando essa habilidade exploratória com o tempo, tornando-se cada vez mais aptos à identificação dos detalhes. Também nesse sentido, Kohlsdorf (1996, p.77) sugere a qualidade do movimento na percepção dos lugares, pois se apoia na capacidade do observador mover-se fisicamente e ter seu campo visual modificado.

Assim, o questionário (Apêndices G e H) constituiu-se de 46 perguntas, sendo 14 abertas e 32 fechadas. As fechadas foram elaboradas com respostas correspondentes às escalas de diferencial semântico, de cinco pontos, já que,

segundo Reis e Lay (1995, p.20), é a mais adequada para o processo de análise estatística, principalmente para amostras mínimas de respondentes de cada grupo. Nesta pesquisa foram utilizadas as seguintes escalas: (i) muito importante, importante, neutro, um pouco importante, não importante; (ii) muito ordenada, ordenada, nem ordenada - nem desordenada, desordenada, muito desordenada; (iii) muito bonita, bonita, nem bonita - nem feia, feia, muito feia; (iv) muito grande, grande, moderada, pequena, muito pequena; (v) muito interessante, interessante, neutra, pouco interessante, desinteressante; e (vi) concordo fortemente, concordo, neutro, discordo, discordo fortemente.

Para evitar que existam perguntas mal formuladas, consideradas ambíguas pelo respondente ou que não estão de acordo com os objetivos propostos, foi realizado um estudo piloto do questionário que é apresentado a seguir.

3.3.4.1 Estudo Piloto

Nesta pesquisa o estudo piloto do questionário foi realizado no dia 23 de junho de 2010 com uma amostra de 14 pessoas, não residentes, e no dia 25 de junho de 2010 com uma amostra de sete pessoas, residentes na cidade. Esse teve como objetivo confirmar as variáveis de pesquisa, já discutidas no capítulo 2, bem como descobrir outras, delimitar as ruas de estudo, identificar perguntas mal formuladas e verificar o tempo de preenchimento (Fig. 3.12).



Figura 3.12: Aplicação questionário (23/06/2010) – Estudo Piloto (Fonte: Acervo da autora, 2010)

Com o estudo piloto foi possível identificar algumas problemáticas como: perguntas mal formuladas; aspectos gráficos que prejudicavam o entendimento pelo

respondente, tais como espaçamento entre linhas nas tabelas e localização de algumas questões; algumas variáveis que não ficaram bem compreendidas; o acréscimo de novas variáveis apontadas pelos respondentes e o tempo total de preenchimento que ficou entre 30 a 40 minutos. Também foi possível definir as ruas que foram analisadas neste estudo, conforme já discutido no item 3.2.3.

3.4 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

A escolha dos métodos de análise de dados depende da natureza dos dados obtidos e do tipo de informações esperadas. Assim, os dados qualitativos, produtos das observações de campo, do levantamento topoceptivo, dos mapas comportamental e mental, são analisados qualitativamente. Segundo Reis e Lay (1995, p.22), a análise qualitativa utiliza interpretações e julgamentos subjetivos ou, se quantificáveis, a análise pode ser complementada com a interpretação das frequências obtidas.

Nas observações de campo, a análise é feita em relação aos elementos formais do ambiente estudado, sendo realizada com o auxílio de fotografias. As análises do mapa comportamental são baseadas nas interpretações e julgamentos das observações realizadas (Proshansky; Ittelson; Rivlin apud Reis; Lay, 1995). Os dados obtidos nas observações foram quantificados e analisados através das frequências do tipo de comportamento e da localização dos usuários. No levantamento topoceptivo a análise é realizada através das frequências de visualizações dos efeitos topológicos e perspectivos da cidade. No mapa mental a análise é realizada a partir da frequência dos aspectos relacionados pelos respondentes nos mapas.

Os dados quantitativos, produtos dos questionários, foram analisados através de testes estatísticos. Nesse sentido, as análises podem ser realizadas através de estatística paramétrica ou não-paramétrica, nesse estudo são adotados os testes não paramétricos. Assim, a não adoção dos testes paramétricos ampara-se em estudos de vários autores, tais como Siegel (1956 apud Reis; Lay, 1995, p.24), “[...] é admissível utilizar técnicas paramétricas somente em escores que sejam verdadeiramente numéricos (não nominais ou ordinais) [...]”. Segundo Reis e Lay (1995, p.24), pode-se inferir que o uso indevido de análise paramétrica pode gerar interpretações equivocadas quanto à relevância das relações analisadas.

Os dados quantitativos dessa pesquisa foram analisados através do programa computacional SPSS/PC (Statistical Package for Social Sciences). Os testes não-paramétricos utilizados foram: frequências (percentagens); Mann-Whitney (indica a diferença entre dois grupos); tabulação cruzada (χ^2) para um e dois grupos e testes inferenciais de correlação Spearman (indica a força e a correlação entre duas variáveis).

Na análise dos testes de correlação foram considerados os seguintes intervalos: correlação fraca ($0 < \text{coef.} \leq 0,3$), correlação média ($0,3 < \text{coef.} \leq 0,5$), correlação forte ($0,5 < \text{coef.} \leq 0,7$), correlação muito forte ($0,7 < \text{coef.} \leq 0,9$) e correlação excepcional ($0,9 < \text{coef.} \leq 1$) (adaptado de Rowntree, 1981 apud Reis; Lay, 2005, p.29). A apresentação da análise desses dados foi realizada com o auxílio de tabelas e gráficos, para melhor exemplificar os resultados pertinentes a este estudo.

3.5. TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo foi realizado na cidade de São José do Norte, sendo que a primeira etapa foi relativa às observações de campo, realizada em junho de 2010 e revisada em junho de 2011, onde foram levantadas as características físicas do local. Os mapas comportamentais foram desenvolvidos durante o mês de março de 2011, a aplicação dos questionários para os não residentes e residentes foi realizada no mês de setembro de 2011 e o levantamento topoceptivo foi realizado no mês de outubro de 2011.

A maior dificuldade encontrada durante a execução do trabalho de campo foi a aplicação dos questionários *in loco*, e principalmente com os residentes na cidade, devido ao fato de que muitas pessoas não queriam realizar o percurso. Também, foi necessário que a pesquisadora acompanhasse pessoalmente a maioria dos respondentes para garantir que todo o percurso fosse realizado. No caso dos não residentes, o interesse em conhecer o local fez com que fosse mais fácil levar um grupo até a cidade.

CAPÍTULO 4: RESULTADOS

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos através do teste das hipóteses de pesquisa. Ao final do capítulo a pergunta de pesquisa e os objetivos propostos são respondidos e discutidos.

4.2 TESTANDO A HIPÓTESE 1: há diferenças entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quando avaliado a qualidade visual do ambiente urbano e natural devido à familiaridade dos residentes com o lugar.

A análise da hipótese é dividida em dois momentos, no primeiro é investigado o grau de divergência e similaridade entre as percepções dos diferentes grupos em relação à qualidade visual das ruas estudadas e, no segundo, é investigado quais atributos físicos da paisagem influenciam nessas avaliações e qual o grau de influência de cada um deles.

4.2.1 Grau de divergência e de similaridade entre as percepções dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual das ruas estudadas

Para identificar o grau de divergência e de similaridade entre as percepções dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual das ruas estudadas, foram analisadas as respostas das perguntas 1, 8, 15 e 22 “A aparência da rua é:” do questionário (ver Apêndice G). Verifica-se que há uma divergência significativa estatisticamente entre as percepções dos **residentes e não residentes** no que diz respeito à avaliação da aparência da rua 3 ($U=492.0$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0.001$). Nesse sentido, a aparência da rua 3 é percebida como mais bonita pelos residentes do que pelos não residentes (Tab. 4.1). Nas demais ruas não foram encontradas diferenças entre as percepções dos usuários.

Tabela 4.1: Avaliação dos usuários quanto à aparência das ruas analisadas (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	1. 8. 15. 22. A aparência da rua é:	RUA 1	Média*	RUA 2	Média*	RUA 3	Média*	RUA 4	Média*
Residentes	Muito bonita	1(2,5%)	2,68	13(32,5%)	1,75	21(52,5%)	1,58	6(15%)	2,10
	Bonita	12(30%)		24(60%)		15(37,5%)		26(65%)	
	Nem bonita, nem feia	26(65%)		3(7,5%)		4(10%)		6(15%)	
	Feia	1(2,5%)		0		0		2(5%)	
	Muito feia	0		0		0		0	
	TOTAL	40(100%)		40(100%)		40(100%)		40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	0	2,93	6(15%)	1,95	9(22,5%)	2,28	6(15%)	2,28
	Bonita	7(17,5%)		30(75%)		19(47,5%)		24(60%)	
	Nem bonita, nem feia	29(72,5%)		4(10%)		4(10%)		4(10%)	
	Feia	4(10%)		0		8(20%)		5(12,5%)	
	Muito feia	0		0		0		1(2,5%)	
	TOTAL	40(100%)		40(100%)		40(100%)		40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor mais bonita é a aparência da rua para os respondentes.

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

4.2.2 Aspectos que interferem na avaliação dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual na rua 3

Em relação à rua 3 (ver Fig. 4.1 a seguir), conforme demonstrado na tabela 4.2, para a maioria dos **residentes** (57,5%) a visual da Laguna dos Patos é a principal razão para a avaliação da aparência da rua; enquanto que um número significativo de **não residentes** se dividem entre a visual da laguna (42,5%), os prédios em má conservação (32,5%) e a paisagem natural (20%). Nesse sentido, percebe-se que a diferença na percepção dos usuários em relação à aparência dessa rua, pode ocorrer devido ao fato de que para os residentes a proximidade e as visuais com as margens da laguna, local onde de acordo com o mapa comportamental (ver Apêndice F) propicia o encontro entre pessoas são razões mais importantes do que o estado de conservação dos prédios. Já para os não residentes, a má conservação dos prédios é um fator que chama a atenção de um número significativo de respondentes, pois eles não reconhecem essa rua como um lugar de convívio cotidiano. Assim, a familiaridade dos residentes com a paisagem natural sugere que esse aspecto seja mais significativo na avaliação da aparência dessa rua do que aspectos ligados às características dos prédios.



Figura 4.1: Vista da rua 3.(Fonte: Acervo da autora, 2011)

Tabela 4.2: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da Rua 3 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	15. A aparência da rua é:	15.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:					
		Encontro de pessoas	Mobiliário urbano	Paisagem natural	Visual dos barcos na Laguna	Visual da Laguna	Visual da cidade do Rio Grande
Residentes	Muito bonita	3(7,5%)	1(2,5%)	4(10%)	4(10%)	13(32,5%)	3(7,5%)
	Bonita	2(5%)	4(10%)	3(7,5%)	3(7,5%)	9(22,5%)	2(5%)
	Nem bonita, nem feia	1(2,5%)	2(5%)	0	0	1(2,5%)	0
	Feia	0	0	0	0	0	0
	Muito feia	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	6(15%)	7(17,5%)	7(17,5%)	7(17,5%)	23(57,5%)	5(12,5%)
	TOTAL DA AMOSTRA	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)
Grupos de usuários	15. A aparência da rua é:	15.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:					
		Mobiliário urbano	Paisagem natural	Prédios em má conservação	Tranquilo	Visual dos barcos na Laguna	Visual da Laguna
Não residentes	Muito bonita	1(2,5%)	0	0	2(5%)	3(7,5%)	6(15%)
	Bonita	2(5%)	5(12,5%)	4(10%)	3(7,5%)	4(10%)	11(27,5%)
	Nem bonita, nem feia	2(5%)	1(2,5%)	4(10%)	0	0	0
	Feia	0	2(5%)	5(12,5%)	0	0	0
	Muito feia	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	5(12,5%)	8(20%)	13(32,5%)	5(12,5%)	7(17,5%)	17(42,5%)
	TOTAL DA AMOSTRA	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)

*São excluídas as categorias de resposta mencionadas por menos de 10% da amostra de todos os grupos de usuários.

OBS.: As percentagens do "TOTAL" de cada variável referem-se ao total de 40 respondentes (100%), já que cada respondente poderia indicar mais de uma justificativa.

Para estabelecer a relação entre aparência e importância dos aspectos na paisagem foram consideradas as respostas relativas às perguntas "15. A aparência da rua é:" e "15.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:". Cabe considerar que na pergunta 15.2, de múltipla escolha, as alternativas de respostas são: (i) Os prédios em geral; (ii) A Lagoa dos Patos; (iii) Os barcos; (iv) Os anúncios comerciais; (v) Os prédios históricos; (vi) Telefones

públicos, lixeiras, postes, rede de energia elétrica, bancos, quiosques, etc.; e (vii) vegetação.

Para essas perguntas foram encontradas as seguintes correlações na rua 3 quando analisado o grupo de **não residentes**: a aparência da rua 3 e (i) a paisagem da laguna (Spearman, coef.=0,349, sig.=0,027), (ii) os prédios (Spearman, coef.=-0,431, sig.=0,005), e (iii) vegetação (Spearman, coef.=-0,467, sig.=0,002). De acordo com esses dados a seguinte tendência foi verificada: quanto mais positiva é a aparência da rua 3, mais importante para essa avaliação é a Laguna dos Patos e menos importante são os prédios e a vegetação. Esses resultados sugerem que a falta de conservação dos prédios e a precária vegetação desta rua interferem em menos valor na qualidade visual do lugar; enquanto que a Laguna dos Patos é o fator definidor da aparência da rua. Isso demonstra o que já foi discutido no capítulo 2, que a paisagem natural exerce um efeito positivo sobre a percepção das pessoas (ver Fig. 4.2 e 4.3).



Figura 4.2: Vista da Laguna dos Patos na rua 3.(Fonte: Acervo da autora, 2011)



Figura 4.3: Prédio em mau estado de conservação na Rua 3.(Fonte: Acervo da autora, 2011)

Quando analisado a resposta dos **residentes**, não foram encontradas correlações entre as perguntas sobre aparência e importância dos aspectos na paisagem. Portanto, para esse grupo de usuários, outras razões diferentes das apontadas nas respostas de múltipla escolha podem estar influenciando a percepção da qualidade visual da rua 3. Neste caso, talvez o simbolismo e a familiaridade sejam os elementos que tenham algum grau de influência na avaliação da aparência da rua 3.

4.2.3 Aspectos que interferem na avaliação dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual na rua 1

Em relação à análise da qualidade visual da rua 1 onde foi verificada uma similaridade na avaliação feita pelos residentes e não residentes, não foram encontradas correlações entre as respostas relativas às perguntas “1. A aparência da rua é:” e “1.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:” quando considerado ambos os grupos de usuários. Porém, existem resultados significativos entre a pergunta “1. A aparência da rua é:” e a pergunta aberta “1.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:”: os prédios (Chi-Square = 9.497, DF = 2, P-Value = 0.009) e a má conservação dos prédios (Chi-Square = 11.201, DF = 2, P-Value = 0.004) influenciam na avaliação dos **não residentes** quanto à aparência da rua. Esse resultado reforça o que já foi encontrado em relação à rua 3, que indica que a conservação dos prédios é um atributo que influencia a percepção dos não residentes na avaliação da qualidade visual da rua (Fig. 4.4 e 4.5).



Figura 4.4: Prédios da Rua 1 (Fonte: Acervo da autora, 2011)



Figura 4.5: Prédio em mau estado de conservação na Rua 1 (Fonte: Acervo da autora, 2011)

Quando analisado as respostas dos **residentes** os resultados também apontaram os prédios (Chi-Square = 9.597, DF = 3, P-Value = 0.022) e a rua ser estreita (Chi-Square = 8.032, DF = 3, P-Value = 0.045) influenciam na avaliação da aparência visual da rua. Isso sugere que para os residentes os efeitos topológicos do ambiente também influenciam na percepção desses usuários, conforme aponta a revisão da literatura no capítulo 2, subitem 2.2.1.4 e 2.2.3. Além disso, os prédios

são elementos importantes na qualidade visual da rua tanto para residentes quanto para não residentes. A tabela 4.3 apresenta as frequências das respostas indicadas tanto pelos residentes como pelos não residentes na pergunta aberta “1.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:” e sua relação com a pergunta “1. A aparência da rua é:” (efeitos topológicos ver Fig. 4.6).

Tabela 4.3: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da Rua 1 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	1. A aparência da rua é:	1.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:					
		Rua estreita	Prédios	Similaridade dos prédios	Rua comum	Calçamento em mau estado conservação	
Residentes	Muito bonita	1(2,5%)	1(2,5%)	0	0	0	
	Bonita	0	6(15%)	2(5%)	0	2(5%)	
	Nem bonita, nem feia	6(15%)	4(10%)	4(10%)	4(10%)	13(32,5%)	
	Feia	0	1(2,5%)	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	0	0	
	TOTAL	7(17,5%)	12(30%)	6(15%)	4(10%)	15(37,5%)	
	TOTAL DA AMOSTRA	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	
Grupos de usuários	1. A aparência da rua é:	1.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:					
		Rua estreita	Rua pequena	Prédios em má conservação	Prédios	Prédios históricos e contemporâneos	Visual da Laguna
Não residentes	Muito bonita	0	0	0	0	0	0
	Bonita	2(5%)	2(5%)	0	4(10%)	1(2,5%)	1(2,5%)
	Nem bonita, nem feia	7(17,5%)	4(10%)	10(25%)	3(7,5%)	3(7,5%)	3(7,5%)
	Feia	1(2,5%)	0	4(10%)	0	0	0
	Muito feia	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	10(25%)	6(15%)	14(35%)	7(17,5%)	4(10%)	4(10%)
	TOTAL DA AMOSTRA	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)	40 (100%)

*São excluídas as categorias de resposta mencionadas por menos de 10% da amostra de todos os grupos de usuários.

OBS.: As percentagens do “TOTAL” de cada variável referem-se ao total de 40 respondentes (100%), já que cada respondente poderia indicar mais de uma justificativa.



Figura 4.6: Efeito topológico: rua estreita (Fonte: Acervo da autora, 2011)

4.2.4 Aspectos que interferem na avaliação dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual na rua 2

Em relação à avaliação da qualidade visual da rua 2 (Fig.4.7), quando consideradas as respostas dos **não residentes**, há duas correlações entre as perguntas “8. A aparência da rua é:” e “8.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:”: visual da Laguna dos Patos (Spearman, coef.=0,403, sig.=0,01) e os prédios históricos (Spearman, coef.=0,359, sig.=0,023) são aspectos que influenciam na avaliação positiva dessa rua. Quanto mais importantes são esses aspectos para os respondentes, mais positiva é a avaliação da qualidade visual da rua (ver Tabela 4.4).



Figura 4.7: Vista da rua 2 (Fonte: Acervo da autora, 2011)

Tabela 4.4: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da rua 2 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	8. A aparência da rua é:	8.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:				
		A LAGOA DOS PATOS				
		Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Não residentes	Muito bonita	6(15%)	0	0	0	0
	Bonita	12(30%)	13(32,5%)	3(7,5%)	2(5%)	0
	Nem bonita, nem feia	1(2,5%)	2(5%)	0	1(2,5%)	0
	Feia	0	0	0	0	0
	Muito feia	0	0	0	0	0
	TOTAL 40(100%)	19(47,5%)	15(37,5%)	3(7,5%)	3(7,5%)	0
	8. A aparência da rua é:	8.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:				
		OS PRÉDIOS HISTÓRICOS				
		Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
	Muito bonita	5(12,5%)	1(2,5%)	0	0	0
	Bonita	17(42,5%)	8(20%)	3(7,5%)	2(5%)	0
	Nem bonita, nem feia	1(2,5%)	0	2(5%)	1(2,5%)	0
	Feia	0	0	0	0	0
	Muito feia	0	0	0	0	0
	TOTAL 40(100%)	23(57,5%)	9(22,5%)	5(12,5%)	3(7,5%)	0

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Logo, 47,5% dos respondentes, não residentes, indicaram a visual da Laguna como um aspecto muito importante na avaliação da aparência da rua e 37,5% como importante; ademais, 57,5% dos respondentes indicaram como muito importante os prédios históricos na avaliação da aparência da rua e 22,5% como importante. Nesse sentido, a avaliação feita pelos usuários não residentes é comprovada pelo levantamento físico, que indica que 79% dos prédios da rua são imóveis inventariados, sendo que 43% desses estão em estado íntegro de conservação. Além disso, a principal visual da rua é a Laguna dos Patos e dos barcos, emoldurada pelas edificações (Fig. 4.8 e 4.9).



Figura 4.8: Prédios históricos da rua 2.(Fonte: Acervo da autora, 2011)



Figura 4.9: Visual da Laguna dos Patos ao fundo na rua 2.(Fonte: Acervo da autora, 2011)

Na avaliação feita pelos **residentes**, também analisando as respostas relativas às perguntas “8. A aparência da rua é:” e a “8.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada”, existe uma correlação entre a importância da presença dos barcos (Spearman, coef.=0,374, sig.=0,017) e a avaliação positiva da aparência da rua 2, demonstrando que: quanto mais importante para o usuário a presença dos barcos, mais positivamente a aparência da rua é avaliada (ver Tabela 4.5). Ademais, na rua 2 não foi encontrado nenhum resultado estatisticamente significativo, para ambos os grupos, residentes e não residentes, entre as respostas da pergunta “8. A aparência da rua é:” e da pergunta aberta “8.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:”.

Tabela 4.5: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da rua 2, considerando a importância dos barcos na paisagem (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	8. A aparência da rua é:	8.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada: OS BARCOS				
		Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Residentes	Muito bonita	3(7,5%)	9(22,5%)	0	0	1(2,5%)
	Bonita	2(5%)	10(25%)	5(12,5%)	7(17,5%)	0
	Nem bonita, nem feia	0	1(2,5%)	2(5%)	0	0
	Feia	0	0	0	0	0
	Muito feia	0	0	0	0	0
	TOTAL 40 (100%)	5(12,5%)	20(50%)	7(17,5%)	7(17,5%)	1(2,5%)

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Para compreender se a importância dada pelos **residentes** à presença de barcos na avaliação da aparência da rua 2 poderia estar relacionada aos aspectos simbólicos daquela paisagem foram analisadas as respostas desse grupo para a pergunta aberta “8.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:”. Somente 5% dos respondentes indicaram a presença dos barcos como um aspecto importante na avaliação da aparência da rua 2, porém 32,5% dos respondentes indicaram na pergunta aberta a visual da Laguna dos Patos. Desse modo, sugere-se que a associação dos residentes com os barcos, nessa rua, tenha sido meramente visual. Isso talvez ocorra por que no momento da aplicação dos questionários a quantidade de barcos no píer era significativa e então chamavam mais a atenção do que a paisagem da Laguna. No entanto, quando questionados, numa pergunta aberta os respondentes apontaram a visual da Laguna dos Patos como principal fator, devido àquela visual ser conhecida dos residentes e estar ali independente da presença dos barcos.

4.2.5 Aspectos que interferem na avaliação dos diferentes grupos de usuários em relação à qualidade visual na rua 4

Em relação à avaliação referente à qualidade visual da rua 4, quando analisadas as respostas dos **não residentes** para as perguntas “22. A aparência da rua é:” e “22.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada”, são encontradas três correlações entre os seguintes aspectos da paisagem natural e ambiente construído com a avaliação da aparência da rua: visual da Laguna dos Patos (Spearman, coef.=0,594, sig.=0,000); os barcos (Spearman, coef.=0,382, sig.=0,015); a vegetação (Spearman, coef.=0,401, sig.=0,010); os prédios históricos (Spearman, coef.=0,373, sig.=0,018); os prédios em geral (Spearman, coef.=0,450, sig.=0,004); e os anúncios comerciais (Spearman, coef.=0,330, sig.=0,037). Desse modo, quanto mais importante para o usuário esses aspectos, mais positivamente eles avaliam a aparência da rua 4. Na Tabela 4.6, abaixo, são apresentadas as frequências das respostas dos usuários em relação aos aspectos considerados importantes estatisticamente na avaliação da aparência da rua 4.

Tabela 4.6: Grau de importância dos aspectos da paisagem natural e do ambiente construído na avaliação de aparência da Rua 4 para os não residentes (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	Escala de importância dos itens	22.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:					
		A Laguna dos Patos	Os barcos	Vegetação	Os prédios históricos	Os prédios em geral	Os anúncios comerciais
Não Residentes	Muito importante	24(60%)	10(25%)	19(47,5%)	27(67,5%)	23(57,5%)	1(2,5%)
	Importante	12(30%)	15(37,5%)	13(32,5%)	10(25%)	11(27,5%)	1(2,5%)
	Neutro	3(7,5%)	9(22,5%)	3(7,5%)	1(2,5%)	2(5,0%)	17(42,5%)
	Um pouco importante	0	1(2,5%)	3(7,5%)	0	2(5,0%)	5(12,5%)
	Não importante	1(2,5%)	5(12,5%)	2(5,0%)	2(5,0%)	2(5,0%)	16(40%)
	TOTAL	40(100%)	40(100%)	40(100%)	40(100%)	40(100%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Na avaliação dos **residentes** da qualidade visual da rua 4 quando consideradas as respostas das perguntas "22. A aparência da rua é:" e "22.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada", foi encontrado uma correlação entre a aparência da rua e a importância da Laguna dos Patos (Spearman, coef.=0,485, sig.=0,001). Nesse sentido, quanto mais bonita é a rua 4 mais importante é a Laguna dos Patos na avaliação dessa rua (ver Tabela 4.7). Nesse sentido, tanto para os não residentes quanto para os residentes a existência da visual da Laguna dos Patos é um aspecto importante na avaliação da aparência da rua 4.

Tabela 4.7: Avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da rua 4 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	22 A aparência da rua é:	22.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:				
		A LAGUNA DOS PATOS				
		Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Residentes	Muito bonita	5(12,5%)	1(2,5%)	0	0	0
	Bonita	12(30%)	11(27,5%)	3(7,5%)	0	0
	Nem bonita, nem feia	1(2,5%)	2(5%)	3(7,5%)	0	0
	Feia	0	1(2,5%)	1(2,5%)	0	0
	Muito feia	0	0	0	0	0
	TOTAL	18(45%)	15(37,5%)	7(17,5%)	0	0

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Assim, entende-se que, nessa rua, para ambos os grupos, a presença da paisagem natural da Laguna se sobressai à presença dos prédios. Isso pode ser

confirmado também devido ao fato de somente 25% dos imóveis inventariados, que são 83% do total de prédios da rua, estarem em estado íntegro de conservação. Além disso, do total das edificações, somente 16% estão em bom estado de conservação, dados que tem como fonte o levantamento físico da área. Assim, os resultados indicam que a manutenção dos prédios, um dos aspectos importantes para a avaliação dos usuários em relação à qualidade visual das ruas, segundo a literatura (ver capítulo 2, subitem 2.2.1.4) neste caso ficou em segundo plano, pois a paisagem natural se sobrepõe aos prédios. Nas figuras 4.10 e 4.11 são identificados alguns dos aspectos da paisagem natural apontados como importantes pelos respondentes.



Figura 4.10: Vegetação e visual da Laguna e dos barcos ao fundo da rua 4. (Fonte: Acervo da autora, 2011)



Figura 4.11: Visual da Laguna dos Patos e dos barcos. (Fonte: Carolina Barros, 2011)

Portanto, como demonstrado na Tabela 4.1, a rua 4 é na qual existe a maior similaridade entre os grupos nessa avaliação. Desse modo, a maioria dos não residentes 75% e residentes 80% avaliam a rua como bonita e muito bonita, confirmando que aspectos relacionados à paisagem natural influenciam da mesma forma a percepção dos diferentes grupos quanto à avaliação da rua 4.

4.2.6 Conclusão da hipótese 1

Os dados encontrados sustentam parcialmente a hipótese investigada. Das quatro ruas avaliadas somente em uma delas, a rua 3, houve diferenças estatisticamente significantes entre as respostas dos dois grupos de usuários – residentes e não residentes – quando avaliado a qualidade visual da rua, sendo

constatado que o atributo familiaridade influenciou nas avaliações. Porém, nas demais ruas, 1, 2 e 4, foram constatadas similaridade entre as percepções dos grupos de usuários, sendo essa associada aos mesmos aspectos do ambiente para ambos. Pode-se dizer que os grupos, que possuem precedentes diferentes em relação à cidade, pensam da mesma forma sobre a avaliação da qualidade visual da maioria das ruas e que essa avaliação fundamentou-se na estética formal do ambiente como um todo. Alguns estudos, tais como Reis (2010, 2010a) já sugerem que as pessoas tendem a preferir prédios, em relação a outros, devido aos seus aspectos de organização formal e não pelos aspectos simbólicos. A tabela 4.8 resume os aspectos considerados por cada grupo como importantes na avaliação da qualidade visual das ruas.

Tabela 4.8: Resumo dos aspectos importantes na avaliação da aparência das ruas para cada grupo de usuários (Fonte: Autora, 2012)

ASPECTOS IMPORTANTES NA AVALIAÇÃO DA APARÊNCIA DAS RUAS		
RUAS	NÃO RESIDENTES	RESIDENTES
RUA 1	- Os prédios em geral - Mau estado de conservação dos prédios	- Os prédios em geral - Rua estreita
RUA 2	- A Laguna dos Patos - Os prédios históricos	- Os barcos (A Laguna dos Patos)
RUA 3	- Os prédios em mau estado de conservação - Paisagem natural - A Laguna dos Patos	- A Laguna dos Patos
RUA 4	- A Laguna dos Patos - Os barcos - Vegetação - Os prédios históricos - Os prédios em geral - Os anúncios comerciais	- A Laguna dos Patos

Na rua 3, onde existe diferença entre a avaliação dos grupos de usuários, os aspectos apontados pelos não residentes podem auxiliar nas diretrizes turísticas da cidade pois indicam a manutenção dos prédios como importante na avaliação positiva da rua pelos visitantes, assim como podem ajudar a estabelecer uma relação com a preferência do usuário por espaços urbanos que tenham suas edificações em bom estado de conservação.

Porém é na avaliação da aparência da rua 4, onde existe a maior similaridade entre as respostas dos grupos, que se encontram as maiores correlações entre os aspectos físicos do ambiente e a aparência da rua. Isso pode indicar que, nesse

caso, a presença da Laguna altera a percepção dos grupos em relação aos prédios e que a combinação de uma paisagem composta por prédios históricos, mesmo em mau estado de conservação, vegetação, visual da Laguna e dos barcos contribuem para a avaliação positiva de um lugar. A rua 4 ao contrário da rua 3, reúne todos esses aspectos, por isso os usuários, residentes e não residentes, a avaliaram mais positivamente que as demais.

4.3 TESTANDO A HIPÓTESE 2: há similaridades entre as percepções dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quanto à preferência por prédios históricos em relação aos contemporâneos das ruas investigadas.

A análise da hipótese está dividida em dois momentos: no primeiro são apresentadas as divergências e similaridades entre as percepções dos grupos de usuários em relação à importância dos prédios históricos na avaliação da qualidade visual das ruas; e no segundo as preferências dos usuários em relação aos prédios de cada rua.

4.3.1 Grau de divergência e similaridade entre as percepções dos residentes e não residentes em relação à importância dos prédios históricos para a qualidade visual das ruas

Para investigar o grau de divergência e similaridade entre as percepções dos residentes e não residentes em relação à importância dos prédios históricos para a qualidade visual das ruas foram analisadas as respostas relativas às seguintes perguntas do questionário: “1.2, 8.2, 15.2 e 22.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada” no que diz respeito aos prédios históricos.

É constatado divergências, entre as respostas dos diferentes grupos no que diz respeito à importância dos prédios históricos na avaliação da aparência da rua 3 ($U=325,5$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,000$). Para os **residentes** os prédios históricos são mais importantes para a aparência da rua 3 do que para os **não residentes** (ver Tabela 4.9).

Tabela 4.9: Avaliação dos usuários quanto à aparência das ruas analisadas (Fonte: Autora, 2012)

1.2, 8.2, 15.2, 22.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:									
Grupos de usuários	OS PRÉDIOS HISTÓRICOS	RUA 1	Média*	RUA 2	Média*	RUA 3	Média*	RUA 4	Média*
Residentes	Muito importante	17(42,5%)	1,80	30(75%)	1,75	17(42,5%)	1,80	34(85%)	1,18
	Importante	16(40%)		8(20%)		16(40%)		5(12,5%)	
	Neutro	5(12,5%)		1(2,5%)		5(12,5%)		1(2,5%)	
	Um pouco importante	2(5%)		1(2,5%)		2(5%)		0	
	Não importante	0		0		0		0	
	TOTAL	40(100%)		40(100%)		40(100%)		40(100%)	
Não residentes	Muito importante	14(35%)	2,25	23(57,5%)	1,70	6(15%)	3,18	27(67,5%)	1,50
	Importante	11(27,5%)		9(22,5%)		5(12,5%)		10(25%)	
	Neutro	10(25%)		5(12,5%)		11(27,5%)		1(2,5%)	
	Um pouco importante	1(2,5%)		3(7,5%)		12(30%)		0	
	Não importante	4(10%)		0		6(15%)		2(5%)	
	TOTAL	40(100%)		40(100%)		40(100%)		40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor mais importante é a presença de prédios históricos na avaliação da aparência das ruas pelos respondentes.

OBS.: As porcentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

A rua 3 é a com menos exemplares de prédios inventariados, quando comparado às outras ruas, sendo a maioria desses característicos do primeiro período moderno. Isso pode estar influenciando na avaliação dos não residentes, já que para esses usuários esse estilo pode não se caracterizar como um prédio histórico. Já para os residentes, moradores do local, esses prédios já são antigos na cidade. Nas demais ruas há similaridades entre as respostas dos dois grupos de usuários, ambos consideram importante a presença de prédios históricos na avaliação da aparência das ruas, conforme tabela 4.9.

Outro aspecto importante ressaltar é que na rua 4, a rua melhor avaliada por ambos os grupos em relação à aparência (ver Tabela 4.1), é onde se encontra as maiores porcentagens de respondentes que apontaram os prédios históricos como importantes (ver Tabela 4.9).

Em relação à importância dos prédios históricos e a avaliação da qualidade visual das ruas, quando consideradas as respostas dos **não residentes**, há duas correlações entre as perguntas "A aparência da rua é:" e "Indique a importância dos

itens abaixo para a aparência da rua visitada: Os prédios históricos”: na rua 2 (Spearman, coef.=0,359, sig.=0,023) e na rua 4 (Spearman, coef.=0,373, sig.=0,018) Isso indica que quanto maior o número de prédios históricos mais positivamente os não residentes irão avaliar a aparência das ruas 2 e 4. Portanto, essa análise sugere que a existência de prédios históricos na paisagem influencia na avaliação da qualidade visual das ruas.

A seguir é avaliada a preferência dos usuários em relação aos prédios, individualmente, em cada rua, com o objetivo de compreender qual a preferência dos grupos, residentes e não residentes, em relação ao estilo arquitetônico e quais aspectos influenciam nessa avaliação.

4.3.2 Preferência dos grupos em relação aos prédios da rua 1

Para investigar a preferência dos usuários em relação aos prédios da rua 1 foram analisadas as repostas relativas às seguintes perguntas do questionário: “3. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?” e “4. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?”. A tabela 4.10 apresenta as indicações feitas pelos usuários **não residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais bonito. Cabe considerar que para esta análise foram utilizados somente os prédios mencionados por no mínimo 10% da amostra.

Tabela 4.10: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários não residentes na rua 1
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 3. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?			
NÃO RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio*	Justificativas
	1. Conjunto 6 casas	11(27,5%)	- casas históricas 2(11,1%); - conjunto / similaridade entre as construções 9(50%); - cor 2(11,1%); - volumetria compatível com a rua 1(5,6%); - bom estado de conservação 1(5,6%); - estilo arquitetônico 2(11,1%); - detalhes 1(5,6%).
	2. Nº 121 Sobrado Amarelo	10 (25%)	- bom estado de conservação 9(64,3%); - cor 3(21,4%); - estilo contemporâneo 2(14,3%).
	3. Rodoviária	5(12,5%)	- elementos marcantes 1(20%); - volumetria compatível com a rua 1(20%); - prédio histórico 1(20%); - estilo arquitetônico 2(40%).

1. Conjunto 6 casas	2. Nº 121 Sobrado Amarelo	3. Rodoviária
		

*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.
OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Entre os usuários não residentes percebe-se uma divisão na avaliação de preferência dos prédios: 27,5% dos respondentes optaram por um conjunto de prédios inventariados e 25% optaram por um prédio contemporâneo. Contudo, através das justificativas, é possível compreender que as escolhas estão vinculadas às características físicas dos prédios, tais como: no primeiro caso “ao conjunto e a similaridade das construções”, e no segundo caso “ao bom estado de conservação do prédio”, ambas justificativas com nove indicações. Somente no prédio da Rodoviária, terceiro indicado pelos respondentes com 12,5% de indicações, é que se percebe alguma relação mais significativa com o estilo arquitetônico do prédio e com o fato desse ser histórico.

Assim, esses aspectos confirmam o que trata a revisão da bibliografia, capítulo 2 (subitem 2.2.1.2 e 2.2.1.4). No caso do primeiro prédio são encontrados alguns aspectos relacionados à forma da edificação que influenciam na percepção,

tais como proximidade e similaridade, ou seja, ordem entre os elementos das fachadas. O conjunto de seis casas é um exemplo de grupamento por proximidade reforçado pela similaridade dos elementos de cada edificação. Ademais, o segundo prédio reforça a importância da manutenção dos edifícios para uma avaliação positiva desses. A seguir, na tabela 4.11 são apresentados os prédios indicados pelos **residentes** como mais bonitos da rua 1.

Tabela 4.11: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários residentes na rua 1 (Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 3. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?			
RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Conjunto 6 casas	16(40%)	- características próximas ao original 1(5,5%); - bom estado de conservação 6(33,5%); - casas históricas 2(11,1%); - pelo conjunto arquitetônico 7(38,9%); - estilo arquitetônico 1(5,5%); - cor 1(5,5%).
	2. Galeria	7 (17,5%)	- prédio grande, altura 2(22,2%); - uso comercial “shopping” 5(55,6%); - ligação com a outra rua e usos comerciais e de serviço 1(11,1%); - estilo moderno 1(11,1%).
	3. Loja Doce Magia	6(15%)	- bom estado de conservação 5(100%).
	4. Rodoviária	4(10%)	- características antigas 3(80%); - bom estado de conservação 1(20%); - estilo arquitetônico 1(20%).

1. Conjunto 6 casas	2. Galeria	3. Loja Doce Magia	4. Rodoviária
			

*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

A partir da avaliação da preferência dos residentes em relação à aparência dos prédios da rua 1, há similaridade entre as indicações desse grupo com as dos não residentes. Nesse sentido, reforça-se a importância das características físicas das edificações, tais como: similaridade e proximidade dos elementos formais; e bom estado de conservação dos prédios para a avaliação positiva da aparência das edificações. Ademais, acontece a associação do uso do prédio com a preferência de alguns residentes, dos quais 17,5% indicaram o prédio da Galeria como mais bonito tendo o uso comercial mencionado por 55,6% dos respondentes como justificativa para escolha do prédio. A tabela 4.12 abaixo resume as indicações e justificativas

feitas pelos **não residentes** em relação aos prédios que eles consideraram mais feios na rua 1.

Tabela 4.12: Prédios considerados mais feios pelos usuários não residentes na rua 1
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 4. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?			
NÃO RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio*	Justificativas
	1. Casa marrom com porta verde	16(40%)	- mau estado de conservação 15(100%);
	2. Galeria	11 (27,5%)	- cor e revestimento 1(8,3%) - volumetria desproporcional com a rua 5(41,7%), - mau estado de conservação 5(41,7%); - ausência de detalhes 1(8,3%).
	3. Bar do Paulinho	4(10%)	- mau estado de conservação.

1. Casa marrom com porta verde



2. Galeria



3. Bar do Paulinho



*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Nos prédios avaliados como mais feio é apontado, como aspecto principal a má conservação das edificações. Desse modo, esse resultado confirma o discutido no capítulo 2 (subitem 2.2.1.4), que fala da importância da manutenção das edificações para uma avaliação positiva dessas pelos usuários, nesse caso o mau estado de conservação contribui para a avaliação negativa. Na tabela 4.13 abaixo são apresentados os prédios indicados pelos **residentes** como o mais feio da rua 1.

Tabela 4.13: Prédios considerados mais feios pelos usuários residentes na rua 1
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 4. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?			
RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio*	Justificativas
	1.Bar do Paulinho	18(45%)	- Mau estado de conservação 17(100%)
	2. Casa marrom com porta verde	12 (30%)	- Mau estado de conservação 17(100%)

1. Bar do Paulinho



2. Casa marrom com porta verde



*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

A partir da avaliação dos residentes em relação aos prédios mais feios da rua 1, há similaridade entre as indicações desse grupo com as dos não residentes. Nesse sentido, reforça-se a importância das características físicas das edificações, neste caso a má conservação das fachadas.

Portanto, na rua 1, na avaliação de preferência dos usuários, residentes e não residentes, em relação aos prédios houve similaridade nas respostas dos grupos. Foram apontados como aspectos significativos, para a avaliação da preferência do usuário em relação à aparência das edificações, similaridade entre construções, ou seja, conjuntos arquitetônicos, e a conservação das fachadas.

4.3.3 Preferência dos grupos em relação aos prédios da rua 2

Para avaliar a preferência dos usuários em relação aos prédios da rua 2 foram analisadas as respostas em relação às perguntas “10. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?” e “11.Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?”. A tabela 4.14 apresenta as preferências dos usuários **não residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais bonito.

Tabela 4.14: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários não residentes na rua 2
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 10. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?			
NÃO RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio*	Justificativas
	1. Ministério Público	20(50%)	- Fachada harmônica 1(2,95%); - Prédio histórico 11(32,4%); - Bom estado de conservação 10(29,4%); - Arquitetura Colonial 4(11,7%); - Estilo janelas e portas 5(14,7%), - Cor 2(5,9%); -Simplicidade 1(2,95%).
	2. Casa de Cultura - pizzaria	13 (32,5%)	- Mantém características originais (portas, janelas, eira) 6(31%) ; - Apesar de estar em mau estado de conservação, preserva características originais 2(11%); - Molduras de pedras nas esquadrias 4(21%); - Prédio histórico 2(11%); - Estilo arquitetônico 5(26%).

1. Ministério Público



2. Casa de Cultura - pizzaria



*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Na avaliação de preferência dos usuários não residentes em relação à aparência dos prédios, foram indicados dois exemplares da arquitetura histórica como os prédios mais bonitos da rua 2. O primeiro representante da arquitetura eclética, indicado por 50% dos respondentes; e o segundo de arquitetura colonial portuguesa, indicado por 32,5% dos respondentes.

Assim, é possível perceber nas justificativas a associação com aspectos formais das fachadas, tais como, janelas, portas, molduras e elementos decorativos. Além disso, o fato dos prédios serem exemplares históricos também contribui na avaliação, no entanto, é necessário considerar que prédios com essa característica tendem a ser regidos pelas relações de composição da Teoria da Gestalt, tais como, ritmo, simetria, hierarquia, textura, grupamentos por proximidade e similaridade, e simplicidade. Nesse sentido, constroem composições arquitetônicas mais satisfatórias aos indivíduos, conforme revisão da literatura Capítulo 2 (subitem

2.2.1.2). A tabela 4.15 abaixo apresenta os prédios indicados pelos **residentes** como o mais bonito da rua 2.

Tabela 4.15: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários residentes na rua 2
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 10. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?			
RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio*	Justificativas
	1. Ministério Público	19(47,5%)	- Bom estado de conservação 11(46%); - Estilo arquitetônico 4(17%); - Prédio histórico 2(8%); - Cor 4(17%); - Preserva características originais 3(12%).
	2. Rosa Norte	7 (17,5%)	- Detalhes 3(37,5%); - Bom estado de conservação 4(50%); - Prédio histórico 1(12,5%).
	3. Casa de Cultura - pizzeria	5(12,5%)	- Preserva características originais 4(80%); - Prédio histórico 1(20%).
	4. Secretaria de Planejamento	4(10%)	- Preserva características originais 1(17%); - Cor 1(17%); - Estilo arquitetônico 1(17%); - Bom estado de conservação 2(32%); - Uso 1(17%).

1. Ministério Público



2. Rosa Norte



3. Casa de Cultura - pizzeria



4. Secretaria de Planejamento



*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

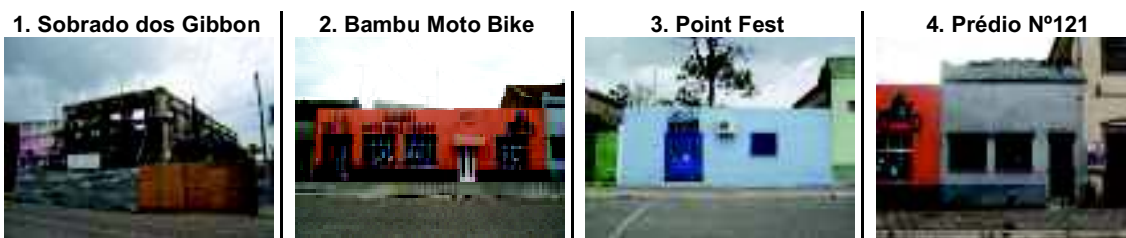
Para os residentes também percebe-se a preferência em relação à aparência dos prédios históricos, nota-se que os quatro prédios indicados como mais bonitos da rua são imóveis inventariados, representam exemplares da arquitetura colonial portuguesa e da arquitetura eclética. Porém, as justificativas de escolha também tendem a aspectos puramente formais dos prédios, tais como: manutenção das fachadas, cor e detalhes. No entanto, a “preservação das características originais” aparece como justificativa em três dos indicados, sendo que no prédio da Casa de Cultura essa representa 80% das justificativas. Analisando a síntese dos mapas mentais dos residentes (ver Apêndice F) percebe-se que 25% dos respondentes indicaram o prédio do Ministério Público em seus mapas, 12,5% a Casa de Cultura e 10% a Secretaria de Planejamento, assim sugere-se que nesta avaliação exista a

associação simbólica dos usuários com os prédios, conforme revisão da literatura Capítulo 2 (subitem 2.6).

Portanto, a partir da avaliação de preferência dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência dos prédios na rua 2, há similaridade entre as indicações desses grupos em relação aos prédios mais bonitos. Na avaliação de preferência dos usuários **não residentes** em relação à aparência dos prédios da rua 2, quanto àqueles que eles achavam mais feio, foram apontados aspectos como: má conservação das construções e a cor (ver Tabela 4.16). Assim, ratifica-se a importância da manutenção das fachadas para uma avaliação positiva dos prédios e adiciona-se o fator cor das fachadas como também um condicionante para essa avaliação, conforme já discutido no capítulo 2 (subitem 2.2.1.2 e 2.2.1.4).

Tabela 4.16: Prédios considerados mais feios pelos usuários não residentes na rua 2
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 11. Qual prédio dessa rua que você acha <u>mais feio</u> e por quê?			
NÃO RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio*	Justificativas
	1. Sobrado dos Gibbon	8(20%)	- Mau estado de conservação 6(100%);
	2. Bambu Moto Bike	6 (15%)	- Cor 5(50%); - Fachada moderna que destoa do conjunto, muitas grades 1(10%); - Esquadrias 1(10%); - Anúncios comerciais 2(20%); - Ausência de composição na fachada 1(10%).
	3. Point Fest	4(10%)	- Mau estado de conservação 1(33,3%); - Esquadrias 1(33,3%); - Cor 1(33,3%).
	4. Prédio Nº121	4(10%)	- Mau estado de conservação 2(33,3%); - Cor 3(50%); - Ausência de composição na fachada 1(16,7%).



*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Na avaliação de preferência dos usuários **residentes** em relação à aparência dos prédios da rua 2, quanto àqueles que eles achavam mais feio, também foi apontado como justificativa a má conservação das edificações (ver Tabela 4.17).

Portanto, na rua 2, há similaridade entre as indicações dos grupos, residentes e não residentes, quanto à avaliação de preferência em relação à aparência dos prédios mais feios.

Tabela 4.17: Prédios considerados mais feios pelos usuários residentes na rua 2
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 11. Qual prédio dessa rua que você acha <u>mais feio</u> e por quê?			
RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Sobrado dos Gibbon	27(67,5%)	- Mau estado de conservação 27(100%);
	2. Casa de cultura - pizzaria	5 (12,5%)	- Mau estado de conservação 5(100%);
	3. Prédio ao lado do nº72	5 (12,5%)	- Mau estado de conservação 4(80%); - Volumetria fora do contexto da rua 1(20%).

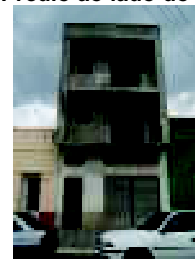
1. Sobrado dos Gibbon



2. Casa de cultura - pizzaria



3. Prédio ao lado do nº72



*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

4.3.4 Preferência dos grupos em relação aos prédios da rua 3

Para avaliar a preferência dos usuários em relação aos prédios da rua 3 foram analisadas as respostas em relação às perguntas: “17. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?” e “18. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?”. A tabela 4.18 apresenta as preferências dos usuários **não residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais bonito.

Tabela 4.18: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários não residentes na rua 3
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 17. Qual prédio dessa rua que você acha <u>mais bonito</u> e por quê?			
NÃO RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Antiga Alfândega	13(32,5%)	- Elementos formais 1(7,69%); - Estilo arquitetônico 2(15,38); - Apesar de degradado mantém características originais, induz a utilização integrado à paisagem 1(7,69%); - Prédio histórico 5(38,47%); - Relaciona-se melhor com a paisagem da lagoa 4(30,77%) .
	2. Danceteria Ladys	7 (17,5%)	- Cor 1(14,28%); - Elementos formais1(14,28%); - Bom estado de conservação 5(71,43%) .
	2. Danceteria Casa Nova	7 (17,5%)	- Cor 1(14,3%); - Bom estado de conservação 6(85,7%).
	3. Bailão Estrela	4(10%)	- Elementos formais 2(50%); - Mantém características originais 1(25%); - Bom estado de conservação 1(25%).

1. Antiga Alfândega	2. Danceteria Ladys	2. Danceteria Casa Nova	3. Bailão Estrela
			

*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Na avaliação do prédio mais bonito da rua 3, os não residentes apontaram como mais bonito, com 32,5% de indicações, o prédio da Antiga Alfândega, que se caracteriza por estilo luso brasileiro, porém em mau estado de conservação. Assim, as justificativas para a escolha desse prédio sugerem que há influência da paisagem da Laguna dos Patos nessa avaliação devido à proximidade dessa com o prédio o que tornou menos importante a má conservação do prédio na avaliação dos respondentes. Desse modo, a proximidade com a paisagem natural pode influenciar a percepção dos respondentes, não residentes, em relação aos prédios. A tabela 4.19 apresenta as preferências dos usuários **residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais bonito.

Tabela 4.19: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários residentes na rua 3
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 17. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?			
RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Danceteria Ladys	18(45%)	- Bom estado de conservação 15(83,4%); - Mantém características construtivas 1(5,5%); - Uso (boate) 3(16,6%); - Cor 1(5,5%).
	2. Danceteria Casa Nova	13 (32,5%)	- Bom estado de conservação 12(92,30%); - Uso 3(23,1%); - Moderno e se sobressai aos demais 1(2,5%).
	3. Nenhum	4(10%)	

1. Danceteria Ladys



2. Danceteria Casa Nova



*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Na avaliação do prédio mais bonito da Rua 3, pelos residentes, o aspecto de manutenção das fachadas é o mais significativo na justificativa das respostas. O prédio considerado como mais bonito pelos respondentes teve 45% das indicações, trata-se de um prédio inventariado, caracterizado como primeiro período moderno. A tabela 4.20 apresenta as preferências dos usuários **não residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais feio.

Tabela 4.20: Prédios considerados mais feios pelos usuários não residentes na rua 3
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 18. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?			
NÃO RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Prédio verde	11(27,5%)	- Mau estado de conservação 10(99,9%).
	2. Trailer	8(20%)	- Desordem, ocupação do espaço público 4(50%).
	3. Danceteria Ladys	4 (10%)	- Poluição visual, anúncios comerciais 3(75%); - Cor 1 (25%); - Elementos formais que não se harmonizam 1 (25%).
	3. Prédio ao lado antiga Alfândega	4(10%)	- Volumetria, janelas pequenas, paredão, desproporcional à rua 2(50%); - Mau estado de conservação 1 (25%).

1. Prédio verde	2. Trailer	3. Danceteria Ladys	3. Prédio ao lado antiga Alfândega
			

*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.
OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Na avaliação do prédio mais feio da rua 3, pelos não residentes, o aspecto de manutenção das fachadas é o mais significativo na justificativa das respostas, porém 20% dos respondentes indicaram o Trailer como a estrutura mais feia da rua, pela desordem e ocupação do espaço público. Esse fato demonstra a importância de regulamentação das estruturas móveis de comércio para a avaliação positiva de uma cena. A tabela 4.21 apresenta as preferências dos usuários **residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais feio.

Assim, como na escolha do prédio mais bonito da Rua 3, os respondentes residentes utilizam o aspecto manutenção das fachadas como a principal justificativa para a escolha do prédio mais feio. Desse modo, existe uma similaridade nas respostas dos grupos em relação à justificativa dada para os prédios mais feios, porém os prédios escolhidos não são os mesmos, embora ambos os grupos usem o aspecto manutenção das fachadas como o motivo de suas avaliações.

Na avaliação do prédio mais bonito há divergência entre as avaliações dos usuários, onde as repostas dos não residentes sofreram influencia da paisagem natural para a avaliação dos prédios e os residentes continuam considerando, principalmente, os aspectos relativos à manutenção das fachadas. Cabe considerar,

que a manutenção das fachadas já é um aspecto comprovado pela revisão da literatura, Capítulo 2, (subitem 2.2.1.4).

Tabela 4.21: Prédios considerados mais feios pelos usuários residentes na rua 3
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 18. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?			
RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Posto do Duda	11(27,5%)	- Mau estado de conservação 10(90,9%).
	2. Prédio verde	9(22,5%)	- Mau estado de conservação 8(88,9%).
	3. Antiga Alfândega	6 (15%)	- Mau estado de conservação 6(100%).
	3. Prédio branco ao lado Casa Nova	6 (15%)	- Mau estado de conservação 6(100%).

1. Posto do Duda	2. Prédio verde	3. Antiga Alfândega	3. Prédio branco ao lado Casa Nova
			

*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.

OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

4.3.5 Preferência dos grupos em relação aos prédios da rua 4

Para avaliar a preferência dos usuários em relação aos prédios da rua 4 foram analisadas as respostas em relação às perguntas “24. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?” e “25. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?”. A tabela 4.22 apresenta as preferências dos usuários **não residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais bonito.

Tabela 4.22: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários não residentes na rua 4 (Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 24. Qual prédio dessa rua que você acha <u>mais bonito</u> e por quê?			
NÃO RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Solar dos Imperadores	19(47,5%)	- Elementos formais, esquadrias, ornamentos e molduras 10(52,63%); - Estilo arquitetônico 4(21%); - Prédio imponente 4(21%); - Mau estado de conservado, mas mantém características originais 5(26,3%); - Mau estado de conservado, mas com boa composição arquitetônica 2(10,52%); - Prédio histórico 4(21%).
	2. Sobrado Chaffic	11(27,5%)	- Estilo arquitetônico 3(27,3%); - Mantém características originais 1(9%); - Bom estado de conservação 8(72,7%); - Prédio histórico 2(18,2%).
1. Solar dos Imperadores  2. Sobrado Chaffic 			
*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra. OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.			

Na avaliação do prédio mais bonito da Rua 4 pelos não residentes são indicados dois prédios representantes da arquitetura luso brasileira. O primeiro obteve 47,5% das indicações dos respondentes e dentre as justificativas apresentadas estão aspectos associados às características formais do prédio, tais como: ornamentos, esquadrias, frisos, molduras e a manutenção das características formais do prédio histórico. Esses aspectos estão relacionados na revisão da literatura e são considerados, em alguns estudos, como importantes na avaliação de preferência dos prédios, conforme Capítulo 2 (subitem 2.2.1.2). A tabela 4.23 apresenta as preferências dos usuários **residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais bonito.

Tabela 4.23: Prédios considerados mais bonitos pelos usuários residentes na rua 4
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 24. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê?				
RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas	
	1. Solar dos Imperadores		35(87,5%)	- Janelas, portas, detalhes, estrutura da fachada 4(11,4%); - Estilo arquitetônico 3(8,6%); - Prédio Imponente 4(11,4%); - Mantém as características históricas preservadas 8(22,86%); - Mesmo em mau estado de conservação, por que possui boa composição formal 3(8,6%); - Mesmo em mau estado de conservação, mantém características históricas preservadas 5(14,3%); - Prédio histórico 10(28,6%); - Lugar onde D. Pedro I e II se hospedaram 1(2,9%).
*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.				
OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.				

Na avaliação do prédio mais bonito da rua 4 pelos residentes é indicado um prédio representante da arquitetura luso brasileira, que obteve 87,5% das indicações dos respondentes e dentre as justificativas apresentadas por esses estão aspectos associados às características formais do prédio, tais como: ornamentos, esquadrias, frisos, molduras e a manutenção das características formais do prédio histórico. Cabe salientar que somente um respondente associou o prédio aos aspectos simbólicos, já que essa construção serviu de hospedagem para o D. Pedro I e D. Pedro II no século XIX. A tabela 4.24 apresenta as preferências dos usuários **não residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais feio.

Tabela 4.24: Prédios considerados mais feios pelos usuários não residentes na rua 4
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 25. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?			
NÃO RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Ruína	12(30%)	- Mau estado de conservação 7(58,3%).
	2. Prédio nº17	8(20%)	- Ausência de composição formal 1(12,5%); - Ausência de detalhes 1(12,5%); - Cor 2(25%); - O estilo não se harmoniza com as demais construções 3(37,5%); - Mau estado de conservação 4(50%).
	3. Solar dos Imperadores	6(15%)	- Mau estado de conservação 6(100%).
	4. Trailer	4(10%)	- Impede a visual da igreja e da praça 4 (100%); - Se apropria do espaço público e está em desacordo com os aspectos formais do entorno 2(50%);

1. Ruína	2. Prédio nº17	3. Solar dos Imperadores	4. Trailer
			

*São excluídas as características mencionadas por menos de 10% da amostra do grupo de usuário.

OBS.: (1) cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Na avaliação do prédio mais feio da Rua 4 pelos não residentes são considerados aspectos associados à má conservação das fachadas e a falta de relação dos prédios com o entorno, assim como a ausência de composição formal. Nesse sentido, a avaliação negativa dos prédios também considera aspectos relacionados às características formais dessas construções. A tabela 4.25 apresenta as preferências dos usuários **residentes** e suas justificativas em relação aos prédios que eles consideram mais feio.

Tabela 4.25: Prédios considerados mais feios pelos usuários residentes na rua 4
(Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 25. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê?			
RESIDENTES	Prédios	Indicações do prédio	Justificativas
	1. Antiga Alfândega 	30(75%)	- Mau estado de conservação 24(80%); - Abandonado e sem uso 2(6,6%).

*São excluídos os prédios mencionados por menos de 10% da amostra.
OBS.: Cada respondente poderia indicar até 3 justificativas.

Na avaliação do prédio mais feio da Rua 4 pelos residentes são considerados aspectos associados à má conservação das fachadas e a falta de uso das edificações. Portanto, na Rua 4, existe similaridade nas respostas dos residentes e não residentes quanto às justificativas e os prédios que eles acham mais bonitos e entre as justificativas dos prédios considerados mais feios. Porém, são indicadas edificações diferentes na avaliação do prédio mais feio, isso deve-se ao fato do prédio indicado pelos residentes como mais feio ser o mesmo que foi avaliado positivamente pelos não residentes na rua 3 influenciados pela proximidade à paisagem natural.

4.3.6 Conclusão da hipótese 2

Os dados apresentados acima sustentam parcialmente a hipótese de que há similaridades entre as avaliações dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) quanto à preferência por prédios históricos em relação aos contemporâneos. Isso se dá por que os resultados sugerem que essa similaridade acontece em função do aspecto formal dos prédios e não dos aspectos simbólicos que o usuário atribui a eles. Desse modo, nas avaliações, em geral, os usuários consideraram aspectos relacionados ao ordenamento dos elementos das fachadas, o que acontece nos prédios históricos. No entanto, nos prédios contemporâneos, avaliados negativamente pelos respondentes, não havia ordem entre os elementos, sugerindo que a preferência pelos prédios históricos tenha se dado pelos aspectos

da forma e não pelo atributo histórico. Por esses motivos a hipótese é parcialmente sustentada.

Estudos, como Reis (2010, 2010a), que apontam que o aspecto formal, em alguns casos, tem se sobreposto aos aspectos simbólicos nas avaliações de preferência. Os dados indicam que os usuários consideram os seguintes aspectos nas avaliações positivas: similaridade entre as construções, bom estado de conservação das fachadas, preservação das características antigas e aspectos formais (ornamentos, esquadrias e detalhes) dos prédios históricos. Nas avaliações negativas das construções são considerados, principalmente, aspectos relacionados ao mau estado de conservação das edificações.

Cabe considerar que na rua 3 houve por parte dos não residentes, uma associação entre prédio histórico e paisagem natural na avaliação positiva dos prédios, mesmo esses estando em mau estado de conservação.

4.4 TESTANDO A HIPÓTESE 3: para os usuários, residentes e não residentes, o grau moderado de complexidade, quando considerado a soma do ambiente construído com o natural, contribui para a qualidade visual das ruas investigadas.

A análise da hipótese é identificar o quanto variação e ordenação dos elementos formais dos prédios e da paisagem natural contribui na avaliação da qualidade visual das ruas pelos usuários, residentes e não residentes. Para a avaliação de quanto à variação dos elementos formais dos prédios e da paisagem natural contribuem para a redução da qualidade visual são analisadas as perguntas: “A aparência da rua é:” e “A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: variação entre os elementos”. As respostas foram confrontadas com os dados obtidos no levantamento físico das ruas quanto à sua complexidade (ver Apêndice D)

4.4.1 Relação entre a qualidade visual e a variação dos elementos formais das ruas

Na **RUA 1**, embora não exista diferença entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua (ver Tabela 4.1), há

diferenças em relação à variação dos elementos ($U=543,00$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,010$). Assim, é investigado o quanto essa variação influencia na percepção dos grupos separadamente.

No entanto, para os residentes e não residentes, não existe correlação entre a percepção do usuário quanto à variação dos elementos da paisagem composta por prédios e ambiente natural e a aparência da rua 1. A tabela 4.26, mostra a avaliação dos grupos em relação à variação dos elementos.

Tabela 4.26: Avaliação dos usuários quanto à variação dos elementos da rua 1 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	2. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: VARIAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS						
	Muito Grande	Grande	Moderada	Pequena	Muito pequena	TOTAL	Média*
Residentes	2(5%)	1(2,5%)	10(25%)	15(37,5%)	12(30%)	40(100%)	3,85
Não residentes	2(5%)	8(20%)	14(35%)	10(25%)	6(15%)	40(100%)	3,25

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor maior é a variação dos elementos para os respondentes.

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

A avaliação sugere que ambos os grupos, residentes e não residentes, percebem pouca variação em relação aos elementos da rua 1. No entanto, os não residentes tendem a perceber a rua como maior variação entre os elementos do que os residentes. O levantamento físico, indicou que a Rua 1 possui a silhueta com 100% das construções com platibandas dentre essas 95% são do tipo cheia, o que contribui para a diminuição da variação entre os elementos. Além disso, as construções estão localizadas no alinhamento predial e existe pouca articulação das fachadas, somente dois prédios possuem sacadas. Os prédios da rua possuem um equilíbrio quanto às tipologias: 53% dos prédios são de tipologia horizontal e 47% vertical (ver Apêndice D). Ademais, 26,3% dos respondentes, residentes e não residentes, classificaram a rua como pequena, comum e estreita, quando avaliada a aparência dessa.

Na **RUA 2**, não há divergências entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua e também à variação dos elementos. Assim, é investigado o quanto essa variação influencia na percepção dos grupos em conjunto. Desse modo, na rua 2, existe uma correlação (Spearman, coef.=0,270, sig.=0,015) entre a percepção do usuário quanto à variação dos elementos e à avaliação da aparência da rua (ver Tabela 4.27).

Tabela 4.27: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à variação dos elementos da rua 2
(Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	8. A aparência da rua é:	9. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: VARIACÃO ENTRE OS ELEMENTOS						Média *
		Muito Grande	Grande	Moderada	Pequena	Muito pequena	TOTAL	
Residentes	Muito bonita	3(7,5%)	3(7,5%)	7(17,5%)	0	0	13(32,5%)	2,60
	Bonita	1(2,5%)	6(15%)	15(37,5%)	2(5%)	0	24(60%)	
	Nem bonita, nem feia	1(2,5%)	0	1(2,5%)	1(2,5%)	0	3(7,5%)	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	5(12,5%)	9(22,5%)	23(57,5%)	3(7,5%)	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	1(2,5%)	3(7,5%)	1(2,5%)	1(2,5%)	0	6(15%)	2,83
	Bonita	1(2,5%)	7(17,5%)	18(45%)	4(10%)	0	30(75%)	
	Nem bonita, nem feia	0	1(2,5%)	1(2,5%)	1(2,5%)	1(2,5%)	4(10%)	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	2(5%)	11(27,5%)	20(50%)	6(15%)	1(2,5%)	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor maior é a variação dos elementos para os respondentes.
OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

O levantamento físico indica a rua 2 como a que possui a silhueta com maior número de vértices, 79% das construções com platibandas e 21% com beiral, o que contribui para o aumento da complexidade e na avaliação do ambiente como menos monótono. Ademais, maior variação nas silhuetas das construções faz com que não haja um rompimento brusco entre as construções e o céu, o que acontece com silhuetas mais regulares.

Na **RUA 3**, há divergências entre a avaliação dos usuários, residentes e não residentes, quanto à aparência da rua, no entanto, há similaridade na avaliação desses usuários quanto à variação dos elementos ($U=617,50$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,063$). Desse modo, é investigado o quanto essa variação influencia na percepção dos grupos, em relação à aparência da rua, separadamente.

Para os residentes não existe correlação entre a avaliação do usuário quanto à aparência da rua 3 e a percepção desses em relação à variação dos elementos da paisagem composta por prédios e ambiente natural. Porém, para os não residentes

existe uma correlação entre a avaliação do usuário quanto à aparência da rua 3 e a percepção desses em relação à variação dos elementos da paisagem composta por prédios e ambiente natural (Spearman, coef.=0,497, sig.=0,001) (ver Tabela 4.28).

Tabela 4.28: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à variação dos elementos da rua 3
(Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	15. A aparência da rua é:	16. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: VARIAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS						Média *
		Muito Grande	Grande	Moderada	Pequena	Muito pequena	TOTAL	
Residentes	Muito bonita	5(12,5%)	7(17,5%)	7(17,5%)	2(5%)	0	21(52,5%)	2,48
	Bonita	0	10(25%)	4(10%)	1(2,5%)	0	15(37,5%)	
	Nem bonita, nem feia	0	0	1(2,5%)	3(7,5%)	0	4(10%)	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	5(12,5%)	17(42,5%)	12(30%)	6(15%)	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	2(5%)	3(7,5%)	4(10%)	0	0	9(22,5%)	2,83
	Bonita	2(5%)	4(10%)	10(25%)	3(7,5%)	0	19(47,5%)	
	Nem bonita, nem feia	0	0	3(7,5%)	1(2,5%)	0	4(10%)	
	Feia	0	0	5(12,5%)	2(5%)	1(2,5%)	8(20%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	4(10%)	7(17,5%)	22(55%)	6(15%)	1(2,5%)	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor maior é a variação dos elementos para os respondentes.

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

O levantamento físico indica que a rua 3, possui a silhueta, entre as ruas, com menor número de vértices, 89% dos prédios possuem platibanda e 64% dos prédios com tipologia horizontal o que contribui para a redução da articulação das fachadas, e nenhum possui sacada. Esses aspectos contribuem para a redução da complexidade.

Nesse sentido, considera-se uma parcela significativa de 27,5% dos respondentes não residentes e 55% dos residentes avaliam a rua com uma grande variação dos seus elementos (muito grande e grande), contrariando aspectos encontrados no levantamento físico. Assim, sugere-se que a paisagem natural, nesse caso a Laguna dos Patos, contribua para o aumento da percepção de variação dos elementos, já que contrasta com o ambiente construído.

Na **RUA 4**, não há divergências entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua e também à variação dos elementos ($U=746,50$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,564$). Assim, é investigado o quanto essa variação influencia na percepção dos grupos em conjunto. Desse modo, na rua 4, existe uma correlação (Spearman, coef.=0,275, sig.=0,014) entre a percepção do usuário quanto à variação dos elementos e à avaliação da aparência da rua (ver Tabela 4.29). Isso significa que quanto maior a variação dos elementos mais positiva é a avaliação dos respondentes quanto à qualidade visual da rua. Dentro desse contexto, 77,5% dos usuários, residentes e não residentes, classificam a rua como “muito bonita e bonita”, assim existe uma avaliação positiva da aparência da rua pelos respondentes.

Tabela 4.29: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à variação dos elementos da rua 4
(Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	8. A aparência da rua é:	9. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: VARIAÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS						Média *
		Muito Grande	Grande	Moderada	Pequena	Muito pequena	TOTAL	
Residentes	Muito bonita	0	3(7,5%)	3(7,5%)	0	0	6(15%)	2,95
	Bonita	1(2,5%)	3(7,5%)	19(47,5%)	2(5%)	1(2,5%)	26(65%)	
	Nem bonita, nem feia	0	1(2,5%)	4(10%)	0	1(2,5%)	6(15%)	
	Feia	0	0	1(2,5%)	1(2,5%)	0	2(5%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	1(2,5%)	7(17,5%)	27(67,5%)	3(7,5%)	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	1(2,5%)	2(5%)	2(5%)	1(2,5%)	0	6(15%)	3,03
	Bonita	0	5(12,5%)	13(32,5%)	6(15%)	0	24(60%)	
	Nem bonita, nem feia	0	0	3(7,5%)	1(2,5%)	0	4(10%)	
	Feia	0	2(5%)	1(2,5%)	2(5%)	0	5(12,5%)	
	Muito feia	0	0	0	0	1(2,5%)	1(2,5%)	
	TOTAL	1(2,5%)	9(22,5%)	19(47,5%)	10(25%)	1(2,5%)	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor maior é a variação dos elementos para os respondentes.

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

O levantamento físico, identifica que na rua 4, 44% das construções possuem platibandas e 56% beiral, o que contribui para o aumento da complexidade da silhueta da rua. Além disso, existe uma diferença em relação à tipologia dos prédios

onde 50% possuem tipologia horizontal e 25% vertical, o que pode ajudar a diminuir a percepção de monotonia da rua. A existência de vegetação em frente às construções nessa rua também contribui para o aumento da articulação das fachadas, que é um dos aspectos que auxilia no aumento da complexidade dessa rua.

4.4.2 Relação entre a qualidade visual e a ordem entre os elementos formais das ruas

Além da variação dos elementos a revisão da literatura também indica que a ordenação dos elementos de uma paisagem contribui para o aumento da qualidade visual dessa. Nesse sentido, este estudo identifica quanto a ordenação dos elementos, da paisagem composta por ambiente construído e natural, influencia na avaliação da qualidade visual das ruas. Para essa investigação foram analisadas as respostas dos grupos de usuários em relação às seguintes perguntas: “A aparência da rua é:” e “A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: ordem entre os elementos”.

Na **RUA 1**, embora não exista diferença entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua (ver Tabela 4.1), há diferenças em relação à existência de ordem entre os elementos ($U=471,50$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,000$), isso significa que a ordem entre os elementos do ambiente influencia diferentemente a percepção entre os usuários. Assim, é investigado o quanto a ordem entre os elementos formais dos prédios e da paisagem natural influenciam na percepção dos grupos separadamente.

Para os residentes e não residentes, não existe correlação entre a percepção do usuário quanto a ordem entre os elementos da paisagem composta por prédios e ambiente natural e a aparência da rua 1. A tabela 4.30, mostra a avaliação dos grupos em relação à ordem entre os elementos e à aparência da rua.

Tabela 4.30: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da rua 1
(Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	1. A aparência da rua é:	2. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: ORDEM ENTRE OS ELEMENTOS						Média *
		Muito ordenada	Ordenada	Nem ordenada, nem desordenada	Desordenada	Muito desordenada	TOTAL	
Residentes	Muito bonita	0	1(2,5%)	0	0	0	1(2,5%)	2,33
	Bonita	0	8(20%)	4(10%)	0	0	12(30%)	
	Nem bonita, nem feia	0	18(45%)	7(17,5%)	1(2,5%)	0	26(65%)	
	Feia	0	1(2,5%)	0	0	0	1(2,5%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	0	28(70%)	11(27,5%)	1(2,5%)	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	0	0	0	0	0	0	2,85
	Bonita	0	3(7,5%)	3(7,5%)	1(2,5%)	0	7(17,5%)	
	Nem bonita, nem feia	0	9(22,5%)	15(37,5%)	5(12,5%)	0	29(72,5%)	
	Feia	0	1(2,5%)	2(5%)	1(2,5%)	0	4(10%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	0	13(32,5%)	20(50%)	7(17,5%)	0	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor maior é a ordem entre os elementos para os respondentes.

OBS.: As porcentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Na **RUA 2**, não há divergências entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua (ver Tabela 4.1), e à existência de ordem entre os elementos ($U=743,00$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,478$). Assim, é investigado o quanto a ordem entre os elementos formais dos prédios e da paisagem natural influenciam na percepção dos grupos em conjunto.

Para os residentes e não residentes, não existe correlação entre a percepção do usuário quanto a ordem entre os elementos da paisagem composta por prédios e ambiente natural e a aparência da rua 2. No entanto, apesar de não existir uma correlação estatística, os resultados sugerem que quando a rua é avaliada como "muito bonita" e "bonita" os respondentes tendem a avaliá-la como "muito ordenada" e "ordenada", ver tabela 4.31 que mostra a avaliação dos grupos em relação à ordem entre os elementos e à aparência da rua.

Tabela 4.31: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da rua 2
(Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	8. A aparência da rua é:	9. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: ORDEM ENTRE OS ELEMENTOS						Média *
		Muito ordenada	Ordenada	Nem ordenada, nem desordenada	Desordenada	Muito desordenada	TOTAL	
Residentes	Muito bonita	1(2,5%)	11(27,5%)	1(2,5%)	0	0	13(32,5%)	2,05
	Bonita	4(10%)	16(40%)	3(7,5%)	1(2,5%)	0	24(60%)	
	Nem bonita, nem feia	0	2(5%)	1(2,5%)	0	0	3(7,5%)	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	5(12,5%)	29(72,5%)	5(12,5%)	1(2,5%)	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	1(2,5%)	4(10%)	0	1(2,5%)	0	6(15%)	2,18
	Bonita	2(5%)	24(60%)	3(7,5%)	1(2,5%)	0	30(75%)	
	Nem bonita, nem feia	0	2(5%)	1(2,5%)	1(2,5%)	0	4(10%)	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	3(7,5%)	20(75%)	4(10%)	3(7,5%)	0	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor maior é a ordem entre os elementos para os respondentes.

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Na **RUA 3**, há divergências entre a avaliação dos usuários, residentes e não residentes, quanto à aparência da rua, e quanto à ordem entre os elementos da paisagem ($U=556,50$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,010$). Desse modo, é investigado o quanto a ordem entre os elementos influencia na percepção dos grupos, em relação à aparência da rua, separadamente.

Há uma correlação entre a avaliação dos residentes e não residentes quanto à aparência da rua 3 e a percepção desses em relação à ordem entre os elementos da paisagem composta por prédios e ambiente natural. O teste estatístico indica: para os residentes (Spearman, coef.=0,441, sig.=0,004) e para os não residentes (Spearman, coef.=0,372, sig.=0,018). Nesse sentido, quanto mais ordenado é o ambiente mais positiva é a avaliação dos usuários quanto à aparência da rua 3. A

tabela 4.32 indica a avaliação dos respondentes quanto à ordem dos elementos e à aparência da rua 3.

Tabela 4.32: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da rua 3
(Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	15. A aparência da rua é:	16. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: ORDEM ENTRE OS ELEMENTOS						Média *
		Muito ordenada	Ordenada	Nem ordenada, nem desordenada	Desordenada	Muito desordenada	TOTAL	
Residentes	Muito bonita	6(15%)	12(30%)	3(7,5%)	0	0	21(52,5%)	2,13
	Bonita	0	12(30%)	2(5%)	1(2,5%)	0	15(37,5%)	
	Nem bonita, nem feia	0	1(2,5%)	2(5%)	1(2,5%)	0	4(10%)	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	6(15%)	25(62,5%)	7(17,5%)	2(5%)	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	2(5%)	4(10%)	2(5%)	1(2,5%)	0	9(22,5%)	2,68
	Bonita	0	12(30%)	4(10%)	3(7,5%)	0	19(47,5%)	
	Nem bonita, nem feia	0	1(2,5%)	1(2,5%)	2(5%)	0	4(10%)	
	Feia	1(2,5%)	1(2,5%)	2(5%)	3(7,5%)	1(2,5%)	8(20%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	3(7,5%)	18(45%)	9(22,5%)	9(22,5%)	1(2,5%)	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor maior é a ordem entre os elementos para os respondentes.

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

A rua 3 é a que possui diferenças entre as avaliações dos usuários quanto à aparência, os residentes a avaliam mais positivamente do que os não residentes e consequentemente a avaliam também como mais ordenada. Assim, 77,5% dos residentes avaliam a rua como ordenada (muito ordenada e ordenada) e somente 5% como desordenada, já 52,5% dos não residentes a avaliam como ordenada (muito ordenada e ordenada), porém 25% avaliam como desordenada (desordenada e muito desordenada) (ver Tabela 4.32). Sugere-se que a avaliação feita pelos residentes, que percebem a rua como mais bonita e mais ordenada do que os não residentes, acontece devido à familiaridade do usuário com esse contexto, o que faz com que o espaço seja mais facilmente compreendido pelo usuário.

Na **RUA 4**, não há divergências entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua (ver Tabela 4.1), e à existência de ordem entre os elementos ($U=757,00$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,620$). Assim, é investigado o quanto a ordem entre os elementos formais dos prédios e da paisagem natural influenciam na percepção dos grupos em conjunto.

Para os residentes e não residentes, há correlação entre a percepção do usuário quanto a ordem entre os elementos da paisagem composta por prédios e ambiente natural e a aparência da rua 4 (Spearman, coef.=0,423, sig.=0,000). A tabela 4.33, mostra a avaliação dos grupos em relação à ordem entre os elementos e à aparência da rua.

A avaliação dos usuários, residentes e não residentes, quanto à aparência da rua 4 indica que: 15% a classificam como “muito bonita” e 62,5% como “bonita” (ver Tabela 4.1). Nesse sentido, há uma avaliação positiva dos usuários em relação à aparência da rua e a correlação encontrada indica que quanto mais ordem houver entre os elementos da paisagem, composta por ambiente construído e natural, mais bonita a rua é avaliada pelos usuários. Assim, em relação à ordem esses usuários avaliam a rua como: “ordenada” 66,3% e “nem ordenada, nem desordenada” 22,5%.

Além disso, a rua 4, dentre as que possuem similaridades entre as respostas dos usuários quanto à aparência, é a única onde há correlação entre a percepção dos usuários em relação à ordenação dos elementos e à aparência da rua. Isso sugere que a maior quantidade de prédios históricos, em relação aos contemporâneos, influencie na avaliação quanto à aparência, devido ao fato de que esses prédios históricos traduzem ordem nas suas composições arquitetônicas.

Tabela 4.33: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da rua 4
(Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	22. A aparência da rua é:	23. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: ORDEM ENTRE OS ELEMENTOS						Média *
		Muito ordenada	Ordenada	Nem ordenada, nem desordenada	Desordenada	Muito desordenada	TOTAL	
Residentes	Muito bonita	0	5(12,5%)	1(2,5%)	0	0	6(15%)	2,20
	Bonita	2(5%)	19(47,5%)	5(12,5%)	0	0	26(65%)	
	Nem bonita, nem feia	0	4(10%)	2(5%)	0	0	6(15%)	
	Feia	0	0	2(5%)	0	0	2(5%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	2(5%)	28(70%)	10(25%)	0	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	1(2,5%)	5(12,5%)	0	0	0	6(15%)	2,35
	Bonita	2(5%)	17(42,5%)	4(10%)	1(2,5%)	0	24(60%)	
	Nem bonita, nem feia	0	2(5%)	2(5%)	0	0	4(10%)	
	Feia	0	1(2,5%)	2(5%)	2(5%)	0	5(12,5%)	
	Muito feia	0	0	0	0	1(2,5%)	1(2,5%)	
	TOTAL	3(7,5%)	25(62,5%)	8(20%)	3(7,5%)	1(2,5%)	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor maior é a ordem entre os elementos para os respondentes.

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

4.4.3 Conclusão da hipótese 3

A revisão da bibliografia, capítulo 2 (subitem 2.2.1.2), indica que composições mais complexas, dentro de um limite de complexidade, reúnem mais focos de atenção, tornando o ambiente mais interessante para o indivíduo e contribuindo para uma avaliação positiva. Nesse sentido, a investigação acerca da influência da variação dos elementos da paisagem, urbana e natural, sobre a avaliação de qualidade visual das ruas indicou que onde existe correlação entre esses aspetos as ruas são avaliadas mais positivamente por ambos os grupos. Além disso, o levantamento físico também aponta que nessas ruas existe um grau moderado de variação entre os elementos da paisagem. Assim, as ruas 2 e 4, melhor avaliadas

pelos respondentes em relação à qualidade visual, apresentam um grau moderado de variação entre os elementos.

A Teoria da Gestalt assume que a ordem é o principal fator que influencia na avaliação da qualidade visual dos ambientes, conforme capítulo 2 (subitens 2.2.1.1 e 2.2.1.2), assim, ambientes ordenados influenciam na avaliação positiva de um ambiente pelo usuário. Isso se comprova na rua 4, que foi a rua melhor avaliada pelos usuários, onde existe uma correlação entre a avaliação dos usuários quanto à aparência e à ordem entre os elementos da paisagem. Nesse sentido, os dados encontrados sustentam a hipótese de que para os usuários, residentes e não residentes, o grau moderado de complexidade entre os elementos, prédios e ambiente natural, contribui para a qualidade visual das ruas.

4.5 TESTANDO A HIPÓTESE 4: a paisagem composta por prédios e ambiente natural influencia positivamente a percepção do usuário, residente e não residente, em relação à qualidade visual das ruas investigadas, assim como, para os não residentes contribui para o interesse em relação às ruas.

4.5.1 Relação entre a qualidade visual e a ordem entre os elementos formais das ruas

Para avaliar o nível de agradabilidade do espaço composto por ambiente construído e natural são analisadas as respostas dos usuários, residentes e não residentes para as seguintes perguntas: “A aparência da rua é:” e “A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: Aparência”. Desse modo, as correlações entre essas perguntas podem indicar o quanto a mistura entre a paisagem do ambiente construído e do natural pode influenciar na percepção dos usuários, quanto ao nível de agradabilidade do espaço.

Na **RUA 1**, não há divergências entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua (ver Tabela 4.1), no entanto, há divergências entre as percepções desses usuários em relação à contribuição da mistura entre prédios e paisagem natural na avaliação da aparência da rua ($U=527,50$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,002$). Assim, é investigado o quanto essa mistura entre prédios e paisagem natural influencia na percepção dos grupos quanto à agradabilidade do espaço, separadamente.

Para os residentes e não residentes, há correlação entre a avaliação da mistura entre prédios e paisagem natural e a aparência da rua 1 de um modo geral. Desse modo, as correlações são as seguintes: para os residentes (Spearman, coef.=0,562, sig.=0,000); e para os não residentes (Spearman, coef.=0,583, sig.=0,000). Os resultados apontam que quanto mais bonita é percebida pelos usuários, residentes e não residentes, a mistura entre prédios e paisagem natural mais positivamente é avaliada a aparência da rua 1. A tabela 4.34, mostra a avaliação dos grupos em relação às seguintes perguntas: “A aparência da rua é:” e “A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: Aparência”.

Tabela 4.34: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à mistura entre prédios e paisagem natural da rua 1 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	1. A aparência da rua é:	2. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: APARÊNCIA						Média *
		Muito bonita	Bonita	Nem bonita, nem feia	Feia	Muito feia	TOTAL	
Residentes	Muito bonita	0	1(2,5%)	0	0	0	1(2,5%)	2,55
	Bonita	0	10(25%)	2(5%)	0	0	12(30%)	
	Nem bonita, nem feia	1(2,5%)	5(12,5%)	20(50%)	0	0	26(65%)	
	Feia	0	0	1(2,5%)	0	0	1(2,5%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	1(2,5%)	16 (40%)	23(57,5%)	0	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	0	0	0	0	0	0	2,98
	Bonita	0	4(10%)	3(7,5%)	0	0	7(17,5%)	
	Nem bonita, nem feia	0	3(7,5%)	23(57,5%)	3(7,5%)	0	29(72,5%)	
	Feia	0	0	1(2,5%)	3(7,5%)	0	4(10%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	0	7(17,5%)	27(67,5%)	6(15%)	0	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor mais bonita é a mistura de prédios e paisagem natural para os respondentes.

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Os resultados demonstrados na tabela 4.34, indicam que os residentes avaliam a mistura entre prédios e paisagem natural mais positivamente do que os não residentes. No entanto, cabe salientar que a rua 1 é a que possui a menor visual da Laguna, e também a que os usuários classificam como a rua mais feia

comparada as demais. Na pergunta 1, sobre a aparência da rua, 68,8% dos usuários, residentes e não residentes, a classificaram como “nem bonita, nem feia” e 6,3% a classificaram como “feia”. Na pergunta 34 “Marque qual das ruas visitadas você acha mais feia e diga por quê?”, não existe diferença entre as respostas dos usuários ($U=612,50$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,064$), desse modo, 72,5% dos respondentes residentes e 42,5% dos não residentes indicaram a rua 1 como a mais feia (ver Tabela 4.35).

Tabela 4.35: Ruas avaliadas como mais feias (Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 34. Marque qual das ruas visitadas você acha mais feia e por quê?					
Grupos de usuários	Rua 1	Rua 2	Rua 3	Rua 4	Total
Residentes	29(72,5%)	0(0%)	2(5%)	9(22,5%)	40(100%)
Não residentes	17(42,5%)	3(7,5%)	11(27,5%)	8(20%)	39(97,5%)

As justificativas indicadas pelos respondentes, residentes e não residentes, para a avaliação da rua mais feia são as seguintes: os prédios em mau estado de conservação (13%); a rua não ter nenhum atrativo (26,1%); os prédios (21,7%); e ausência de vegetação (17,4%) (ver Apêndice I). Salientando que só foram analisadas as justificativas apresentadas por no mínimo 10% da amostra dos grupos de usuários.

Nesse sentido, na rua 1, os dados sugerem que quando mais positivamente é avaliada pelo usuário a mistura entre prédios e ambiente natural mais positivamente será a avaliação quanto à aparência da rua. O levantamento físico indicou que os prédios da rua 1 estão em mau estado de conservação e que devido a pouca variação dos elementos da paisagem a rua se torna monótona, aspectos que segundo a revisão da literatura Capítulo 2 (subitem 2.2.1.2) são responsáveis pela redução da percepção de qualidade visual de um espaço.

Na **RUA 2**, não há divergências entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua (ver Tabela 4.1), e em relação à contribuição da mistura entre prédios e paisagem natural na avaliação da aparência da rua ($U=645,00$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,074$). Assim, é investigado o quanto essa mistura entre prédios e paisagem natural influencia na percepção dos grupos quanto à agradabilidade do espaço, de modo conjunto.

Para residentes e não residentes há correlação entre a avaliação da aparência da rua e a aparência da paisagem composta por prédios e paisagem natural (Spearman, coef.=0,696, sig.=0,000) quando considerada a amostra como um todo. Os resultados apontam que quanto mais bonita é percebida pelos usuários, residentes e não residentes, a mistura entre prédios e paisagem natural mais positivamente é avaliada a aparência da rua 2 (ver Tabela 4.36).

A visual da rua 2 é composta por prédios, Laguna dos Patos e barcos ancorados no píer e a rua é avaliada quanto à aparência por 91,3% dos usuários, residentes e não residentes, como “muito bonita” e “bonita”. Assim, existe uma avaliação positiva quanto à aparência da rua influenciada pela combinação entre prédios e paisagem natural.

Tabela 4.36: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à mistura entre prédios e paisagem natural da rua 2 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	8. A aparência da rua é:	9. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: APARÊNCIA					
		Muito bonita	Bonita	Nem bonita, nem feia	Feia	Muito feia	TOTAL
Residentes Não residentes	Muito bonita	13(16,3%)	6(7,5%)	0	0	0	19(23,8%)
	Bonita	5(6,3%)	46(57,5%)	3(3,8%)	0	0	54(67,5%)
	Nem bonita, nem feia	0	1(1,3%)	5(6,3%)	1(1,3%)	0	7(8,8%)
	Feia	0	0	0	0	0	0
	Muito feia	0	0	0	0	0	0
	TOTAL	18(22,5%)	53 (66,3%)	8(10%)	1(1,3%)	0	80(100%)

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 80 respondentes (100%).

Na **RUA 4**, não há divergências entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua (ver Tabela 4.1), e em relação à contribuição da mistura entre prédios e paisagem natural na avaliação da aparência da rua ($U=790,00$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,914$). Assim, é investigado o quanto essa mistura entre prédios e paisagem natural influencia na percepção dos grupos quanto à agradabilidade do espaço, de modo conjunto.

Para residentes e não residentes há correlação entre a avaliação da aparência da rua e a aparência da paisagem composta por prédios e paisagem natural (Spearman, coef.=0,699, sig.=0,000) quando considerada a amostra como

um todo. Os resultados apontam que quanto mais bonita é percebida pelos usuários, residentes e não residentes, a mistura entre prédios e paisagem natural mais positivamente é avaliada a aparência da rua 4 (ver Tabela 4.37).

Tabela 4.37: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à mistura entre prédios e paisagem natural da rua 4 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	22. A aparência da rua é:	23. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: APARÊNCIA					
		Muito bonita	Bonita	Nem bonita, nem feia	Feia	Muito feia	TOTAL
Residentes Não residentes	Muito bonita	6(7,5%)	6(7,5%)	0	0	0	12(15%)
	Bonita	7(8,8%)	38(47,5%)	4(5%)	1(1,3%)	0	50(62,5%)
	Nem bonita, nem feia	0	3(3,8%)	6(7,5%)	1(1,3%)	0	10(12,5%)
	Feia	0	0	1(1,3%)	6(7,5%)	0	7(8,8%)
	Muito feia	0	0	0	0	1(1,3%)	1(1,3%)
	TOTAL	13(16,3%)	47 (58,8%)	11(13,8%)	8(10%)	1(1,3%)	80(100%)

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 80 respondentes (100%).

A visual da rua 4 é composta por prédios históricos, Laguna dos Patos e barcos ancorados no píer e essa é avaliada quanto à aparência por 77,5% dos usuários, residentes e não residentes, como "muito bonita" e "bonita". Assim, existe uma avaliação positiva quanto à aparência da rua influenciada pela combinação entre prédios e paisagem natural.

Por fim, nas ruas 2 e 4 os resultados sugerem que a mistura entre prédios e a paisagem natural contribuem para a avaliação positiva dos usuários, residentes e não residentes quanto à aparência das ruas. Na pergunta 33 "Marque qual das ruas visitadas você acha mais bonita e diga por quê?", desse modo, 45% dos não residentes indicaram a rua 4 como a mais bonita e 47,5% dos residentes indicaram a rua 3 (ver Tabela 4.38).

Tabela 4.38: Ruas avaliadas como mais bonitas (Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 33. Marque qual das ruas visitadas você acha mais bonita e por quê?					
Grupos de usuários	Rua 1	Rua 2	Rua 3	Rua 4	Total
Residentes	1(2,5%)	15(37,5%)	19(47,5%)	5(12,5%)	40(100%)
Não residentes.	0(0%)	16(40%)	6(15%)	18(45%)	40(100%)

Na **RUA 3**, há divergências entre as percepções dos usuários, residentes e não residentes, em relação à aparência da rua (ver Tabela 4.1), e em relação à contribuição da mistura entre prédios e paisagem natural na avaliação da aparência da rua ($U=566,50$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,017$). Assim, é investigado o quanto essa mistura entre prédios e paisagem natural influencia na percepção dos grupos separadamente, quanto à agradabilidade do espaço.

Para residentes e não residentes há correlação entre a avaliação da aparência da rua e a aparência da paisagem composta por prédios e paisagem natural. Os resultados são os seguintes: para os residentes (Spearman, coef.=0,644, sig.=0,000); e para os não residentes (Spearman, coef.=0,419, sig.=0,007), e apontam que, para ambos os grupos, quanto mais bonita é percebida a mistura entre prédios e paisagem natural mais positivamente é avaliada a aparência da rua 3 (ver Tabela 4.39).

Portanto, há divergências entre as avaliações dos usuários, residentes e não residentes, quanto à aparência da rua e a aparência da mistura entre prédios e paisagem natural na rua 3. Nesse sentido, os usuários residentes avaliam mais positivamente a rua 3 quanto à mistura entre prédios e paisagem natural e quanto à aparência do que os não residentes. Desse modo, 90% dos residentes avaliam a rua 3 quanto à aparência como “muito bonita” e “bonita”, enquanto que 70% dos não residentes a avaliam da mesma forma.

Tabela 4.39: Avaliação dos usuários quanto à aparência e à mistura entre prédios e paisagem natural da rua 3 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	15. A aparência da rua é:	16. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja: APARÊNCIA						
		Muito bonita	Bonita	Nem bonita, nem feia	Feia	Muito feia	TOTAL	Média *
Residentes	Muito bonita	13(32,5%)	7(17,5%)	1(2,5%)	0	0	21(52,5%)	2,15
	Bonita	1(2,5%)	11(27,5%)	2(5%)	1(2,5%)	0	15(37,5%)	
	Nem bonita, nem feia	0	1(2,5%)	2(5%)	1(2,5%)	0	4(10%)	
	Feia	0	0	0	0	0	0	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	14(35%)	19(47,5%)	5(12,5%)	2(5%)	0	40(100%)	
Não residentes	Muito bonita	3(7,5%)	4(10%)	0	2(5%)	0	9(22,5%)	2,28
	Bonita	4(10%)	11(27,5%)	2(5%)	1(2,5%)	1(2,5%)	19(47,5%)	
	Nem bonita, nem feia	0	1(2,5%)	3(7,5%)	0	0	4(10%)	
	Feia	0	2(5%)	2(5%)	4(10%)	0	8(20%)	
	Muito feia	0	0	0	0	0	0	
	TOTAL	7(17,5%)	18(45%)	7(17,5%)	7(17,5%)	1(2,5%)	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor mais bonita é a mistura de prédios e paisagem natural para os respondentes.

OBS.: As porcentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

4.5.2 Identificação dos aspectos do ambiente que contribuem para a preferência dos grupos em relação às ruas

Para identificar quais aspectos do ambiente, tais como, prédios, paisagem natural ou ambos, contribuem mais significativamente para a preferência dos grupos, residentes e não residentes, em relação às ruas, são analisadas as respostas das seguintes perguntas do questionário: "O que você mais gosta nesta rua:" e "O que você menos gosta nesta rua:". Essa avaliação tem por objetivo esclarecer se os prédios e a paisagem natural contribuem na mesma proporção na percepção da aparência das ruas e se os grupos de usuários possuem similaridades ou diferenças em suas percepções.

Na **RUA 1**, são analisadas as respostas das seguintes perguntas: 5 e 6. Desse modo, em relação às respostas referentes à pergunta "5. O que você mais gosta nesta rua:", não há divergências entre a avaliação dos grupos, residentes e

não residentes. Assim, 57,5% dos respondentes, residente e não residentes, indicam os prédios como o aspectos que eles mais gostam na rua, porém, os não residentes estão mais satisfeitos com os prédios do que os residentes. Em relação às respostas referentes à pergunta “6. O que você menos gosta nesta rua:” também não há divergências entre a avaliação dos grupos. Assim, 52,5% dos respondentes, residentes e não residentes, indicam a paisagem natural como o aspecto que eles menos gostam na rua, porém os residentes estão menos satisfeitos com a paisagem natural nessa rua do que os não residentes (ver Tabela 4.40).

Tabela 4.40: Preferência dos usuários na rua 1 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	5. O que você mais gosta nesta rua:			
	Prédios	Paisagem Natural	Prédios e paisagem natural	Total
Residentes	22(55%)	6(15%)	12(30%)	40(100%)
Não residentes	24(60%)	10(25%)	6(15%)	40(100%)
Grupos de usuários	6. O que você menos gosta nesta rua:			
	Prédios	Paisagem Natural	Prédios e paisagem natural	Total
Residentes	14(35%)	25(62,5%)	1(2,5%)	40(100%)
Não residentes	20(50%)	17(42,5%)	3(7,5%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Cabe considerar que na rua 1, o levantamento físico indicou que a visual da Laguna dos Patos é restrita e que existe pouca vegetação, por esses motivos a avaliação positiva desses usuários ficou centrada nos prédios e a negativa não na paisagem natural e sim na ausência dessa paisagem (Fig. 4.12 e 4.13).



Figura 4.12: Prédios da rua 1 (Fonte: Acervo da autora, 2011)



Figura 4.13: Visual restrita da Laguna dos Patos ao fundo (Fonte: Acervo da autora, 2011)

Na **RUA 2**, são analisadas as respostas das perguntas 12 e 13. Desse modo, em relação às respostas referentes à pergunta “12. O que você mais gosta nesta rua:”, não há divergências entre a avaliação dos grupos, residentes e não residentes. Assim, 68,8% dos respondentes, residente e não residentes, indicam a combinação de prédios e paisagem natural como o aspecto que eles mais gostam na rua, porém, os residentes estão mais satisfeitos com esse aspecto do que os não residentes. Em relação às respostas referentes à pergunta “13. O que você menos gosta nesta rua:” também não há divergências entre a avaliação dos grupos. Assim, 68,8% dos respondentes, residentes e não residentes, indicam os prédios como o aspecto que eles menos gostam na rua, porém os não residentes estão menos satisfeitos com os prédios nessa rua do que os residentes (ver Tabela 4.41).

Tabela 4.41: Preferência dos usuários na rua 2 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	12. O que você mais gosta nesta rua:			
	Prédios	Paisagem Natural	Prédios e paisagem natural	Total
Residentes	5(12,5%)	6(15%)	29(72,5%)	40(100%)
Não residentes	6(15%)	8(20%)	26(65%)	40(100%)
Grupos de usuários	13. O que você menos gosta nesta rua:			
	Prédios	Paisagem Natural	Prédios e paisagem natural	Total
Residentes	24(60%)	16(40%)	0	40(100%)
Não residentes	31(77,5%)	8(20%)	1(2,5%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Os prédios da rua 2 direcionam a visual para a Laguna dos Patos e para os barcos no píer, assim é a rua onde, em termos de visuais, existe a maior interação entre os prédios e paisagem natural (Fig. 4.14). Cabe ressaltar que esta rua é a que possui a maior porcentagem de prédios em bom estado de conservação, do total, de acordo com o levantamento físico, 34% dos prédios estão em ótimo estado de conservação e dos imóveis inventariados 43% estão em estado íntegro, porém mesmo com essas características os prédios aparecem como o que os respondentes menos gostam (Fig. 4.15). Esse fato remete à importância da paisagem natural nas avaliações dos usuários, sobressaindo-se à importância dos prédios.



Figura 4.14: Direcionamento da visual da Laguna pelos prédios (Fonte: Acervo da autora, 2011)



Figura 4.15: Prédios em bom estado de conservação na rua 2 (Fonte: Acervo da autora, 2011)

Na **RUA 3**, são analisadas as respostas das perguntas 19 e 20. Desse modo, em relação às respostas referentes à pergunta “19. O que você mais gosta nesta rua:”, há divergências entre a avaliação dos grupos, residentes e não residentes ($U=663,5$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,028$). Assim, os residentes dividem a sua preferência entre a “paisagem natural” (77,5%) e o conjunto de “prédios e paisagem natural” (20%); já os não residentes indicam a paisagem natural como o aspecto que eles mais gostam da rua, 95% dos respondentes. Em relação às respostas referentes à pergunta “20. O que você menos gosta nesta rua:” não há divergências entre a avaliação dos grupos. Assim, 93,75% dos respondentes, residentes e não residentes, indicam os prédios como o aspecto que eles menos gostam na rua 3, (ver Tabela 4.42).

Tabela 4.42: Preferência dos usuários na rua 3 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	19. O que você mais gosta nesta rua:			
	Prédios	Paisagem Natural	Prédios e paisagem natural	Total
Residentes	1(2,5%)	31(77,5%)	8 (20%)	40(100%)
Não residentes	1(2,5%)	38(95%)	1(2,5%)	40(100%)
Grupos de usuários	20. O que você menos gosta nesta rua:			
	Prédios	Paisagem Natural	Prédios e paisagem natural	Total
Residentes	37(92,5%)	3(7,5%)	0	40(100%)
Não residentes	38(95%)	1(2,5%)	1(2,5%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Cabe considerar o levantamento físico que indicou os seguintes aspectos: 73% dos prédios estão em mau estado de conservação, dentre as analisadas esta rua é a que possui a menor quantidade de imóveis inventariados, 45%, porém é a que possui a maior proximidade com a Laguna dos Patos. Nesse sentido, esses aspectos podem estar relacionados à preferência dos respondentes pela paisagem natural como o que eles mais gostam na rua e os prédios como o que eles menos gostam.

Na **RUA 4**, são analisadas as respostas das perguntas 26 e 27. Desse modo, em relação às respostas referentes à pergunta “26. O que você mais gosta nesta rua:”, não há divergências entre a avaliação dos grupos, residentes e não residentes. Assim, 58,75% dos respondentes, residente e não residentes, indicam a combinação de prédios e paisagem natural como o aspecto que eles mais gostam na rua, porém, os não residentes estão mais satisfeitos com esse aspecto do que os residentes. Em relação às respostas referentes à pergunta “27. O que você menos gosta nesta rua:” há divergências entre a avaliação dos grupos, residentes e não residentes ($U=491,00$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0,000$). Assim, 55% dos residentes indicam a paisagem natural como o aspecto que eles menos gostam na rua, e 85% dos não residentes indicam os prédios (ver Tabela 4.43).

Tabela 4.43: Preferência dos usuários na rua 4 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	26. O que você mais gosta nesta rua:			
	Prédios	Paisagem Natural	Prédios e paisagem natural	Total
Residentes	8(20%)	10(25%)	22(55%)	40(100%)
Não residentes	4(10%)	11(27,5%)	25(62,5%)	40(100%)
Grupos de usuários	27. O que você menos gosta nesta rua:			
	Prédios	Paisagem Natural	Prédios e paisagem natural	Total
Residentes	18(45%)	22(55%)	0	40(100%)
Não residentes	34(85%)	5(12,5%)	1(2,5%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Nesse sentido, novamente, sugere-se que na rua 4 a paisagem natural altera a percepção dos não residentes em relação à aparência da rua. A indicação do conjunto paisagem natural e prédios como o que eles mais gostam e os prédios como o que eles menos gostam, sugere que a Laguna dos Patos e a vegetação faz com que o conjunto seja percebido mais positivamente do que quando analisado

cada aspecto isolado. O levantamento físico indica que 33% dos prédios da rua 4 estão em mau estado de conservação, nesse sentido, a paisagem natural pode ofuscar o estado de conservação dos prédios que é um aspecto significativo nas avaliações dos usuários quanto à aparência, conforme revisão da literatura, capítulo 2 (subitem 2.2.1.4). No entanto, para os residentes, acontece o contrário, a paisagem natural é indicada como o que eles menos gostam na rua, isso talvez ocorra pela associação simbólica dos usuários com os prédios, já que nessa rua, de acordo com o levantamento físico, 83% dos imóveis são inventariados.

Para identificar a avaliação dos grupos, residentes e não residentes, em relação à aparência, de um modo geral, das ruas visitadas são analisadas as respostas dos usuários referentes à seguinte pergunta do questionário: “29. De um modo geral o que você achou da aparência das ruas visitadas?”. Nesse sentido, há divergências entre as respostas dos grupos ($U=529.0$, $N1=40$, $N2=40$, two-tailed $p=0.002$). Os residentes estão mais satisfeitos com a aparência das ruas do que os não residentes, onde 87,5% as consideram “muito bonita” e “bonita”, enquanto 70% dos não residentes as consideram “bonita” e 30% “nem bonitas, nem feias” e “feias” (ver Tabela 4.44).

Tabela 4.44: Avaliação geral da aparência das ruas (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	29. De um modo geral o que você achou da aparência das ruas visitadas?						Média*
	Muito bonita	Bonita	Nem bonita, nem feia	Feia	Muito feia	TOTAL	
Residentes	9(22,5%)	26(65%)	5(12,5%)	0	0	40(100%)	1,90
Não residentes	0	28(70%)	10(25%)	2(5%)	0	40(100%)	2,35

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor mais bonita é a aparência das ruas visitadas para os respondentes.

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Para os usuários residentes há também uma correlação entre as respostas das seguintes perguntas: “29. De um modo geral o que você achou da aparência das ruas visitadas?” e “29.1 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência do local visitado”, quanto: aos prédios em geral (Spearman, coef.=0,327, sig.=0,039), e à Laguna dos Patos (Spearman, coef.=0,405, sig.=0,009). Desse modo, os resultados indicam que, para os residentes, quanto mais bonita é a aparência das ruas mais importante são os prédios e a Laguna dos Patos. Para os

usuários não residentes não houve correlação quanto à avaliação da aparência das ruas visitadas e a importância de alguns aspectos para a avaliação de aparência.

4.5.3 Identificação dos aspectos do ambiente influenciam para tornar as ruas um local atrativo

Para identificar quais aspectos do ambiente influenciam para tornar as ruas um local atrativo foram avaliadas as respostas dos residentes e não residentes para a seguinte pergunta: “31. Indique a importância dos itens abaixo para tornar a área visitada um local atrativo”. Não existe diferença estatisticamente significativa entre as respostas dos grupos, desse modo, a tabela 4.45 abaixo apresenta a síntese das indicações dos respondentes. A análise mostra a importância dos seguintes aspectos para tornar a área visitada um local atrativo: (i) a Laguna dos Patos e a vegetação; (ii) os prédios históricos; (iii) aparência dos prédios; e (iii) conservação dos prédios.

Tabela 4.45: Importância de alguns aspectos do ambiente para torná-lo atrativo (Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 31. Indique a importância dos itens abaixo para tornar a área visitada um local atrativo:						
Itens	Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante	Total
Aparência dos prédios	54(67,5%)	22(27,5%)	1(1,3%)	2(2,5%)	0(0%)	79(98,8%)
Lagoa dos Patos, vegetação, etc.	54(67,5%)	23(28,8%)	2(2,5%)	0(0%)	0(0%)	79(98,8%)
Prédios históricos	60(75%)	17(21,3%)	1(1,3%)	1(1,3%)	0(0%)	79(98,8%)
Atividades de lazer	25(31,3%)	35(43,8%)	11(13,8%)	6(7,5%)	2(2,5%)	79(98,8%)
Atividades de comércio e serviços	14(17,5%)	39(48,8%)	21(26,3%)	1(1,3%)	4(5%)	79(98,8%)
Conservação dos prédios	61(76,3%)	14(17,5%)	3(3,8%)	0(0%)	1(1,3%)	79(98,8%)

OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 80 respondentes (100%).

Na próxima análise são verificados quais aspectos do ambiente, dentre eles estão, os prédios, a paisagem natural e a composição entre prédios e paisagem, contribuem mais significativamente para o interesse dos não residentes em relação às ruas. Para identificar os aspectos que influenciam o interesse do usuário não residente pela rua 1, são analisadas as respostas da seguinte pergunta “7, 14, 21 e 28 Marque uma resposta para cada coluna: (1) Os prédios dessa rua são; (2) Paisagem natural dessa rua é; e (3) A combinação dos prédios com a paisagem é:”.

Na **RUA 1**, os residentes não apontam nenhum aspecto que influencie no interesse pela rua (ver Tabela 4.46). Em relação aos prédios e à paisagem natural 40% desses respondentes apontam como pouco interessante (pouco interessante e desinteressante) esses aspectos e em relação à combinação dos prédios com a paisagem 42,5% apontam como pouco interessante (pouco interessante e desinteressante).

Tabela 4.46: Aspectos que contribuem mais significativamente para o interesse dos usuários não residentes pela rua 1 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	7. Marque uma resposta para cada coluna:	Os prédios dessa rua são:	A paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem é:
Não residentes	Muito interessante	1(2,5%)	0	0
	Interessante	9(22,5%)	8(20%)	6(15%)
	Neutro	14(35%)	16(40%)	17(42,5%)
	Pouco interessante	13(32,5%)	10(25%)	9(22,5%)
	Desinteressante	3(7,5%)	5(15%)	8(20%)
	TOTAL	40(100%)	40(100%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Na **RUA 2**, para 77,5% dos usuários não residentes a combinação dos prédios com a paisagem natural é o aspecto mais interessante (muito interessante e interessante) da rua 2, seguido da paisagem natural, indicada por 75% dos não residentes (ver Tabela 4.47).

Tabela 4.47: Aspectos que contribuem mais significativamente para o interesse dos usuários não residentes pela rua 2 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	14. Marque uma resposta para cada coluna:	Os prédios dessa rua são:	A paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem é:
Não residentes	Muito interessante	7(17,5%)	12(30%)	4(10%)
	Interessante	22(55%)	18(45%)	27(67,5%)
	Neutro	6(15%)	8(20%)	9(22,5%)
	Pouco interessante	5(12,5%)	2 (5%)	0
	Desinteressante	0	0	0
	TOTAL	40(100%)	40(100%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Na **RUA 3**, para 92,5% dos usuários não residentes a paisagem natural é o aspecto mais interessante (muito interessante e interessante) da rua 3 (ver Tabela

4.48). Cabe lembrar que essa rua é a que possui a relação mais próxima à paisagem natural.

Tabela 4.48: Aspectos que contribuem mais significativamente para o interesse dos usuários não residentes pela rua 3 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	21. Marque uma resposta para cada coluna:	Os prédios dessa rua são:	A paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem é:
Não residentes	Muito interessante	1(2,5%)	27(67,5%)	2(5%)
	Interessante	5(12,5%)	10(25%)	14(35%)
	Neutro	6(15%)	1(2,5%)	8(20%)
	Pouco interessante	12(30%)	2 (5%)	10(25%)
	Desinteressante	16(40%)	0	6(15%)
	TOTAL	40(100%)	40(100%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Na **RUA 4**, para os usuários não residentes os seguintes aspectos são os mais interessante (muito interessante e interessante) da rua 3: 85% indicam os prédios e a paisagem natural e 75% a combinação dos prédios com a paisagem. (ver Tabela 4.49).

Tabela 4.49: Aspectos que contribuem mais significativamente para o interesse dos usuários não residentes pela rua 4 (Fonte: Autora, 2012)

Grupos de usuários	21. Marque uma resposta para cada coluna:	Os prédios dessa rua são:	A paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem é:
Não residentes	Muito interessante	11(27,5%)	15(37,5%)	13(32,5%)
	Interessante	23(57,5%)	19(47,5%)	17(42,5%)
	Neutro	2 (5%)	2 (5%)	5(12,5%)
	Pouco interessante	2 (5%)	3(7,5%)	3(7,5%)
	Desinteressante	2 (5%)	1(2,5%)	2 (5%)
	TOTAL	40(100%)	40(100%)	40(100%)

OBS.: As percentagens do "TOTAL" referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

4.5.4 Conclusão da hipótese 4

Conclui-se que a hipótese 4, a paisagem composta por prédios e ambiente natural influencia positivamente a percepção do usuário, residente e não residente, em relação à qualidade visual das ruas investigadas, assim como, para os não residentes contribui para o interesse em relação às ruas é parcialmente sustentada. Isso ocorre por que, apesar da paisagem que reúne aspectos do ambiente

construído e natural influenciar positivamente na avaliação dos respondentes em relação à aparência das ruas, nota-se que a paisagem natural possui uma influência mais significativa que os prédios nas avaliações.

No entanto, a avaliação negativa dos usuários em relação aos prédios dá-se pelo mau estado de conservação desses, aspecto ratificado pelo levantamento físico. Por exemplo, na rua 2, onde os respondentes indicaram o conjunto formado por prédios e paisagem natural como o aspecto mais significativo na avaliação de aparência da rua, os prédios estão em melhor estado de conservação. Na rua 4, pode-se considerar que a proximidade da paisagem natural, associada a prédios de valor histórico, alteram a percepção de má conservação das edificações, sendo essa rua de um modo geral avaliada positivamente pelos usuários. Na rua 3, a que possui o maior número de prédios em mau estado de conservação, a preferência pela paisagem natural se sobressai aos prédios.

Quanto ao interesse dos usuários não residentes em relação às ruas visitadas pode-se considerar que a proximidade com a paisagem natural contribui significativamente ao interesse desse grupo em relação às ruas, assim como a os prédios históricos e os prédios em bom estado de conservação.

4.6 TESTANDO A HIPÓTESE 5: para os residentes na cidade a paisagem natural assim como o patrimônio imaterial contribuem para a satisfação do usuário no ambiente da Prainha (rua 3).

A análise da hipótese identifica se a relação simbólica do usuário com os aspectos imateriais ligados à cultura da pesca e à paisagem natural influenciam na avaliação de satisfação em relação ao espaço urbano da Prainha, assim como se a paisagem natural influencia na permanência e utilização do local pelos moradores.

4.6.1 Identificação da associação simbólica dos usuários residentes na avaliação da qualidade visual das ruas

Para identificar se existe associação simbólica dos usuários residentes com os aspectos imateriais ligados à cultura da pesca e à paisagem natural na avaliação da qualidade visual das ruas foram analisadas as respostas das seguintes

perguntas: “A aparência da rua é:” e “Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada: Os barcos”.

Na **RUA 1** não houve correlação entre a avaliação da aparência da rua pelos usuários com a presença de barcos, porém, cabe considerar que, nesta rua, a visual a Laguna e dos barcos é praticamente inexistente. Na **RUA 2** há correlação entre a avaliação da aparência da rua com a importância da presença dos barcos na paisagem (Spearman, coef.=0,374, sig.=0,017). Dos usuários, residentes, analisados 50% consideram importante a presença dos barcos para a avaliação positiva da aparência da rua 2. Cabe considerar que nesta rua existe uma visual marcada pelos prédios onde se enxerga a laguna, mas principalmente os barcos, então a visual predominante da rua é composta por prédios e barcos. Nas **RUAS 3 E 4** não há correlação entre a avaliação da aparência da rua com os aspectos relacionados à presença de barcos. Logo, na Prainha (rua 3) a presença dos barcos na paisagem não influencia na avaliação dos usuários quanto à qualidade visual da rua.

4.6.2 Identificação dos aspectos que influenciam no nível de satisfação do usuário, residente, com a área da Prainha (rua 3)

Para indicar quais aspectos influenciam no nível de satisfação do usuário, residente, com a área da Prainha (rua 3), são analisados: (i) o tempo de permanência dos usuários no local, (ii) a frequência de uso do local; e (iii) o mapa comportamental. Considerando a amostra de 40 respondentes observa-se que a maioria 52,5% dos usuários utiliza a Prainha mais de quatro vezes por mês. Ademais, sugere-se que a satisfação do usuário com a aparência do espaço influencia no tempo em que ele permanece nele, ou seja, dos usuários que utilizam a Prainha mais de quatro vezes por mês 45% a classificam como muito bonita (muito bonita e bonita) (ver Tabela 4.50). Em relação à permanência dos usuários no espaço, 45% dos respondentes indicaram que permanecem aproximadamente uma hora na Prainha e 32,5% permanecem mais de uma hora. Dos usuários que permanecem aproximadamente por 1h no local, 42,5% avaliaram a aparência da Prainha (rua 3) como muito bonita (muito bonita e bonita) e dos usuários que permanecem por mais de 1h no local, 25% a avaliaram (muito bonita e bonita) (ver Tabela 4.51).

Tabela 4.50: Relação entre a avaliação da aparência da “Prainha” (rua3) e a frequência de utilização do espaço pelos residentes (Fonte: Autora, 2012)

35. Com que frequência você utiliza a “Prainha”?	15. A aparência da “Prainha” é:						Média*
	Muito bonita	Bonita	Nem bonita, nem feia	Feia	Muito feia	TOTAL	
Menos de 1 vez por mês	1(2,5%)	4(10%)	0	0	0	5(12,5%)	2,40
De 1 a 4 vezes por mês	8(20%)	5(12,5%)	1(2,5%)	0	0	14(35%)	
Mais de 4 vezes por mês	12(30%)	6(15%)	3(7,5%)	0	0	21(52,5%)	
TOTAL	21(52,5%)	15(37,5%)	4(10%)	0	0	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor menos vezes os usuários residentes vão ao local.
OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Tabela 4.51: Relação entre a avaliação da aparência da “Prainha” (rua3) e o tempo de permanência no espaço pelos residentes (Fonte: Autora, 2012)

35.1 Quando você utiliza a “Prainha”, quanto tempo costuma permanecer nela?	15. A aparência da “Prainha” é:						Média*
	Muito bonita	Bonita	Nem bonita, nem feia	Feia	Muito feia	TOTAL	
Alguns minutos	5(12,5%)	4(10%)	0(0%)	0	0	9(22,5%)	2,10
Aproximadamente 1h	8(20%)	9(22,5%)	1(2,5%)	0	0	18(45%)	
Por mais de 1h	8(20%)	2(5%)	3(7,5%)	0	0	13(32,5%)	
TOTAL	21(52,5%)	15(37,5%)	4(10%)	0	0	40(100%)	

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor menos tempo os usuários residentes permanecem no local.
OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).

Ao serem questionados sobre qual a descrição que melhor classificaria o espaço, tendo dentre as opções um local de lazer, um local de trabalho ou um local de passagem, a maioria dos usuários residentes 75% concordou fortemente que a Prainha é um local de lazer (ver Tabela 4.52). As figuras 4.16 e 4.17 demonstram a utilização do espaço pelos moradores.

Tabela 4.52: Como os usuários residentes descrevem a “Prainha” (Fonte: Autora, 2012)

PERGUNTA 35.2 Como você descreveria a “Prainha”?							
	Concordo fortemente	Concordo	Neutro	Discordo	Discordo fortemente	TOTAL	Média *
Um local de lazer (passear, encontrar amigos, tomar chimarrão...)	30(75%)	10(35%)	0	0	0	40(100%)	1,25
Um local de trabalho	3(7,5%)	9(22,5%)	14(35%)	12(30%)	2(5%)	40(100%)	3,03
Um local de passagem	2(5%)	17(42,5%)	12(30%)	9(22,5%)	0	40(100%)	2,70

*Média dos valores ordinais: quanto menor o valor mais os respondentes residentes concordam com a descrição.
OBS.: As percentagens do “TOTAL” referem-se ao total de 40 respondentes (100%).



Figura 4.16: Usuários utilizando o espaço da “Prainha” (Fonte: Acervo da autora, 2011)



Figura 4.17: Vista da “Prainha” do píer (Fonte: Acervo da autora, 2011)

A partir da análise das frequências de uso e de tempo de permanência relacionados ao nível de satisfação dos respondentes com o espaço da Prainha (rua 3) sugere-se que quanto maior o nível de satisfação dos usuários maior é frequência de uso e o tempo de permanência do usuário no espaço. Além disso, essa análise demonstra que, de um modo geral, os usuários utilizam o espaço com frequência e por um período de tempo significativo.

4.6.3 Análise realizada a partir dos dados do mapa comportamental

A próxima análise é realizada a partir dos dados obtidos nos mapas comportamentais, com o objetivo de avaliar quais atividades os usuários realizam no espaço da Prainha. A tabela 4.53 apresenta as categorias e os grupos de usuários analisados, assim como a quantidade de pessoas por cada atividade realizada no local observado. Cabe considerar que a tabela é a síntese de todos os dias avaliados. Ademais, no Apêndice F, estão inseridos dados detalhados obtidos nas observações, catalogados através de mapas.

Tabela 4.53: Dados obtidos através dos mapas comportamentais (Fonte: Autora, 2012)

Categorias analisadas	Usuários analisados				TOTAL
	Crianças (0-13 anos)	Adolescentes (14-18 anos)	Adultos (18-65 anos)	Idosos (acima 65 anos)	
Pessoa sentada em grupo	5(1,35%)	28(7,55%)	66(17,80%)	10(2,7%)	109(29,4%)
Pessoa sentada sozinha	0	0	5(1,35%)	3(0,8%)	8(2,15%)
Pessoa caminhando em grupo	11(2,95%)	21(5,65%)	63(16,98%)	21(5,7%)	116(31,28%)
Pessoa caminhando sozinha	1(0,3%)	6(1,62%)	42(11,32%)	6(1,62%)	55(14,86%)
Pessoa em pé em grupo	4(1,08%)	6(1,62%)	29(7,82%)	7(1,9%)	46(12,42%)
Pessoa em pé sozinha	0	0	6(1,62%)	1(0,3%)	7(1,9%)
Pessoa pescando	0	1(0,3%)	25(6,74%)	4(1,08%)	30(8,12%)
TOTAL DA AMOSTRA	21(5,68%)	62(16,74%)	236(63,63%)	52(14,1%)	371 (100%)

Os resultados demonstram que a maior utilização do espaço é feita por indivíduos adultos (18-65 anos), seguidos por adolescentes (14-18 anos) e idosos (acima de 65 anos), esses últimos praticamente na mesma proporção.

A utilização por parte desses grupos de usuários acontece devido ao fato do local proporcionar o estar passivo, por possuir, embora longe do ideal, bancos e que conseqüentemente fomentam o encontro de pessoas. Tal fato é verificado quando observadas as atividades realizadas em grupo que são as que possuem a ocorrência mais significativa. Porém, a proximidade com a paisagem natural também contribui para que os usuários utilizem esse espaço. Os dados obtidos pelo questionário em relação à “Prainha” (rua 3) indicam que: 97,5% dos residentes apontam a paisagem natural como *muito bonita* e *bonita* e 95% como *muito interessante* e *interessante* . Esses aspectos demonstram que os residentes estão satisfeitos quanto à aparência da paisagem natural e consideram essa paisagem com atributos que lhe despertam o interesse.

Além disso, do total de usuários que utilizam o espaço aproximadamente 10% estavam pescando e 22% estavam olhando em direção à Laguna, o que totaliza 32% dos usuários com uma relação com a paisagem natural, atividade pesqueira e/ou de contemplação.

Contudo, a pouca ocorrência de crianças no espaço pode ser devido ao fato desse não possuir nenhuma instalação de brinquedo infantil, impossibilitando a atividade do grupo no local. Além disso, foi observado que as crianças, mesmo as maiores, sempre estavam na companhia de adultos. Cabe considerar que, além dos dias onde foram realizadas as observações comportamentais, quando da realização

dos levantamentos físicos, também não foram relatadas presenças significativas de crianças no espaço.

4.6.4 Conclusão da hipótese 5

Conclui-se que a hipótese 5, para os residentes na cidade a paisagem natural assim como o patrimônio imaterial contribuem para a satisfação do usuário no ambiente da Prainha (rua 3), foi parcialmente sustentada. Tendo em vista que, somente na rua 2, onde a visual dos barcos é preponderante em relação à Laguna, esse aspecto foi significativo na avaliação dos residentes, não sendo significativa na rua 3. No entanto, há uma associação entre a permanência e utilização do local pelos residentes com a proximidade à Laguna dos Patos.

Os resultados obtidos através dos mapas comportamentais ratificam a importância da paisagem natural da Laguna dos Patos para os residentes. Os dados demonstram que a existência da paisagem favorece a satisfação do usuário no ambiente de lazer, conforme outros estudos relatados no Capítulo 2 (subitem 2.2.1.3). Ademais, sugerem que para a qualificação do espaço, o desenho do mobiliário urbano fomente a aglomeração dos usuários em grupos e a contemplação da Laguna, e que sejam inseridos equipamentos urbanos que atraiam as crianças para o local. O levantamento físico da área observou que não existe vegetação no local, assim, também se sugere que seja realizado um trabalho paisagístico no local, já que a existência de vegetação foi apontada como um aspecto importante na satisfação dos indivíduos no espaço urbano, aspecto também comprovado pela revisão da literatura Capítulo 2 (subitem 2.2.1.3 e 2.4.2).

4.7 TESTANDO A HIPÓTESE 6: existe uma forte influência dos efeitos topológicos e perspectivos do ambiente sob a preferência e avaliação dos usuários, residentes e não residentes, em relação às ruas

A análise da hipótese tem como objetivo investigar quais efeitos topológicos e perspectivos da paisagem influenciam na percepção do usuário em relação à avaliação da qualidade visual das ruas, e se esses possuem alguma associação com a existência da paisagem natural, assim como, se eles ratificam as avaliações

dos usuários, sobre os aspectos formais, no ambiente constituído de ambiente urbano e natural.

Tal análise é realizada a partir de um exercício topoceptivo, técnica desenvolvida por Kohlsdorf e descrita no Capítulo 2 (subitem 2.2.3.2) e no Capítulo 3 (subitem 3.3.1.1). A síntese das planilhas elaboradas formatou o levantamento topoceptivo da área de estudo.

No Apêndice E, encontram-se o mapa com a localização das estações e a planilha de campos visuais. Ademais, na tabela abaixo estão apontadas as porcentagens de ocorrência de cada efeito, para que possam ser descritas algumas conclusões a respeito da análise. Na tabela 4.54 estão descritos os efeitos topoceptivos que caracterizam a área de estudo. Cabe considerar que esses efeitos são divididos em efeitos topológicos e perspectivos e que numa primeira análise os efeitos perspectivos (64,2%) se sobressaem aos topológicos (35,8%).

Tabela 4.54: Efeitos topoceptivos que caracterizam a área de estudo (Fonte: Autora, 2012)

EFEITOS TOPOCEPTIVOS			
Efeitos Topológicos	Ocorrência de cada efeito	Efeitos Perspectivos	Ocorrência de cada efeito
Amplidão	8(17,8%)	Direcionamento	5(11%)
Estreitamento	2(4,5%)	Impedimento	2(4,5%)
Alargamento	2(4,5%)	Visual Fechada	5(11%)
Alargamento lateral	2(4,5%)	Emolduramento	1(2,2%)
Envolvimento	2(4,5%)	Realce	11(24,5%)
		Situação de mirante	5(11%)
TOTALDE EFEITOS TOPOLÓGICOS	16(35,8%)	TOTAL DE EFEITOS PERSPECTIVOS	29(64,2%)

Nas 10 estações estabelecidas no percurso realizado foram visualizados 45 casos de efeitos topoceptivos, sendo que desses 16(35,8%) são efeitos topológicos e 29(64,2%) são perspectivos. Dos efeitos topológicos o efeito de amplidão 8(17,8%) foi o mais recorrente, e dos perspectivos o efeito de realce 11(24,5%), seguido de direcionamento, visual fechada e situação de mirante ambos com 5(11%). A partir dessa análise pode-se compreender que a área de estudo possui uma quantidade significativa de efeitos perspectivos, assim, para que seja melhor entendido como esses efeitos influenciam na percepção em relação à qualidade visual das ruas é apresentado na tabela 4.55 os efeitos classificados de acordo com a rua onde foram percebidos.

Tabela 4.55: Efeitos topoceptivos classificados por cada rua do estudo (Fonte: Autora, 2012)

RUA	ESTAÇÃO	Efeitos Topológicos		Efeitos Perspectivos	
		Efeito	Ocorrências	Efeito	Ocorrências
01	01	Amplidão	1	Direcionamento	1
	02	Estreitamento	2	Impedimento	1
				Visual fechada	1
				Emolduramento	1
				Realce	1
	03	Alargamento	2	Direcionamento	1
Visual fechada				1	
Impedimento				1	
TOTAL RUA 01			5	8	
02	04	Amplidão	1	Direcionamento	1
	05	Alargamento lateral Amplidão	1 1	Realce	1
				Direcionamento	1
				Realce	2
TOTAL RUA 02			3	5	
03	06	Amplidão	3	Situação de mirante	3
	07	Amplidão	1	Realce	3
				Situação de mirante	1
				Realce	1
	08	Amplidão	1	Visual fechada	2
				Realce	1
Situação de mirante				1	
TOTAL RUA 03			5	12	
04	09	Envolvimento	2	Realce	1
	10	Alargamento lateral	1	Visual fechada	1
				Visual fechada	1
				Direcionamento	1
TOTAL RUA 04			3	4	
TOTAL DOS EFEITOS			16	29	

A partir da análise dos efeitos topoceptivos classificados por cada rua pode-se concluir que as Ruas 1 e 3 são as ruas com maior ocorrência de efeitos. As duas ruas juntas possuem 62,5% dos efeitos topológicos e 69% dos efeitos perspectivos da área estudada. Assim, relacionando a análise dos efeitos com a avaliação de preferência dos usuários, residentes e não residentes, em relação às ruas, pode-se sugerir que quanto maior a existência de efeitos topoceptivos na rua, maior serão as divergências nas avaliações estéticas dos diferentes grupos de usuários.

Isso ocorre porque a rua 3, onde ocorrem as maiores porcentagens de efeitos, foi a única rua onde não houve similaridade entre as repostas dos grupos e na rua 1, apesar de ter ocorrido similaridade entre as repostas foi a rua, dentre as que os usuários pensavam igual, que mais houve divergências. Ademais, a rua 3 é a que possui a relação mais próxima com a paisagem natural, desse modo, a Laguna dos Patos é responsável pela maioria desses efeitos, principalmente os perspectivos de realce e situação de mirante e os topológicos de amplidão. Já as ruas 2 e 4 são

as que possuem maior similaridade entre as respostas dos usuários em relação à avaliação de preferência e são as que possuem uma menor quantidade de efeitos topoceptivos.

4.7.1 Conclusão da hipótese 6

O desempenho morfológico dos lugares influencia nas avaliações de preferência dos usuários, conforme revisão da literatura, Capítulo 2 (subitem 2.2.3.2). A análise dos dados sugere que quanto maior a existência de efeitos (topológicos e perspectivos), maior serão as divergências nas avaliações entre os grupos. Isso ocorre, por que segundo a revisão da literatura, Capítulo 2 (subitem 2.2.1.2), o nível de informação do espaço não pode ser excessivamente alto ou baixo, mas que devem ter um nível de estímulos visuais apropriado.

Os dados mostram que nas ruas onde houve as maiores divergências entre as respostas dos usuários, os residentes mostravam-se mais satisfeitos com a aparência visual da rua comparado aos não residentes. Isso sugere que por estarem habituados com aquela paisagem já haviam construído uma imagem mental do lugar e reconheciam mais facilmente as suas partes, o que não ocorreu com os não residentes que tinham o seu primeiro contato com a cidade. Ademais, a análise sugere que a existência da paisagem natural tende a acentuar os efeitos topológicos, já que representa um elemento novo na estrutura urbana que se coloca como um contraponto em relação ao ambiente construído.

Assim sendo, os dados encontrados sustentam a hipótese de que existe uma forte influência dos efeitos topológicos e perspectivos do ambiente sob a preferência e avaliação dos usuários, residentes e não residentes, em relação às ruas. Também sugere, para que se aborde com mais profundidade, em futuros estudos, como o nível de estímulos de um lugar influencia nas divergências e similaridades entre as percepções dos respondentes.

CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentadas as conclusões e considerações finais desta investigação. No primeiro momento são descritos o problema de pesquisa, os objetivos e os métodos adotados. Após, são destacados os principais resultados e a importância do estudo, e por fim, são feitas considerações para futuras investigações.

5.2 REVENDO O PROBLEMA DE PESQUISA, OS OBJETIVOS E OS MÉTODOS

Este estudo investigou a influência da paisagem natural sobre os aspectos formais e simbólicos do ambiente construído a partir da percepção do usuário. Através da revisão da literatura constatou-se que existe uma lacuna nos estudos que abordam a influência dos aspectos formais e simbólicos sobre a percepção dos usuários em um ambiente composto por paisagem natural e ambiente construído. Isso porque a maioria dos estudos sobre a percepção do usuário consideram a influência dos aspectos formais e simbólicos do ambiente construído (Portella, 2003; Reis e Lay, 2003; Stamps, 2000; Nasar, 1988; Weber, 1995; Lang, 1987; Arnheim, 1977) e os aspectos naturais (Lynch, 2006; Carr et al., 1992; Herzog, 1988; Lang, 1987; Rapoport, 1978) separadamente, deixando vazios no que diz respeito à influência dos aspectos do ambiente natural sobre os aspectos do ambiente construído. Ademais, segundo Carr et al. (1992, p.227), embora exista uma boa quantidade de estudos sobre as preferências dos indivíduos quando analisados espaços abertos próximos aos elementos construídos, há menos compreensão da contribuição específica dos recursos naturais nesse ambiente.

O objetivo geral desse estudo focou na produção de subsídios teóricos e científicos que possam auxiliar e fundamentar diretrizes de desenho urbano numa cidade onde ambiente construído e natural compõem a paisagem citadina, tendo como parâmetro para essa análise a influência de aspectos formais e simbólicos do ambiente sobre a percepção de residentes e não residentes.

A partir disso, foram considerados como objetivos específicos: (i) analisar a influência (se positiva ou negativa) da paisagem natural sobre o ambiente construído, a partir da percepção dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes); (ii) analisar a influência da relação entre o patrimônio histórico e a paisagem natural sobre a percepção dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes); (iii) analisar e comparar o nível de satisfação dos diferentes grupos de usuários (residentes e não residentes) a fim de investigar a influência do atributo familiaridade na avaliação do espaço urbano formado por ambiente construído e paisagem natural; (iv) analisar e comparar o grau de influência dos fatores simbólicos ligados ao espaço urbano analisado sobre a percepção dos residentes e não residentes; e (v) identificar e analisar os fatores que mais influenciam a avaliação dos usuários em relação à aparência e satisfação num ambiente composto por urbano e paisagem natural.

Foi delimitado como estudo de caso a cidade de São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil, mais especificamente quatro ruas integrantes do centro histórico, escolhidas a partir do estudo piloto da pesquisa, da existência de imóveis inventariados e da proximidade com a paisagem natural. A influência da paisagem natural sobre o ambiente construído foi avaliada por 80 respondentes, sendo 40 residentes e 40 não residentes. Quanto à coleta de dados foram utilizados cinco métodos: (1) observações de campo e levantamento físico, (2) exercício topoceptivo, (3) mapa mental, (4) mapa comportamental e (5) questionários.

Por meio dos resultados encontrados constatou-se que a paisagem natural interfere nas avaliações acerca do ambiente construído de modo a alterar alguns conceitos de avaliação do espaço urbano encontrados na literatura. Além disso foi comprovada a importância dos aspectos formais da paisagem natural na percepção dos indivíduos.

5.3 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

A análise dos resultados permite elaborar conclusões a respeito da influência da paisagem natural sobre o ambiente construído, da preferência e do nível de satisfação dos indivíduos com a aparência desse espaço. Também foi possível identificar como os usuários residentes numa cidade costeira cuja paisagem é

composta por ambiente construído e natural se apropriam do espaço de lazer às margens da costa e qual a imagem mental que eles fazem da cidade.

Os resultados obtidos apontaram que existe similaridades entre as percepções dos residentes e não residentes quanto à avaliação da qualidade visual da maioria das ruas estudadas. De acordo com isso, alguns estudos, tais como Reis (2010, 2010a) já indicam que as pessoas, nas avaliações de preferência tendem a preferir prédios devido aos seus aspectos de organização formal das fachadas e não pelos aspectos simbólicos que possam estar associados a esses.

Na rua 4 foi onde existiu a maior similaridade entre as respostas dos grupos de usuários, e onde ocorreram o maior número de correlações entre os aspectos do ambiente e a avaliação da qualidade visual. Nessa rua, os respondentes revelam que a combinação entre prédios históricos e paisagem natural contribuem para que a rua seja avaliada positivamente quanto à aparência e que a existência, nesse caso, da Laguna dos Patos e da vegetação, pode alterar a percepção compensando a falta de manutenção dos prédios. A influência positiva dos aspectos do ambiente natural sobre a percepção dos usuários são dados coerentes com a literatura existente (Rapoport, 1978; Nasar, 1988; Orland, 1988; Herzog, 1988; Carr et al., 1992).

Em relação à preferência dos residentes e não residentes em relação aos prédios históricos e contemporâneos, os dados levantados sustentam que há similaridade entre as avaliações dos grupos e que a preferência é pelos prédios históricos. No entanto, essa preferência se deu prioritariamente em função da estética formal dos prédios e não relacionada aos aspectos simbólicos do usuário com as edificações. Foram indicados como aspectos positivos desses prédios a similaridade entre as construções, a ordenação entre os elementos e o bom estado de conservação das fachadas, a preservação das características antigas e os aspectos formais (forma das esquadrias, presença de ornamentos e detalhes). Nas avaliações negativas dos usuários são considerados, principalmente, aspectos relacionados ao mau estado de conservação das edificações. Esses resultados são coerentes com a literatura existente (Lang, 1987; Nasar, 1988; Weber, 1995; Stamps, 2000; Reis 2002, 2010, 2010a) e reafirmam a ideia de que a qualidade estética de um ambiente está associada à ordenação dos seus elementos, promovendo assim ambientes avaliados mais positivamente pelos seus usuários.

Quanto às variáveis referentes à qualidade do ambiente, relativas ao nível de complexidade e ordenação dos elementos, os resultados apresentados apontam que quanto menos ordenados os elementos mais negativamente o ambiente foi avaliado e quanto mais moderada é a variação entre eles mais satisfatório o ambiente é avaliado pelos respondentes. Esses aspectos são coerentes com a revisão da literatura existente que diz que composições mais complexas reúnem maiores focos de atenção (Nasar, 1988; Reis, 2002).

Quanto à avaliação de satisfação do usuário com a aparência visual do ambiente nota-se, a partir dos resultados, que o aspecto manutenção das edificações e da paisagem natural contribui significativamente nas avaliações dos usuários. Desse modo, as ruas onde os prédios estavam em bom estado de conservação e havia presença da paisagem da Laguna dos Patos foram melhor avaliadas quanto à aparência. No entanto, residentes e não residentes avaliaram positivamente a rua 4, na qual existe exemplares históricos em mau estado de conservação, no entanto, próximos à Laguna dos Patos e à vegetação. Isso sugere que a paisagem natural se sobrepõe à percepção da falta de manutenção dos edifícios, já que a má conservação foi um argumento fortemente utilizado nas justificativas negativas em relação às avaliações das ruas que não possuíam um contato próximo a Laguna dos Patos.

Em relação aos aspectos simbólicos que poderiam estar relacionados à cultura da pesca e ao patrimônio imaterial, não houve resultado que comprovasse tal associação. Somente em uma das ruas esses aspectos foram importantes nas avaliações, porém essa avaliação pode ter sido preponderantemente visual e não simbólica.

Quanto à avaliação dos efeitos morfológicos da cidade e sua relação com as avaliações de preferência, se sustenta a ideia de que esses influenciam na percepção (Kohlsdorf, 1996; Lynch, 2006; Cullen, 2006). Porém, a análise dos dados sugere que quanto maior a ocorrência de efeitos topológicos ou perspectivos maior são as divergências nas avaliações entre os grupos. Isso pode ocorrer devido à familiaridade do residente com o contexto urbano, o que faz com que ele reconheça e identifique as partes da cidade com maior facilidade.

Em resposta à pergunta de pesquisa pode-se afirmar que a paisagem natural influencia nas avaliações de qualidade visual de um ambiente urbano, de tal modo

que, altera alguns conceitos, já abordados em outros estudos, sobre a preferência dos usuários num local. Como, por exemplo, a manutenção das edificações. Sobre os usuários, residentes e não residentes pode-se dizer que foram encontradas mais similaridades entre as percepções desses, que possuem diferentes perspectivas em relação à cidade, do que divergências, quando avaliada a qualidade visual do espaço urbano.

Em relação aos objetivos específicos pode-se afirmar que: (i) há influência positiva da paisagem natural sobre o ambiente construído; (ii) os usuários tendem a preferir os prédios históricos em relação aos contemporâneos, influenciados pelas características formais desses prédios. Nas avaliações positivas são levadas em consideração a ordenação dos elementos das fachadas e nas avaliações negativas a desordem dos elementos, assim como a falta de manutenção das edificações; (iii) a relação entre paisagem natural e prédios históricos contribui para a avaliação positiva das ruas; (iv) a familiaridade do residente com o espaço urbano permitiu que esse compreendesse as formas da cidade com maior facilidade, portanto quanto maior a existência de efeitos topoceptivos maiores são as divergências entre as avaliações dos grupos; (v) a paisagem composta por prédios e ambiente natural influencia positivamente a percepção dos usuários, de ambos os grupos, em relação à qualidade visual das ruas; (vi) Os residentes se mostraram mais satisfeitos com a aparência visual das ruas do que os não residentes.

Com base nas análises apresentadas e atendendo aos objetivos deste estudo são indicadas algumas diretrizes gerais que podem ser consideradas para melhoria da aparência e da satisfação dos usuários em relação ao espaço urbano analisado:

(1) A manutenção das edificações e dos espaços foi significativamente mencionado nas avaliações, tanto dos residentes como dos não residentes. Nesse sentido, considera-se importante, tanto para a satisfação dos moradores, quanto para o fomento ao turismo que se invista na manutenção dos prédios. Sugere-se que sejam criadas normas de incentivo à população para manutenção das fachadas das suas edificações, tais como, redução no valor cobrado pelo IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), assim como, o investimento nas políticas públicas de preservação e valorização do patrimônio histórico e do patrimônio natural da Laguna dos Patos.

(2) O mapa mental, realizado pelos residentes, indica algumas edificações mais significativas na construção da imagem da cidade, assim como a recorrente manifestação da Laguna dos Patos nos mapas. Assim, pode-se realizar, a partir das edificações mencionadas, uma listagem de prioridades de ações em relação à salvaguarda e manutenção dos prédios. Dentre essas ações indica-se que o órgão municipal busque, através das instituições governamentais ou das parcerias público-privadas, recursos para a recuperação dessas edificações. Além disso, que o município inicie os processos de tombamento dos bens mais significativos.

(3) A ausência de vegetação também foi um aspecto recorrente nos resultados provindos dos questionários, assim é importante qualificar os espaços públicos com espécies arbóreas. Cabe considerar que, nas ruas 4 e 2, a existência da vegetação, ainda que muitas vezes em quantidade insatisfatória, contribuiu positivamente na avaliação do ambiente.

(4) Nas análises referentes à satisfação do usuário com a aparência da Prainha (rua3) e à frequência de uso e o tempo de permanência no local, os dados indicaram que quanto maior a satisfação do usuário residente com a aparência visual do espaço, maior é a frequência de uso e maior é o tempo de permanência no espaço. Ademais, ao questionar os moradores de como eles classificariam o espaço, uma porcentagem significativa o classificou como uma área de lazer. A partir disso, torna-se importante a qualificação do espaço em alguns aspectos, tais como: colocação de bancos, lixeiras, vegetação, dentre outros.

(5) Os resultados obtidos, neste estudo, fornecem um material consistente para o planejamento urbano e turístico da cidade, auxiliando no desenvolvimento do potencial turístico local, na qualificação da cidade para o morador e para o turista e na criação de uma nova fonte de renda para a população.

A partir da análise dos dados dos mapas comportamentais pode-se concluir que a atividade mais realizada no espaço da Prainha é o lazer passivo e dentre as categorias analisadas no mapa as que se sobressaíram foram aquelas associadas à realização em grupo. Nesse sentido, sugere-se que para a qualificação do espaço,

seja inserido mobiliário urbano de melhor qualidade e que o desenho desse mobiliário fomente a aglomeração dos usuários em grupos e a contemplação da Laguna.

5.4 IMPORTÂNCIA DOS RESULTADOS E INDICAÇÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para o enriquecimento do conhecimento, sobretudo na linha de pesquisa que trata da avaliação do ambiente urbano a partir da percepção do usuário, no que tange a influência dos aspectos formais e simbólicos sobre a percepção dos usuários em um ambiente composto por ambiente natural e construído.

Além disso, espera-se que este trabalho sirva de subsídios para construção de diretrizes para a cidade caso de estudo, visando à preservação do patrimônio histórico e da paisagem natural e que incentive a aplicação dessa metodologia em outras cidades costeiras. Desse modo, os dados obtidos nessa pesquisa servem como argumentos e fundamentos científicos que auxiliariam na tomada de decisões pelos órgãos municipais com o objetivo de qualificar o espaço para os residentes e para fomentar o turismo na cidade.

Cabe salientar, a importância da aplicação do questionário *in loco* para identificar a influência da paisagem natural sobre o ambiente construído, pois se trata de um estímulo que não pode ser avaliado com a simples visualização de imagens, mas sim com a ação dos efeitos topológicos sobre o indivíduo. No entanto, foi a maior dificuldade encontrada durante a execução do trabalho de campo, o que já era esperado pelo fato de ser necessário que as pessoas se disponibilizassem a realizar o percurso. Porém o que foi surpreendente é que essa resistência se deu pelos respondentes residentes, sendo necessário certo esforço para que as pessoas realizassem o percurso, o que teve que ser realizado com o acompanhamento da pesquisadora para garantir que todo o percurso fosse realizado.

Dentre os possíveis desdobramentos deste estudo, está a investigação sobre a qualidade do ambiente urbano sobre outros aspectos sensoriais, tais como, olfato, audição e tato, que embora sejam estímulos menos utilizados pelos indivíduos do que os visuais, também são significativos nas avaliações e poderiam contribuir na

construção de diretrizes urbanas que buscassem tornar o ambiente mais interessante para o usuário.

Por fim, salienta-se a importância do trabalho como um diferencial, tendo em vista a produção de subsídios para novas discussões acerca da percepção em relação ao ambiente natural, propiciando preservação e valorização desse e da aplicação de fato do conceito de preservação do ambiente como um todo, construído e natural.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rudolf. **The Dynamics of Architectural Form**. Berkeley: University of California Press, 1977. 287p.
- AREFI, Mahyar. **Non-place and Placelessness as Narratives of Loss: Rethinking the Notion of Place**. Journal of Urban Design, v. 4, n.2, p.179-193, 1999.
- AMARAL, Ivone Lêda do. A Sociedade de Nossa Senhora da Conceição do Estreito e a contribuição açoriana na formação cultural do Rio Grande de São Pedro. In: **Largueza Histórica do Estreito**. Pelotas: Ed. Universitária / UFPEL, 1999.
- BURSZTYN, Ivan. **Políticas públicas de turismo visando a inclusão social**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Tese (Mestrado em Ciência em Engenharia de Produção), Programa de Pós-Graduação de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 117p.
- CARR S.; FRANCIS, M.; STONE, M., RIVLIN, G. **Public Space**. New York: Cambridge University Press, 1992. 400p.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 399p.
- COSTA, Débora Magalhães da. et al. **Diretrizes gerais para o disciplinamento do centro histórico de São José do Norte**. Porto Alegre: SEDAC – IPHAE, 2003.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2006.
- FENTON, D. M. Dimension of meaning in the perception of natural settings and their relationship to aesthetic response. In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. p.327-342.
- GAUTÉRIO, Carla Rosana. **Áreas com Restrição de Uso Legal no Município de São José do Norte - RS**. Rio Grande: 1997. Monografia (Conclusão do curso de Geografia – Licenciatura Plena) Faculdade de Geografia, Fundação Universidade do Rio Grande, 1997.
- GAUTÉRIO, Dalila Marques. **Evolução Urbana da Cidade de São José do Norte**. Rio Grande: 1997. Trabalho de conclusão (Disciplinas de História e Teoria da Geografia), Universidade Federal de Pelotas.
- GOLLEDGE, R. G.; STIMSON, R. J. **Spatial Behavior: a geographic perspective**. Nova York: Guilford Press, 1996.
- GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: Sistema de leitura visual da forma**. 8.ed. São Paulo: Escrituras, 2009. 135p.
- HEATH, T. F. Behavioral and perceptual aspects of the aesthetics of urban environment. In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. p.6-10.
- HERBERT, E. J; KAPLAN, R. Familiarity and preference: a cross-cultural analysis In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. p.379-392.
- HERZOG, T. R. A cognitive analysis of preference for field-and-forest environments In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. p.343-356.
- ISAACS, Raymond. **The Urban Picturesque: An Aesthetic Experience of Urban Pedestrian Places**. Journal of Urban Design, Vol. 5, Nº2, 145-180, 2000.

- KAPLAN, S. Perception and landscape: conceptions and misconceptions In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. p.45-55.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. 253p.
- LANG, Jon. **Creating Architectural Theory – The role of the behavioral sciences in environmental design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987. 352p.
- _____. Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. 529p.
- LONDON. **The London Plan: Spatial Development Strategy for Greater London**. Published by Greater London Authority. London, 2009.
- LOZANO, E. E. Visual needs in urban environments and physical planning In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. p.395-421.
- LYNCH, Kevin. **De qué tiempo es este lugar?** Barcelona: Gustavo Gilli, 1972. 285p.
- _____. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 227p.
- MATTOS, Mário Barboza de. Estreito: Glória Sob as Areias. In: **Largueza Histórica do Estreito**. Pelotas: Ed. Universitária / UFPEL, 1999.
- MONTELLI, Clarissa Castro Calderipe. **Avaliação estética e uso de três praças em Pelotas/RS**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 145p.
- MOREIRA E TREVISAN. Disponível em:
<http://www.revistaturismo.com.br/materiasespeciais/litoraneas.htm>. Acesso em: 15 dez. 2010.
- NAOUMOVA, Natalia. **Qualidade estética e policromia de centros históricos**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 350p.
- NASAR, J. L. **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. 529p.
- NORUSIS, M. **The SPSS Guide to Data Analysis: for Release 4**. Chicago: SPSS Inc., 1990.
- OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002. 261p.
- OLIVEIRA, Fernando Meloni. **As Políticas de Turismo no Brasil nos Anos Noventa**. Turismo em Análise, v.19, n.2, p.177-200, 2008.
- OLIVEIRA, A. L. C de; SEIBT, M. **Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão – PRIJ**. 2005.
- ORLAND, B. Aesthetic preferences for rural landscapes: some resident and visitor differences In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. 529p.
- PORTELLA, Adriana Araujo. **A qualidade dos centros de comércio e a legibilidade dos anúncios comerciais**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em

Planejamento Urbano e Regional), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 250p.

PRODETUR - Plano de Desenvolvimento do Turismo. Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/prodetur.html>

Acesso em: 15 dez. 2010.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana**: Hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana. 1.ed. Barcelona: Gustavo Gilli, S. A., 1978. 380p.

REIS, Antônio Tarcísio. **Repertório, Análise e Síntese**: Uma introdução ao projeto arquitetônico. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 231p.

_____. **Avaliação estética de cenas urbanas históricas e contemporâneas com diferentes níveis de ordem e estímulo visual**. XIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Canela, 2010. 9p.

_____. **Composição arquitetônica, percepção visual e cognição: uma análise de edificações históricas e contemporâneas**. XIII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Canela, 2010. 9p.

REIS, A. T.; LAY, M. C. **As técnicas de APO como Instrumento de Análise Ergonômica do Ambiente Construído**. III Encontro Nacional e I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído. ANTAC – Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Gramado, 1995. Material suplementar. 31p.

REIS, A. T.; LAY M. C. **Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem perceptiva e cognitiva**. Ambiente Construído, Porto Alegre, V6 N3, p.21-34, 2006. 14p.

REIS, A. T.; LAY M. C. **Habitação de Interesse Social: uma análise estética**. Ambiente Construído, Porto Alegre, V3 N4, p.7-19, 2003.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei n. 11585 de 12 de janeiro de 2001**, declarou como integrantes do Patrimônio Cultural do Estado conjuntos urbanos e edificações nos municípios de Rio Grande, Piratini, Jaguarão, São José do Norte, Mostardas, São José do Norte e Arroio Grande. In: Diário Oficial do Estado. Porto Alegre, 2001.

RIO GRANDE DO SUL. **Portarias 32/04 e 33/04. Secretaria da Cultura do Estado**. In: Diário Oficial do Estado. Porto Alegre, 2004.

RIVLIN, Leanne G. **Olhando o passado e o futuro**: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. Estudos de Psicologia, p.215-220, 2003.

RUSSEL, J. A. Affective appraisals of environments In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. 529p.

SANCAR, F. H. Toward theory generation in landscape aesthetics. In: **Environmental aesthetics: theory, research and applications**. New York: Cambridge University Press, 1988. 529p.

SARMENTO, Maria Emília Couto; MONTEIRO, Circe Gama. **Metodologia Cognitiva na Topocepção do Lugar**. ANPUR.

SIMÃO, Maria C. R. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 124p.

SOMMER, Bárbara; SOMMER, Robert. **A Pratical Guide to Behavioral Research. Tools and Techniques**. 4 ed. Oxford: Oxford University Press, 2002. 380p.

STAMPS, Arthur Earl. **Defining block character**. Environment and Planning B: Planning and Design, V.26, p.1-26, 1999.

_____. **Psychology and the aesthetics of the built environment**. Kluwer Academic Publishers. USA, 2000. 327p.

THIEL, Philip. **People, Paths, and Purposes: notions for participatory envirotexture**. Washington: University Washington Press, 1997. 379p.

UZZELL, David. **Questionando os métodos na pesquisa e na prática interdisciplinares da psicologia ambiental**. Psicologia USP, p.185-199, 2005.

VIANA, Taís Feijó. **Análise da evolução urbana de São José do Norte-RS e suas relações com os recursos hídricos**. Pelotas: UFPel, 2008. Monografia (Curso de Especialização Gestores Regionais de Recursos Hídricos), Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Federal de Pelotas. 71p.

WEBER, R. **On the Aesthetics of Architecture: a psychological approach to the structure and the order of perceived architectural space**. England: Avebury, 1995. 279p.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248p.

APÊNDICE A

Estilos arquitetônicos do centro histórico de São José do Norte

ESTILOS ARQUITETÔNICOS DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO JOSÉ DO NORTE

O centro histórico de São José do Norte é constituído de edificações que diferem em relação ao seu estilo arquitetônico. Para esse estudo é importante investigar o estilo arquitetônico das edificações de interesse histórico e cultural, para que se possa caracterizá-las em função de seus atributos formais. Assim, é feito um resgate do contexto histórico em que os edifícios foram construídos e as características remanescentes.

No período de 1813 a 1888, os visitantes estrangeiros comparavam as edificações encontradas em São José do Norte com as das cidades europeias, pela beleza das casas, pelos inúmeros sobrados e pela largura e alinhamento das ruas principais. Contudo, a intensificação da construção dos casarios aconteceu no período de 1800 a 1840 e muitos deles eram sobrados, todos em linguagem luso-brasileiro, evidenciando as características da arquitetura portuguesa; alguns mais simples e outros mais ricos em detalhes. Os materiais de construção eram trazidos de Portugal (Gautério, D., 1997, p.p.19-21).

Os sobrados, remanescentes da época colonial, ainda hoje, guardam características da habitação urbana tradicional da época, pela dimensão dos terrenos (de testada estreita e compridos), pelo tipo de arquitetura padronizada, tanto nas plantas quanto nas técnicas construtivas. As casas formando linhas contínuas sobre as vias públicas têm a monotonia como traço marcante (Costa et. al., 2003).

Atualmente a cidade possui cerca de 100 prédios inventariados pelo IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado), todos inseridos no perímetro do centro histórico. As intervenções nas edificações localizadas no centro histórico são disciplinadas por diretrizes gerais, estipuladas pelas Portarias nº 32 e 33/04 da Secretaria Estadual da Cultura (SEDAC/IPHAE).

Dentre os prédios integrantes do inventário, podem-se destacar alguns pela expressividade, tais como: o Solar dos Imperadores (Fig. A.1), construído em 1800; a Antiga Intendência Municipal (Fig. A.2), construída em 1898, atualmente é tombada a nível estadual pelo IPHAE e encontra-se em processo de restauro; a

Igreja Matriz (Fig. A.3); e o Casarão dos Gibbon (Fig. A.4), construído entre 1830 e 1835 (Gautério, D., 1997, p.21).



Figura A.1: Solar dos Imperadores (Fonte: Acervo da autora, 2012)



Figura A.2: Intendência Municipal (Fonte: Acervo da autora, 2010)



Figura A.3: Igreja Matriz São José (Fonte: Acervo da autora, 2012)



Figura A.4: Casarão dos Gibbon (Fonte: Acervo da autora, 2007)

Além desses prédios, representantes da arquitetura eclética e luso brasileira, o centro histórico reúne exemplares da arquitetura do período moderno, 1930 a 1980, edificações também constantes no inventário de bens culturais do IPHAE (Fig. A.5 e A.6).



Figura 5: Prédio do primeiro período moderno
(Fonte: Acervo da autora, 2012)



Figura 6: Prédio do primeiro período moderno
(Fonte: Acervo da autora, 2012)

APÊNDICE B

Ruas definidas para a pesquisa

Tabela B.1: Ruas definidas para a pesquisa (Fonte: Autora, 2010)

Identificação da rua delimitada a este estudo	Características físicas da rua
RUA 01	 (Fonte: Acervo da autora, 2012) - Rua Pinto Nogueira, entre as Ruas Álvaro Costa e Dr. Silva Jardim - Número total de prédios: 20 - Número de imóveis inventariados: 11 - Proximidade visual com a Laguna dos Patos: Sim (do ponto mais próximo, aproximadamente 120 metros) - Presença de vegetação: Não
RUA 02	 (Fonte: Acervo da autora, 2012) - Rua General Osório, entre as Ruas Dr. Silva Jardim e Gal. Andrea - Número total de prédios: 31 - Número de imóveis inventariados: 24 - Proximidade visual com a Laguna dos Patos: Sim (do ponto mais próximo, aproximadamente 15 metros) - Presença de vegetação: Sim
RUA 03	 (Fonte: Acervo da autora, 2012) - Rua General Andrea, entre as Ruas Pinto Nogueira e General Osório - Número total de prédios: 12 - Número de imóveis inventariados: 5 - Proximidade Visual com a Laguna dos Patos: Sim (do ponto mais próximo, aproximadamente 0 metros) - Presença de vegetação: Não

Identificação da rua delimitada a este estudo	Características físicas da rua
RUA 04	(Fonte: Acervo da autora, 2012) - Rua Bento Gonçalves, entre as Ruas General Andrea e Marechal Deodoro - Número total de prédios: 10 - Número de imóveis inventariados: 9 - Proximidade Visual com a Laguna dos Patos: Sim (do ponto mais próximo, aproximadamente 8 metros) - Presença de vegetação: Sim

APÊNDICE C

Fichas de cadastros das características físicas das ruas

FICHA DE CADASTRO DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DAS RUAS:

CADASTRO DA RUA: 01

1. Número total de prédios: _____
2. Número de prédios de interesse histórico e cultural – IPHAE: _____
3. Número de prédios visualmente descaracterizados _____
4. Proximidade visual com a Laguna dos Patos: _____
5. Presença de vegetação: _____

CADASTRO DA RUA: 02

1. Número total de prédios: _____
2. Número de prédios de interesse histórico e cultural – IPHAE: _____
3. Número de prédios visualmente descaracterizados _____
4. Proximidade visual com a Laguna dos Patos: _____
5. Presença de vegetação: _____

CADASTRO DA RUA: 03

1. Número total de prédios: _____
2. Número de prédios de interesse histórico e cultural – IPHAE: _____
3. Número de prédios visualmente descaracterizados _____
4. Proximidade visual com a Laguna dos Patos: _____
5. Presença de vegetação: _____

CADASTRO DA RUA: 04

1. Número total de prédios: _____
2. Número de prédios de interesse histórico e cultural – IPHAE: _____
3. Número de prédios visualmente descaracterizados _____
4. Proximidade visual com a Laguna dos Patos: _____
5. Presença de vegetação: _____

FICHA DE CADASTRO DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICA DAS EDIFICAÇÕES

FICHA Nº: _____

CARACTERÍSTICAS DAS EDIFICAÇÕES

Identificação da rua: _____

Identificação da construção: _____

Características relacionadas à fachada

1. Tipologia:

- () horizontal
() vertical

- () térrea
() sobrado
() três pavimentos ou mais

1.2 Altura do prédio _____

1.3 Largura da testada _____

1.4 Existência de sacada () Sim () Não

2. Características relacionadas à silhueta

2.1 Tipo do coroamento

- () platibanda () beiral

2.2 Se houver platibanda, qual tipo?

- () geometrizada
() eclética
() vazada
() cheia

2.3 Número de vértices do coroamento ()

2.4 Simetria ou Assimetria da silhueta _____

3. Grau de descaracterização (para prédios inventariados)

- () íntegro
() grau 1
() grau 2
() grau 3
() grau 4

4. Grau de conservação

- () ótimo
() bom
() regular
() ruim
() ruína
() obra

5 Estilo arquitetônico do prédio

- () Luso-brasileiro () Contemporâneo
() Eclético () Descaracterizado
() Art-Noveau
() Primeiro período moderno
() Moderno

6. Detalhes

6.1 Presença de detalhes () sim () não

6.2 Tipo de detalhes

- () molduras na janelas e/ou portas
() ornamentos na platibanda e/ou capitéis e/ou bases das pilastras adossadas às fachadas
() desenhos, frisos, com funções apenas decorativas
() gradis ornamentando os balcões
() textura gerada pelos materiais de revestimento

6.3 Identificação dos materiais da fachada e da cobertura

- () reboco liso
() reboco crespo
() pedra regular
() pedra irregular
() granito
() fibrocimento
() telha cerâmica
() telha cerâmica (esmaltada)
() pastilha cerâmica (pequena)
() pastilha cerâmica (grande)
() cimento penteado
() tijolo à vista
() azulejo
() outros: _____

7. Características relacionadas à articulação da fachada

7.1 Dimensão da fachada

- () muito pequena (área < 30m²)
() pequena (30m² ≤ ou < 60m²)
() moderada (60m² ≤ ou < 120m²)
() grande (120m² ≤ ou < 180m²)
() muito grande (180m² ≤ área)

7.2 Quantidade de aberturas ()

7.3 Formato das aberturas

- () retangular com verga reta
() retangular com verga em arco abatido
() quadrada com verga reta
() quadrada com verga em arco abatido
() outros: _____

7.4 Proporções das aberturas

- () verticais
() horizontais
() quadradas

7.5 Quantidade de planos na fachada _____

7.6 Número de saliências _____

7.7 Número de reentrâncias _____

8. Características relacionadas às cores da fachada

APÊNDICE D

Síntese das características físicas das ruas analisadas

Tabela D.1: Síntese do levantamento físico (Fonte: Autora, 2012)

	Categorias analisadas	Rua 1	%	Rua 2	%	Rua 3	%	Rua 4	%	Todas ruas
	Total de prédios	19	100%	29	100%	11	100%	12	100%	71 (100%)
	Imóveis inventariados	11	58%	23	79%	5	45%	10	83%	49 (69%)
Tipologia	Horizontal	10	53%	19	66%	7	64%	6	50%	42 (59%)
	Vertical	9	47%	10	34%	2	18%	3	25%	24 (34%)
	Térrea	13	68%	20	69%	6	55%	6	50%	45 (63%)
	Sobrado	3	16%	6	21%	3	27%	3	25%	15 (21%)
	Mais de 3 pavimentos	3	16%	3	10%	0	0%	0	0%	6 (8%)
	Altura da edificação	Ver perfil quadras								
	Testada	Ver perfil quadras								
Sacada	Sim	2	10%	3	10%	0	0%	1	8%	6 (8%)
	Não	17	90%	26	90%	11	100%	10	82%	62 (87%)
Silhueta	Platibanda	19	100%	23	79%	8	89%	4	44%	54 (76%)
	Beiral	0	0%	6	21%	1	11%	5	56%	12 (17%)
	Geometrizada	1	5%	9	31%	2	18%	0	0%	12 (17%)
	Eclética	1	5%	2	7%	0	0%	0	0%	3 (4%)
	Vazada	1	5%	2	8%	0	0%	0	0%	3 (4%)
	Cheia	18	95%	21	71%	8	73%	4	33%	51 (72%)
	nº de vértices	Ver perfil quadras								
Grau de caracterização	Íntegro	0	0%	10	43%	0	0%	3	25%	23 (32%)
	Grau 1	5	45%	6	26%	4	36%	1	8%	16 (23%)
	Grau 2	6	55%	2	9%	1	9%	3	25%	12 (17%)
	Grau 3	0	0%	5	22%	0	0%	2	17%	7 (10%)
	Grau 4	0	0%	0	0%	0	0%	1	8%	1 (1%)
Grau de conservação	Ótimo	3	16%	10	34%	1	9%	1	8%	15 (21%)
	Bom	5	26%	5	17%	1	9%	1	8%	12 (17%)
	Regular	5	26%	4	14%	0	0%	3	25%	12 (17%)
	Ruim	6	32%	7	24%	8	73%	4	33%	25 (35%)
	Ruína	0	0%	1	3%	0	0	1	8%	2 (3%)
	Obra	0	0%	2	7%	1	9%	1	8%	4 (6%)

	Categorias analisadas	Rua 1	%	Rua 2	%	Rua 3	%	Rua 4	%	Total ruas
Estilo prédios	Luso	0	0%	3	10%	1	9%	3	25%	7 (10%)
	Eclético	1	5%	3	10%	0	0%	1	8%	5 (7%)
	Primeiro período moderno	3	16%	8	28%	4	36%	2	17%	17 (24%)
	Moderno	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0%
	Contemporâneo	6	32%	6	21%	4	36%	1	8%	17 (24%)
	Descaracterizado	9	47%	9	31%	1	9%	5	42%	24 (34%)
Detalhes	Sim	13	68%	24	83%	6	55%	6	50%	49 (69%)
	Não	6	32%	5	17%	3	27%	3	25%	17 (24%)
Tipos de detalhes	Molduras	3	16%	9	31%	3	27%	2	17%	17 (24%)
	Ornamentos	1	5%	5	17%	1	9%	1	8%	8 (11%)
	Desenhos	12	63%	13	45%	5	45%	6	50%	36 (51%)
	Gradis	1	5%	2	7%	0	0%	1	8%	4 (6%)
	Textura	1	5%	4	14%	0	0%	1	8%	6 (8%)
	Estrutura	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	1 (1%)
Materiais	Reboco liso	19	100%	25	86%	9	82%	9	75%	62 (87%)
	Reboco crespo	8	42%	12	41%	2	18%	3	25%	25 (35%)
	Pedra regular	0	0%	2	7%	0	0%	1	8%	3 (4%)
	Pedra irregular	2	11%	0	0%	0	0%	0	0%	2 (3%)
	Granito	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0%
	Fibrocimento	0	0%	6	21%	2	18%	1	8%	9 (13%)
	Telha cerâmica	2	11%	9	31%	3	27%	5	42%	19 (23%)
	Telha esmaltada	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	1 (1%)
	Pastilha pequena	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	1 (1%)
	Pastilha grande	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	1 (1%)
	Reboco penteado	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0%
	Tijolo à vista	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	1 (1%)
	Azulejo	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0%
	Fulget	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	1 (1%)

	Categorias analisadas	Rua 1	%	Rua 2	%	Rua 3	%	Rua 4	%	Total ruas
Dimensões da fachada	Muito pequena	10	52%	9	31%	1	9%	5	42%	25 (35%)
	Pequena	3	16%	13	45%	0	0%	1	8%	17 (24%)
	Moderada	3	16%	4	14%	4	36%	0	0%	11 (15%)
	Grande	3	16%	2	7%	3	27%	3	25%	11 (15%)
	Muito grande	0	0%	1	3%	1	9%	0	0%	2 (3%)
Aberturas	Quantidade total de aberturas	85		121		34		46		286
	Retangular reta	18	95%	22	76%	9	82%	7	58%	56 (79%)
	Retangular arco	0	0%	4	14%	0	0%	2	17%	6 (8%)
	Quadrada reta	2	11%	3	10%	1	9%	0	0%	6 (8%)
	Quadrada arco	0	0%	1	3%	0	0%	0	0%	1 (1%)
Proporções	Vertical	15	79%	23	79%	9	82%	9	75%	56 (79%)
	Horizontal	8	42%	7	24%	0	0%	1	8%	16 (23%)
	Quadrada	2	11%	4	14%	1	9%	0	0%	7 (10%)
Cores	Adequadas	11	58%	17	59%	2	18%	3	25%	33 (46%)
	Não adequadas	8	42%	12	41%	7	64%	7	58%	34 (48%)

Obs.: com exceção do item “quantidade de aberturas” que considera o valor total de aberturas da rua, os demais itens indicam a quantidade de edificações que possuem tais características indicadas na coluna “categorias”.

COMPLEXIDADE DAS RUAS

Nessa tabela são analisados alguns aspectos que contribuem com o aumento ou a diminuição da complexidade dos prédios, tais como, tipologia (horizontal ou vertical), existência de sacada e silhueta (platibanda, beiral e número de vértices). Cabe considerar que a existência de prédios inventariados contribui para a percepção de ordem, já que esses são organizados a partir de princípios de composição baseados na Teoria da Gestalt.

Tabela D.2: Aspectos que contribuem para a complexidade das ruas (Fonte: Autora, 2012)

	Categorias analisadas	Rua 1	%	Rua 2	%	Rua 3	%	Rua 4	%	Todas ruas
Tipologia	Total de prédios	19	100%	29	100%	11	100%	12	100%	71 (100%)
	Imóveis inventariados	11	58%	23	79%	5	45%	10	83%	49 (69%)
	Horizontal	10	53%	19	66%	7	64%	6	50%	42 (59%)
	Vertical	9	47%	10	34%	2	18%	3	25%	24 (34%)
Sacada	Sim	2	10%	3	10%	0	0%	1	8%	6 (8%)
	Não	17	90%	26	90%	11	100%	10	82%	62 (87%)
Silhueta	Platibanda	19	100%	23	79%	8	89%	4	44%	54 (76%)
	Beiral	0	0%	6	21%	1	11%	5	56%	12 (17%)
	nº de vértices	32	-	58	-	24	-	20	-	-

legenda

	↑	Grau de complexidade das ruas

Tabela D.3: Complexidade das ruas (Fonte: Autora, 2012)

RUAS	CARACTERIZAÇÃO QUANTO À COMPLEXIDADE
RUA 1	A rua 1 caracteriza-se por pouca variação entre as tipologias das edificações (vertical e horizontal). Também possui pouca variação na silhueta, ou seja, 100% das edificações são com platibanda, tem um número significativo de vértices (32), no entanto a rua estreita e pequena e as edificações com tipologias semelhantes acabam por atenuar essa percepção.
RUA 2	A rua 2 caracteriza-se por ser a que tem maior variação entre os aspectos que influenciam na complexidade das ruas. No entanto, isso não quer dizer que a complexidade dessa rua tenha ultrapassado o limite considerado como agradável pelo usuário, pode significar que essa rua é menos monótona que as demais.
RUA 3	A rua 3 caracteriza-se por pouca variação entre as tipologias das edificações (vertical e horizontal). Também possui pouca variação na silhueta, ou seja, 89% das edificações são com platibanda, tem um número significativo de vértices (24), no entanto a rua possui uma grande extensão o que atenua essa percepção. Cabe considerar que nessa rua a proximidade com a Laguna dos Patos pode contribuir para o aumento da complexidade.
RUA 4	A rua 4 caracteriza-se por ter variação entre os aspectos que influenciam na complexidade das ruas. Possui variação nas suas tipologias (vertical e horizontal) e a alternância entre platibanda e beiral nas suas edificações. Em comparação com as demais ruas, somente tem menos variação entre do elementos do que a rua 2. Nessa rua também cabe considerar a visual e a proximidade com a Laguna dos Patos contribuir para o aumento da complexidade e a existência de vegetação em frente as casas que contribui para o aumento da articulação das fachadas.

LEGENDA

- RUA 01 - LADO DIREITO
- RUA 01 - LADO ESQUERDO
- RUA 02 - LADO DIREITO
- RUA 02 - LADO ESQUERDO
- RUA 03 - LADO ÚNICO
- RUA 04 - LADO DIREITO
- RUA 04 - LADO ESQUERDO

LOCALIZAÇÃO DOS PERFIS DAS RUAS
(Fonte: Adaptado de Mapa do Município de São José do Norte, 2010)

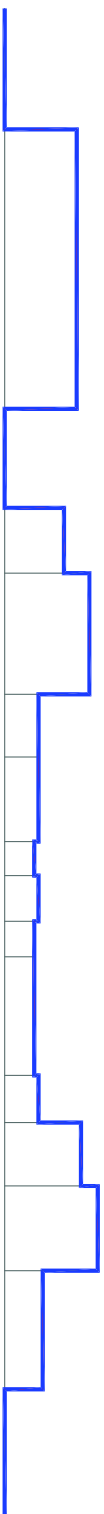
PRANCHA
01/02

PERFIL DAS RUAS ANALISADAS

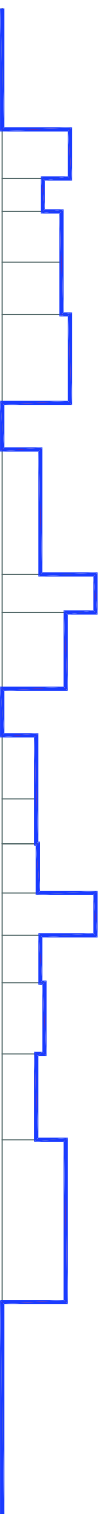


RUA 01 - LADO DIREITO

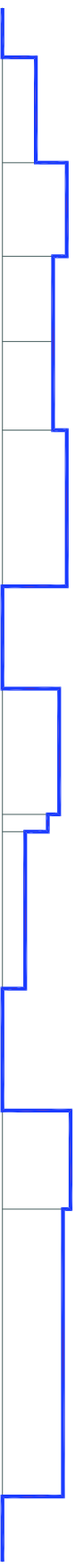
RUA 01 - LADO ESQUERDO



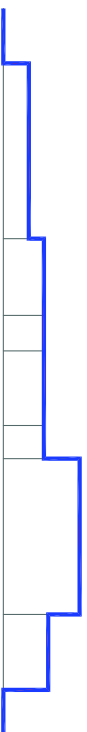
RUA 02 - LADO DIREITO



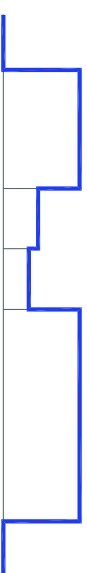
RUA 02 - LADO ESQUERDO



RUA 03 - LADO ÚNICO



RUA 04 - LADO ESQUERDO



RUA 04 - LADO DIREITO

LOCALIZAÇÃO DOS PRÉDIOS ANALISADOS



LEGENDA

Prédios analisados

LOCALIZAÇÃO DOS PRÉDIOS ANALISADOS
(Fonte: Adaptado de Mapa do Município - Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2012)

PRANCHA
01
/01

LOCALIZAÇÃO DOS IMÓVEIS INVENTARIADOS NAS RUAS ANALISADAS



LEGENDA

 Prédios inventariados

LOCALIZAÇÃO DOS IMÓVEIS INVENTARIADOS NAS RUAS
ANALISADAS (Fonte: Adaptado de Mapa do Município -
Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2012)

PRANCHA
01
/01

GRAU DE CONSERVAÇÃO DOS PRÉDIOS ANALISADOS



LEGENDA

ótimo	ruim
bom	ruína
regular	obra

GRAU DE CONSERVAÇÃO DOS PRÉDIOS ANALISADOS
(Fonte: Adaptado de Mapa do Município - Prefeitura
Municipal de São José do Norte, 2012)

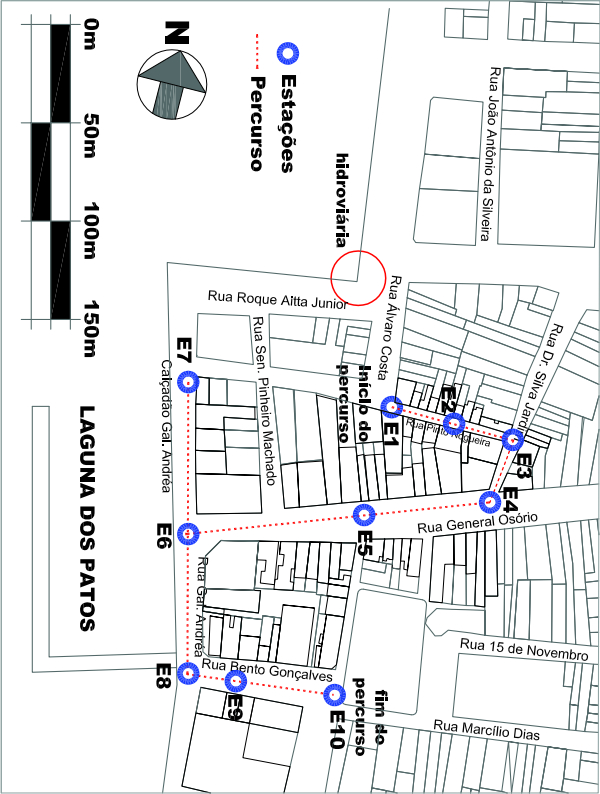
This map illustrates the Centro Histórico neighborhood in São Paulo, highlighting the Laguna dos Patos area. The map includes a scale bar (0m to 150m) and a north arrow. The area is bounded by Rua Carlos Bulmarque to the north, Rua Marechal Floriano to the east, and Rua Roque Alta Junior to the west. The Laguna dos Patos is located to the south, separated by a dashed line. The map shows a grid of streets, including Rua João Antônio da Silveira, Rua Almirante Tamandaré, Rua Conde de Porto Alegre, Rua Carlos Bulmarque, Rua Marechal Floriano, Rua Roque Alta Junior, Rua Alvaro Costa, Rua Dr. Silva Jardim, Calçada Dr. Ernesto Alves, Rua General Osório, Rua Bento Gonçalves, Rua Mal. Deodoro, Rua Borges de Medeiros, Rua Meandro Mariana da Silva, Rua Meandro Calisto, Rua Dião Chaves, Avenida Presidente Getúlio Vargas, Rua Eng. Fernando Dubrat da Silva, Rua Dezesseis de Julho, Rua Dr. Ernesto Alves, Rua 15 de Novembro, Rua Marcílio Dias, Rua Gal. Andréa, Rua Sen. Pinheiro Machado, Calçada Gal. Andréa, Rua Gal. Andréa, Rua Dr. Araújo Bozano, and Rua Dr. Ernesto Alves. The map also shows the location of the Centro Histórico, marked by a dashed line.



APÊNDICE E
Levantamento topoceptivo

PERCURSO E ESTAÇÕES DO LEVANTAMENTO TOPOCEPTIVO

MAPA



TABELA

Nr. da estação	Campo Visual lateral esquerdo		Campo Visual frontal		Campo Visual lateral direito	
	Estilo topológico	Efeito perceptivo	Estilo topológico	Efeito perceptivo	Estilo topológico	Efeito perceptivo
01	∧			∞		
02	><			+ T	><	∞
03	<>	∞		T	<>	+
04			∧	∞		1
05	<	∞	∧	1		1
06	∧	→ 1	∧	→ 1	∧	→ 1
07	∧	→ 1		T		T
08				1	∧	→
09		1	⊙	T	⊙	
10				T	∠	∞

LEGENDA

EFEITOS TOPOLÓGICOS	
Envolvimento	⊙
Ampliação	∧
Estreitamento	><
A alargamento	<>
A alargamento lateral	< ∠
EFEITOS PERSPECTIVOS	
Direcionamento	∞
Impedimento	+
Emolduramento	∞
Efeito em Y	Y
Situação de mirante	→
Realce	1
Visual Fechada	T

●E1

∧

●E1

∞

●E2

><

●E2

+ T

●E2

>< ∞ 1

●E3

<> ∞

●E3

T

●E3

<> +

●E4

∧ ∞

●E4

1

●E5

< ∞

●E5

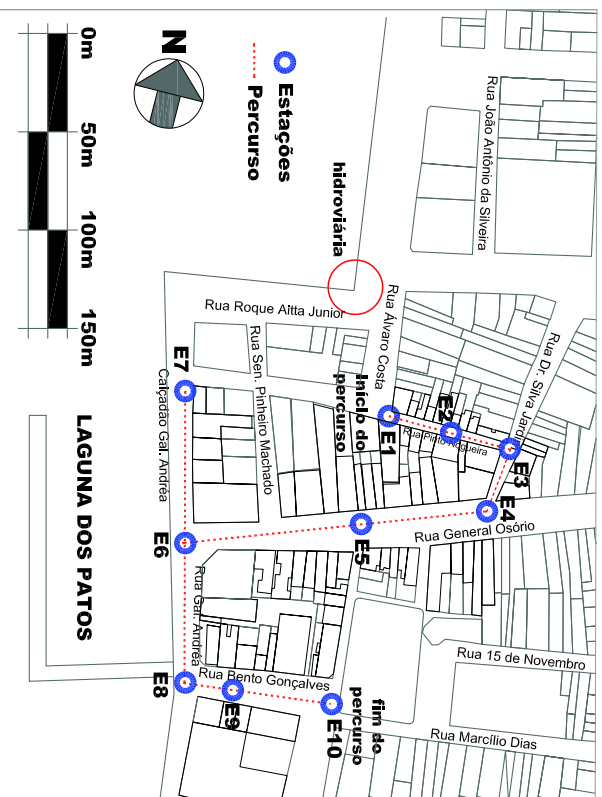
∧ 1

●E5

∞ 1

PERCURSO E ESTAÇÕES DO LEVANTAMENTO TOPOCEPTIVO

MAPA

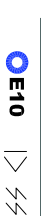
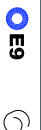


TABELA

N° de estudio	Campo: Visual lateral izquierdo		Campo: Visual frontal		Campo: Visual lateral derecho	
	Estilo topológico	Estilo perspectico	Estilo topológico	Estilo perspectico	Estilo topológico	Estilo perspectico
01				$\mathbb{Z}$		
02	$\succ \times$		$\neq$	$\top$	$\succ \times$	$\mathbb{Z}$
03	$\diamond$	$\mathbb{Z}$		$\top$	$\diamond$	$\neq$
04				$\mathbb{Z}$		$\perp$
05	$\triangleleft$	$\mathbb{Z}$		$\perp$		$\perp$
06		$\rightarrow \perp$		$\rightarrow \perp$		$\rightarrow \perp$
07		$\rightarrow \perp$		$\top$		$\top$
08				$\perp$		$\rightarrow$
09		$\perp$		$\top$		
10				$\top$	$\triangleright$	$\mathbb{Z}$

LEGENDA

EFEITOS TOPOLÓGICOS	
Envolvimento	$\odot$
Ampliação	∇
Estreitamento	$><$
Alargamento	$<>$
Alargamento lateral	$< $
EFEITOS PERSPECTIVOS	$ >$
Direcionamento	$\swarrow\searrow$
Impedimento	$\#$
Emolduramento	$\bowtie$
Efeito em Y	∇
Situação de mirante	$\rightarrow$
Realce	$ $
Visual Fechada	$\top$



LEVANTAMENTO TOPOCEPTIVO(Fonte - Mapa: Adaptado de Mapa do Município - Prefeitura Municipal de São José do Norte, 2012) (Fonte - Figuras: Autora, 2011)

PRANCHIA

02/02

APÊNDICE F
Mapa Mental e Comportamental

ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS

Foi solicitado aos respondentes residentes que ao final preenchimento do questionário fosse feito um desenho à mão livre que representasse o percurso realizado durante o preenchimento das perguntas, passando pelas quatro ruas do estudo. Desse modo, os respondentes deveriam marcar as ruas, edificações ou lugares que eles considerassem “mais bonitos” ou “mais feios” e/ou que tenham chamado mais a atenção durante o trajeto (Fig F.1 e F.2).



Figura F.1: Mapa mental feito por residentes
(Fonte: Autora, 2012)

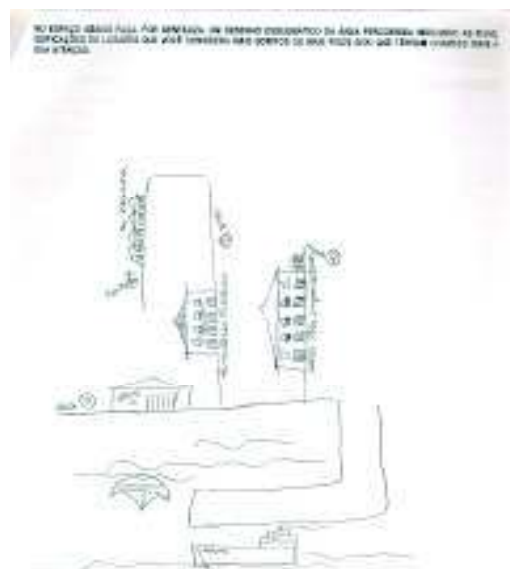


Figura F.2: Mapa mental feito por residentes
(Fonte: Autora, 2012)

A análise dos mapas mentais dos respondentes residentes tem como objetivo associar a qualidade visual da cidade à imagem mental dos moradores e também identificar na paisagem quais partes representam uma maior clareza ou legibilidade. Segundo Lynch (2006, p.3) esses aspectos referem-se à facilidade com que as partes da cidade podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente. Assim, os mapas foram analisados separando os dados em aqueles apontados como “mais bonitos” e “mais feios” pelos respondentes, conforme a tabela F.1.

Tabela F.1: Síntese das indicações do mapa mental feito pelos residentes (Fonte: Autora, 2012)

“mais bonito”		“mais feio”	
Aspectos relacionados	Indicações	Aspectos relacionados	Indicações
Solar dos Imperadores	26	Prédio marrom c/ janela verde	2
Laguna dos Patos	15	Antiga Alfândega	2
Conjunto Casas - Rua 1	11	Rua 01	1
Ladys	11	Prédios Rua 3	1
Ministério Público	10	Solar Gibbon	1
Danceteria casa Nova	9	Prédio Branco (ao lado casa nova)	1
Prainha	7		
Barcos	6		
Ponto de cultura - Caras de Pau	6		
Pier	6		
Museu - pizzeria	5		
Galeria	4		
Smcp	4		
Solar Gibbon	4		
Doce Magia	3		
Rodoviária	3		

Nos aspectos relacionados como “mais bonito” são excluídas as características mencionadas por menos de 10% da amostra do grupo de usuário.

A primeira análise sugere que os respondentes tem a tendência a indicar os aspectos mais positivos da cidade nas suas avaliações relativas à imagem mental do que os aspectos negativos. A aplicação do mapa mental ratifica as considerações da hipótese 2, onde o prédio intitulado Solar do Imperadores foi tido como o mais bonito daquela rua e aqui se repete como aquele mais indicado nos mapas, assim como o prédio apontado como mais feio no questionário se repete nessa avaliação.

Ademais, a paisagem natural e os aspectos associados à ela mostram-se significativos na formação da imagem mental dos moradores, seja ela indicada diretamente como Laguna dos Patos, ou como Prainha, a paisagem dos barcos e o píer. A tabela F.2 exemplifica alguns desses aspectos relacionados pelos residentes nos seus mapas mentais.

Tabela F.2: Imagens dos aspectos apontados nos mapas mentais (Fonte: Autora, 2012)

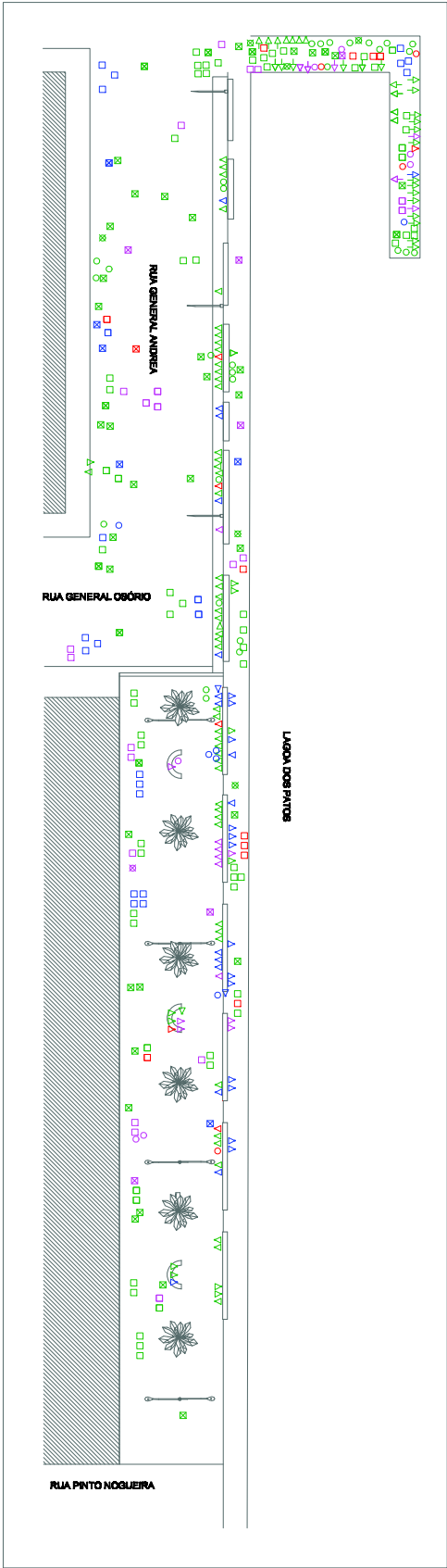
“mais bonito”		“mais feio”	
Solar dos Imperadores	Laguna dos Patos	Casa marrom	Antiga Alfândega
			

Desse modo, os residentes ratificaram, no mapa mental, aqueles prédios considerados como mais bonitos e mais feios no questionário, ademais, incorporaram a paisagem natural como aspecto importante na sua imagem mental. Dos residentes, 15(50%) respondentes mencionaram a paisagem da Laguna dos Patos nos seus mapas, 6(20%) os barcos e 13(43%) mencionaram as áreas de estar passivo ao longo da paisagem natural da laguna.

Portanto, a análise da imagem mental dos usuários da cidade, neste estudo, teve como objetivo identificar os aspectos da cidade mais significativos na construção das lembranças, para poder auxiliar, juntamente como os outros dados encontrados na pesquisa, na construção de intervenções urbanas.

No próximo item serão abordados os aspectos que influenciam na satisfação do usuário, residente na cidade, nas áreas de lazer próximas à paisagem natural da Laguna dos Patos. Assim, como a análise dos mapas mentais, essa investigação tem como objetivo auxiliar nas intervenções urbanas naquele local, visando a qualificação do espaço.

MAPA COMPORTAMENTAL



LEGENDA

	adolescentes	adultos	crianças	idosos
peessoa sentada em grupo	△	△	△	△
peessoa sentada sozinha	△	△	△	△
peessoa caminhando em grupo	□	□	□	□
peessoa caminhando sozinha	⊠	⊠	⊠	⊠
peessoa em pé em grupo	○	○	○	○
peessoa em pé sozinha	⊗	⊗	⊗	⊗
peessoa pescando	△	△	△	△

APÊNDICE G
Questionário

Questionário

Você está convidado a participar, como voluntário, em uma pesquisa coordenada por Taís Feijó Viana, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Esse estudo é orientado pela Profª. Drª Adriana Portella da UFPel.

OBJETIVO: A pesquisa tem como objetivo avaliar a qualidade visual da cidade de São José do Norte, composta por paisagem natural e ambiente construído. No questionário, todas as questões são relativas a sua opinião sobre a aparência de um grupo de ruas da cidade.

TEMPO: O tempo estimado para o preenchimento do questionário é de 30 à 40 minutos, porém fique à vontade para preenchê-lo no tempo que achar apropriado.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as respostas dessa pesquisa são confidenciais e será garantido o anonimato da sua identidade.

RESULTADOS: O estudo completo estará disponível na Biblioteca de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas no segundo semestre de 2012.

INSTRUÇÕES: Se em alguma questão você tiver dificuldade em responder, **mantenha sempre a sua primeira idéia sobre o assunto**. O questionário é anônimo, portanto fique à vontade para expressar sua opinião. Gostaria da sua mais honesta opinião.

CONTATO: Caso tenha alguma dúvida em relação a essa pesquisa, segue abaixo o contato do pesquisador.

Taís Feijó Viana

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Rua Benjamim Constant, 1359 - Pelotas/RS

Telefone: 53 32845501

e-mail: taisfviana@gmail.com

Caso você aceite participar dessa pesquisa, poderá ficar com essa primeira folha.

Obrigado pela cooperação!



Marque em qual das categorias você se enquadra:

- () residente em São José do Norte
() não residente em São José do Norte

RESPONDA AS QUESTÕES ABAIXO DE ACORDO COM A RUA Nº1 DA CAMINHADA

1. A aparência da rua é:

- () muito bonita
() bonita
() nem bonita, nem feia
() feia
() muito feia

1.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:

1.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:

	Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Os prédios em geral	()	()	()	()	()
A Lagoa dos Patos	()	()	()	()	()
Os barcos	()	()	()	()	()
Os anúncios comerciais	()	()	()	()	()
Os prédios históricos	()	()	()	()	()
Telefones públicos, lixeiras, postes, rede de energia elétrica, bancos, quiosques, etc.	()	()	()	()	()
Vegetação	()	()	()	()	()
Outro: _____	()	()	()	()	()

2. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja (MARQUE UMA RESPOSTA PARA CADA COLUNA):

Ordem entre os elementos	() muito ordenada	Aparência	() muito bonita	Variação entre os elementos	() muito grande
	() ordenada		() bonita		() grande
	() nem ordenada, nem desordenada		() nem bonita, nem feia		() moderada
	() desordenada		() feia		() pequena
	() muito desordenada		() muito feia		() muito pequena

3. Qual prédio desta rua que você acha mais bonito e por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem o prédio ser mais bonito)

4. Qual prédio desta rua que você acha mais feio e por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem o prédio ser mais feio)

5. O que você mais gosta nesta rua: () prédios () paisagem natural () prédios e paisagem natural () outro: _____

6. O que você menos gosta nesta rua: () prédios () paisagem natural () prédios e paisagem natural () outro: _____

7. Marque uma resposta para cada coluna:

Os prédios dessa rua são:	A Paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem natural é:
() muito bonitos	() muito bonita	() muito bonita
() bonitos	() bonita	() bonita
() nem bonitos, nem feios	() nem bonita, nem feia	() nem bonita, nem feia
() feios	() feia	() feia
() muito feios	() muito feia	() muito feia

Os prédios dessa rua são:	A Paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem é:
() muito interessantes	() muito interessante	() muito interessante
() interessantes	() interessante	() interessante
() neutro	() neutra	() neutra
() pouco interessantes	() pouco interessante	() pouco interessante
() desinteressantes	() desinteressante	() desinteressante

RESPONDA AS QUESTÕES ABAIXO DE ACORDO COM A RUA Nº2 DA CAMINHADA

8. A aparência da rua é:

- () muito bonita
() bonita
() nem bonita, nem feia
() feia
() muito feia

8.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:

8.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:

	Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Os prédios em geral	()	()	()	()	()
A Lagoa dos Patos	()	()	()	()	()
Os barcos	()	()	()	()	()
Os anúncios comerciais	()	()	()	()	()
Os prédios históricos	()	()	()	()	()
Telefones públicos, lixeiras, postes, rede de energia elétrica, bancos, quiosques, etc.	()	()	()	()	()
Vegetação	()	()	()	()	()
Outro: _____	()	()	()	()	()

9. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja (MARQUE UMA RESPOSTA PARA CADA COLUNA):

Ordem entre os elementos	() muito ordenada	Aparência	() muito bonita	Variação entre os elementos	() muito grande
	() ordenada		() bonita		() grande
	() nem ordenada, nem desordenada		() nem bonita, nem feia		() moderada
	() desordenada		() feia		() pequena
	() muito desordenada		() muito feia		() muito pequena

10. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem o prédio ser mais bonito)

11. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem o prédio ser mais feio)

12. O que você mais gosta nesta rua: () prédios () paisagem natural () prédios e paisagem natural () outro: _____

13. O que você menos gosta nesta rua: () prédios () paisagem natural () prédios e paisagem natural () outro: _____

14. Marque uma resposta para cada coluna:

Os prédios dessa rua são:	A Paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem natural é:
() muito bonitos	() muito bonita	() muito bonita
() bonitos	() bonita	() bonita
() nem bonitos, nem feios	() nem bonita, nem feia	() nem bonita, nem feia
() feios	() feia	() feia
() muito feios	() muito feia	() muito feia

Os prédios dessa rua são:	A Paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem é:
() muito interessantes	() muito interessante	() muito interessante
() interessantes	() interessante	() interessante
() neutro	() neutra	() neutra
() pouco interessantes	() pouco interessante	() pouco interessante
() desinteressantes	() desinteressante	() desinteressante

AS PRÓXIMAS QUESTÕES SERÃO FEITAS EM RELAÇÃO AO LOCAL QUE FICA ÀS MARGENS DA LAGOA DOS PATOS, OU A PRAINHA, COMO É CONHECIDA PELOS MORADORES. (RUA Nº3)

15. A aparência da “Praia” é:

- () muito bonita
 () bonita
 () nem bonita, nem feia
 () feia
 () muito feia

15.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:

15.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:

	Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Os prédios em geral	()	()	()	()	()
A Lagoa dos Patos	()	()	()	()	()
Os barcos	()	()	()	()	()
Os anúncios comerciais	()	()	()	()	()
Os prédios históricos	()	()	()	()	()
Telefones públicos, lixeiras, postes, rede de energia elétrica, bancos, quiosques, etc.	()	()	()	()	()
Vegetação	()	()	()	()	()
Outro: _____	()	()	()	()	()

16. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja (MARQUE UMA RESPOSTA PARA CADA COLUNA):

Ordem entre os elementos	() muito ordenada	Aparência	() muito bonita	Variação entre os elementos	() muito grande
	() ordenada		() bonita		() grande
	() nem ordenada, nem desordenada		() nem bonita, nem feia		() moderada
	() desordenada		() feia		() pequena
	() muito desordenada		() muito feia		() muito pequena

17. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem o prédio ser mais bonito)

18. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem o prédio ser mais feio)

19. O que você mais gosta nesta rua: () prédios () paisagem natural () prédios e paisagem natural () outro: _____

20. O que você menos gosta nesta rua: () prédios () paisagem natural () prédios e paisagem natural () outro: _____

21. Marque uma resposta para cada coluna:

Os prédios dessa rua são:	A Paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem natural é:
() muito bonitos	() muito bonita	() muito bonita
() bonitos	() bonita	() bonita
() nem bonitos, nem feios	() nem bonita, nem feia	() nem bonita, nem feia
() feios	() feia	() feia
() muito feios	() muito feia	() muito feia

Os prédios dessa rua são:	A Paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem é:
() muito interessantes	() muito interessante	() muito interessante
() interessantes	() interessante	() interessante
() neutro	() neutra	() neutra
() pouco interessantes	() pouco interessante	() pouco interessante
() desinteressantes	() desinteressante	() desinteressante

RESPONDA AS QUESTÕES ABAIXO DE ACORDO COM A RUA Nº4 DA CAMINHADA

22. A aparência da rua é:

- () muito bonita
 () bonita
 () nem bonita, nem feia
 () feia
 () muito feia

22.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:

22.2 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência da rua visitada:

	Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Os prédios em geral	()	()	()	()	()
A Lagoa dos Patos	()	()	()	()	()
Os barcos	()	()	()	()	()
Os anúncios comerciais	()	()	()	()	()
Os prédios históricos	()	()	()	()	()
Telefones públicos, lixeiras, postes, rede de energia elétrica, bancos, quiosques, etc.	()	()	()	()	()
Vegetação	()	()	()	()	()
Outro: _____	()	()	()	()	()

23. A mistura entre prédios e paisagem natural faz com que essa rua seja (MARQUE UMA RESPOSTA PARA CADA COLUNA):

Ordem entre os elementos	() muito ordenada	Aparência	() muito bonita	Variação entre os elementos	() muito grande
	() ordenada		() bonita		() grande
	() nem ordenada, nem desordenada		() nem bonita, nem feia		() moderada
	() desordenada		() feia		() pequena
	() muito desordenada		() muito feia		() muito pequena

24. Qual prédio dessa rua que você acha mais bonito e por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem o prédio ser mais bonito)

25. Qual prédio dessa rua que você acha mais feio e por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem o prédio ser mais feio)

26. O que você mais gosta nesta rua: () prédios () paisagem natural () prédios e paisagem natural () outro: _____

27. O que você menos gosta nesta rua: () prédios () paisagem natural () prédios e paisagem natural () outro: _____

28. Marque uma resposta para cada coluna:

Os prédios dessa rua são:	A Paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem natural é:
() muito bonitos	() muito bonita	() muito bonita
() bonitos	() bonita	() bonita
() nem bonitos, nem feios	() nem bonita, nem feia	() nem bonita, nem feia
() feios	() feia	() feia
() muito feios	() muito feia	() muito feia

Os prédios dessa rua são:	A Paisagem natural dessa rua é:	A combinação dos prédios com a paisagem é:
() muito interessantes	() muito interessante	() muito interessante
() interessantes	() interessante	() interessante
() neutro	() neutra	() neutra
() pouco interessantes	() pouco interessante	() pouco interessante
() desinteressantes	() desinteressante	() desinteressante

RESPONDA AS QUESTÕES ABAIXO APÓS TER FEITO A CAMINHADA TOTAL NO PERCURSO

29. De um modo geral o que você achou da aparência das ruas visitadas?

- () muito bonita
 () bonita
 () nem bonita, nem feia
 () feia
 () muito feia

29.1 Indique a importância dos itens abaixo para a aparência do local visitado (cada item deve ter somente uma resposta):

	Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Os prédios em geral	()	()	()	()	()
A Lagoa dos Patos	()	()	()	()	()
Os barcos	()	()	()	()	()
Os anúncios comerciais	()	()	()	()	()
Os prédios históricos	()	()	()	()	()
Telefones públicos, lixeiras, postes, rede de energia elétrica, bancos, quiosques, etc.	()	()	()	()	()
Vegetação	()	()	()	()	()
Outros:	()	()	()	()	()

30. Se você tivesse que dar um nome ao local visitado que nome seria? (cada item deve ter somente uma resposta)

	Concordo fortemente	Concordo	Neutro	Discordo	Discordo fortemente
Centro histórico	()	()	()	()	()
Centro de comércio	()	()	()	()	()
Centro de serviços públicos	()	()	()	()	()
Centro turístico	()	()	()	()	()
Outro: _____	()	()	()	()	()

31. Indique a importância dos itens abaixo para tornar a área visitada um local atrativo. (cada item deve ter somente uma resposta)

	Muito importante	Importante	Neutro	Um pouco importante	Não importante
Aparência dos prédios	()	()	()	()	()
Lagoa dos Patos, vegetação, etc.	()	()	()	()	()
Prédios históricos	()	()	()	()	()
Atividades de lazer	()	()	()	()	()
Atividades de comércio e serviços	()	()	()	()	()
Conservação dos prédios	()	()	()	()	()
Outro: _____	()	()	()	()	()

32. O que você acha da cidade de São José do Norte?

- () muito bonita
 () bonita
 () nem bonita, nem feia
 () feia
 () muito feia

33. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais bonita e diga o por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem a rua ser mais bonita)

() Rua 1 () Rua 2 () Rua 3 () Rua 4

34. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais feia e diga o por quê? (aqui você pode indicar até três motivos que fazem a rua ser mais feia)

() Rua 1 () Rua 2 () Rua 3 () Rua 4

RESPONDA AS QUESTÕES 35, 35.1 e 35.2 SOMENTE SE VOCÊ MORAR EM SÃO JOSÉ DO NORTE.

35. Com que frequência você utiliza a “Prainha”?

- () menos de 1 vez por mês
 () de 1 a 4 vezes por mês
 () mais de 4 vezes por mês

35.1 Quando você utiliza a “Prainha”, quanto tempo costuma permanecer nela?

- () alguns minutos
 () aproximadamente 1h
 () por mais de 1h

35.2 Como você descreveria a “Prainha”?

	Concordo fortemente	Concordo	Neutro	Discordo	Discordo fortemente
Um local de lazer (passear, encontrar amigos, tomar chimarrão...)	()	()	()	()	()
Um local de trabalho	()	()	()	()	()
Um local de passagem	()	()	()	()	()
Outro: _____	()	()	()	()	()

NO ESPAÇO ABAIXO FAÇA, POR GENTILEZA, UM DESENHO ESQUEMÁTICO DA ÁREA PERCORRIDA INDICANDO AS RUAS, EDIFICAÇÕES OU LUGARES QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS BONITOS OU MAIS FEIOS E/OU QUE TENHAM CHAMADO MAIS A SUA ATENÇÃO.

Obrigado por sua participação!

APÊNDICE H

Fotos da aplicação dos questionários

FOTOS DA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS AOS NÃO RESIDENTES



FOTOS DA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS AOS RESIDENTES



APÊNDICE I
Justificativas dos questionários

PERGUNTA 1.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
A má conservação dos edifícios	A rua é feia	Aconchegante
Aconchegante, boa manutenção	calçamento	Ausência de vegetação
Aconchegante, casas bem cuidadas e vista p lagoa	calçamento danificado	Calçadas estreitas
Algumas construções com mal estado de conservação que deixa a rua feia	calçamento danificado, calçadas estreitas	Calçamento
Alguns prédios possuem má conservação, que dá sensação de abandono.	calçamento ruim	Calçamento mal conservado
Aparência dos prédios, o calçamento da rua, o visual da rua, fachada fechando as visuais	Calçamento, prédios bem conservados	Combinação entre prédios históricos e contemporâneos
Aspecto agradável, casas bem cuidadas, vista p lagoa, ruas calçadas e limpas	Limpa, calçamento ruim	Composição desarmônica com a lagoa
Casa e calçamento em boas condições	Limpa, casas bem conservadas	Limpeza
Casas bem alinhadas, rua estreita, falta de arborização, fachadas cuidadas	Limpeza, conservada	Nada chama a atenção
Casas com fachadas antigas, mas falta cuidado com a pintura	Limpeza, prédios, calçamento ruim	Prédios
Casas em fita conservadas e outras deterioradas	Mistura entre prédios históricos e novos	Prédios bem conservados
Casas mal cuidadas	Mistura entre prédios históricos e novos, falta de luminosidade do sol, calçamento moderno e mal conservado	Prédios em mau estado de conservação
Casas mal cuidadas e sem padrão	Nada de atrativo	Prédios de comércio
Casinhas de porta e janela, diferenciadas pelas cores	prédios	Prédios históricos
Diferente do habitual, rua caseira, micro vila	prédios	Prédios similares
Diversos padrões arquitetônicos, qualidade do passeio	prédios	Rua estreita e pequena
Estreita e curta, aparência agradável, prédios históricos e comércio	Prédios históricos	Sem resposta
Existe um padrão estético é aconchegante, porém não tem vegetação e manutenção das construções	Prédios históricos	Visual da lagoa
Fachadas semelhantes, mas pobres no visual e conservação	Prédios históricos	
Falta de manutenção, pintura, passeio estreito e não gostou do estilo das casas	Prédios similares e históricos	
Harmonia de um lado da rua e desarmonia do outro	Prédios similares e históricos	
Lembra cidade pequena e é limpa	Prédios similares, calçamento danificado	
Limpa, colorida e prédios comuns	Prédios similares, calçamento danificado	
Mistura de elementos diferenciados, contraste de estilos	Prédios similares, visual da lagoa ao fundo, calçamento danificado e calçada estreita	
Nada chama a atenção	Prédios, calçada, rua	

Não existem edifícios ou tratamento urbanístico que valorizem o espaço, a rua é estreita, curta e desemboca em outra rua o que a torna um pouco mais interessante.	Prédios, calçamento danificado	
Os prédios melhor conservados	Prédios, calçamento ruim	
Pavimentação, poluição visual, sem preservação do patrimônio	Prédios, calçamento sem manutenção	
Pode ser vista a lagoa, mas os prédios não estão conservados	Rua comum	
Por um lado te visibilidade do mar, por outro as construções não são bem preservadas	Rua comum	
Pouca conservação e sem casas interessantes	Rua estreita, calçamento ruim	
Prédios antigos e sem graça, rua comum	Rua estreita, pouco espaço p movimentar-se à pé ou carro	
Prédios bonitos e feios	Rua estreita, prédios, galeria	
Prédios mal conservados, composição desarmônica com a lagoa	Rua histórica, prédios, estreita, conservada e bem iluminada	
Prédios mal cuidados, rua tradicional	Rua pequena, calçamento mal conservado	
Rua comum com nada que chame a atenção	Rua pequena, casas em bom e mau estado de conservação	
Rua de comércio, diversidade de usos	Rua pequena, nada que chame a atenção	
Rua interessante com prédios históricos conservados, porém sem manutenção, pintura.	Sem resposta	
Rua normal, conjunto de casa antigas chama a atenção	Sem vegetação, calçamento ruim	
Rua pequena, não demonstra muitos aspectos para percepção	Semelhança entre construções	

PERGUNTA 8.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
Agradável, rua ampla, prédios, bancos, canteiro	Bem conservada	Calçadas
Ampla, prédios históricos	calçadas	Calçamento
Ampla, visual da lagoa, barcos, prédios históricos, calçada e limpeza	Calçamento, ladrilhos hidráulicos na calçada, prédios históricos	Canteiros
Calçada, canteiro, bancos, vegetação, visual da lagoa, limpa	Calçamento, prédios importantes	Harmonia de cores
Canteiro central, prédios, visual da lagoa	Conjunto Visual da laguna e prédios	Limpeza
Canteiro central, vegetação, diversidade de estilo dos prédios, visual da laguna	Falta vegetação, harmonia de cores, prédios históricos	Mistura de prédios históricos e contemporâneos
Canteiro com vegetação, bancos, prédios bonitos	Limpa, bem conservada, prédios históricos, lojas	Mobiliário urbano
Canteiro com vegetação, visual da lagoa e RG	Limpa, prédios históricos, movimento de pessoas e carros	Movimento de pessoas e carros
Canteiro, prédios históricos, visual da lagoa	Limpa, vegetação	Ordenada
Canteiro, vista da lagoa	Mobiliário, prédios, vista da lagoa e rg	Prédios
Canteiro, vista da lagoa, prédios conservados	movimento de pessoas	Prédios com bom estado de conservação
Canteiros, prédios	Movimento de pessoas e carros	Prédios históricos
Conservação dos prédios, obras de restauro, rua e passeios amplos, canteiro, mobiliário urbano (telefone e lixeiras)	movimento de pessoas e visual da lagoa	Rua ampla
Gabaritos dos prédios, largura da rua, visual da lagoa, poucos anúncios, reduzido número de veículos, postes de iluminação, mobiliário, cores do piso, composição formal entre os prédios	ordenada	Rua com bom estado de conservação
Mistura entre prédios bonitos e feios	ordenada	Vegetação
Organizada, ampla, limpa	ordenada	Visual da lagoa
Paisagem natural, prédios históricos e boa manutenção da rua	Ordenada, prédio do ministério público	Visual de Rio Grande
Paisagem natural, prédios históricos, conservada	Ponto de encontro das pessoas	Visual dos barcos
Prédios bonitos, preservação histórica, canteiro, vegetação, iluminação	prédios	
Prédios e paisagem natural	Prédios históricos	
Prédios históricos, bancos, rua limpa e conservada	Prédios históricos	
Prédios históricos, visual, pouco conservada	Prédios históricos e limpa	
Prédios, canteiro, rua ampla, escala proporcional prédios e rua, calçamento e limpeza	Prédios históricos, visual da lagoa	

Prédios, visual da lagoa, canteiros	Prédios mal conservados e paisagem natural
Rua ampla, bancos, visual da lagoa, prédios históricos	Prédios, limpeza, paisagem, vegetação
Rua ampla, canteiro, visual lagoa e rio grande	Prédios, organizada
Rua ampla, limpa, vegetação	Rua ampla
Rua ampla, prédios feios e bonitos	Rua ampla, prédios históricos conservados, vegetação, visual da laguna
Rua ampla, prédios históricos, canteiros, bancos, vista rio grande, barcos	Rua bem conservada
Rua ampla, vegetação, prédios históricos	Rua bem conservada e movimentada
Rua ampla, visual ampla	Rua histórica
Sem harmonia entre os prédios, sem vegetação	Rua larga, visual da lagoa, sensação de imensidão
Sem resposta	Rua limpa
Urbanização, prédios históricos	Rua mal cuidada, prédios mal conservados
Vista para barcos, lagoa e rio grande, rua ampla, prédios preservados, mobiliário urbano	Rua principal, visual da lagoa e barcos
Visual da lagoa	Sem resposta
Visual da lagoa, canteiro	Visual da lagoa
Visual da lagoa, prédios antigos, amplitude da rua	Visual da lagoa
Visual da lagoa, rua ampla, mistura de prédios antigos com novos	Visual da lagoa e barcos, prédios históricos
Visual da lagoa, rua organizada, canteiro	Visual da lagoa, rua boa manutenção

PERGUNTA 15.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
Calçada, bancos, potencial	Bancos, paisagem natural	Ausência de vegetação
Má conservação dos prédios, vegetação precária	Bem arrumada	Calçadão
Pouco mobiliário urbano, pouca vegetação, prédios mal conservados	conservada	Encontro de pessoas
Amplidão, visual da lagoa e de RG	Conservada, bancos, encontro de pessoas	Integração ambiente natural e construído
Proximidade laguna	encontro de pessoas	Limpeza
Visual da lagoa, prédios históricos, calçadão e pier, tenta ser um local de lazer	Encontro de pessoas, porém precisa de mais cuidados	Local de lazer
Paisagem natural interessante, ambiente urbano totalmente deteriorado	Limpeza, bancos, visual	Mobiliário urbano
Barcos e lagoa	Local agradável	Paisagem natural
Integração ambiente natural e construído	Local de lazer, ponto de encontro de pessoas, mobiliário urbano ruim	Pier
Visual da lagoa	Margens da lagoa, por do sol	Por-do-sol
Lago, barcos, espaço de contemplação, trapiche mal conservado	Natureza em contato com as pessoas	Prédios
Prédios mal conservados	Necessita da mobiliário	Prédios históricos
Calçadão, bancos, liberdade	Paisagem natural	Prédios mal conservados
Prédios mal conservados	Paisagem natural	Proximidade lagoa
Prédios próximo água, calçada, visual da laguna e de RG, barcos	Paisagem natural e prédios (apesar de não conservados)	Rua em bom estado de conservação
Calmo, tranquilidade pela presença dos barcos e lagoa	ponto de encontro de pessoas	Tranquilidade
Visual da lagoa, tranquilidade e pouco trânsito	Por do sol, navios, lancha	Visual barcos
Visual da lagoa e de rg	Prédios mal conservados, esgoto despejado na água	Visual da lagoa
Potencial, mas está mal conservada	Sujeira da lagoa	Visual de Rio Grande
Prédios mal conservados e paisagem natural bonita	Sujeira, sem vegetação, bancos, paisagem da lagoa	
Vista da lagoa	Visual da lagoa	
Paisagem barcos, silêncio, som da lagoa batendo no cais	Visual da lagoa	
Conjunto dos prédios e lagoa	Visual da lagoa	
Prédios mal conservados e paisagem natural bonita	Visual da lagoa	
Prédios, mobiliário, pier	Visual da lagoa	
Visual da laguna, barcos, visual de RG, prédios feios	Visual da lagoa	
Conservação dos prédios e infraestrutura	Visual da lagoa	
Reflexo do sol na água, trapiche.	Visual da lagoa e barcos	
Prédios e vegetação mal conservados	Visual da lagoa e barcos	
Prédios mal conservados e paisagem natural bonita	Visual da lagoa e barcos, encontro de pessoas (baile)	
Poderia ser melhor explorado, por ser na beira da lagoa	Visual da lagoa e dos barcos	
Prédios feios e paisagem natural bonita	Visual da lagoa e rg	
Mistura dos prédios com a paisagem natural	Visual da lagoa e rg	

Proximidade com a lagoa mal aproveitada, os elementos do mobiliário urbano não tiram proveito disso, pouca vegetação	Visual da lagoa e rg	
Visual da lagoa, vento, o bater da água	Visual da lagoa e Rg, bancos, descanso	
Prédios mal conservados	Visual da lagoa, brisa, peixes, por do sol	
Visual da lagoa e de RG, barcos	Visual da lagoa, mas poderia ter mais manutenção	
Prédios e paisagem	Visual da lagoa, mobiliário urbano precário	
Visual da lagoa, prédios bonitos, mas tudo sem conservação	Visual da lagoa, por do sol	
Lagoa, bancos, barcos	Visual da laguna e barcos	

PERGUNTA 22.1 Indique as principais razões que explicam sua resposta anterior:		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
Apesar dos prédios serem mal conservados a rua é aconchegante	Calçamento, prédios mal conservados	Ampla espaço público
Árvores, prédios, visual e contato com a paisagem natural	Conjunto de prédios e paisagem natural	Conjunto de prédios e paisagem natural
As ruínas dos prédios históricos, os sons dos cachorros, da água	Paisagem bonita, prédios degradados	Ligação lagoa e igreja
Bucólica, prédios históricos	Paisagem natural	Paisagem natural
Canteiros e vegetação	Paisagem natural e prédios históricos	Prédios
Harmonia	Paisagem natural, prédios, visual da igreja	Prédios em mau estado de conservação
Mistura entre prédios mal conservados e bem conservados	Ponto estratégico, visual da lagoa	Prédios históricos
Mistura entre vegetação, prédios históricos e visual da laguna	prédios	Rua aconchegante / tranquila
Poderia ser mais bonita se houvesse manutenção	Prédios em mau estado de conservação	Rua histórica
Pouco conservada, porém agradável	Prédios em mau estado de conservação	Trailer impedindo visual da igreja
Pouco conservada, porém agradável	Prédios em mau estado de conservação	Vegetação
Prédios históricos	Prédios históricos	Visual da igreja
Prédios históricos	Prédios históricos	Visual da lagoa
Prédios históricos e vegetação	Prédios históricos	
Prédios históricos e vegetação	Prédios históricos	
Prédios históricos sem manutenção	Prédios históricos	
Prédios históricos, amplo espaço público e visual da lagoa	Prédios históricos, porém existe a falta de conservação	
Prédios históricos, rua que liga a lagoa à igreja	Prédios históricos, rua histórica	
Prédios históricos, vegetação	Prédios mau conservados	
Prédios históricos, vegetação e visual da lagoa	Rua ampla e prédios	
Prédios históricos, vegetação, praça	Rua histórica	
Prédios históricos, visual da igreja e da lagoa, canteiros, mobiliário urbano	Rua histórica	
Prédios mal conservados	Rua histórica	
Prédios mal conservados	Rua histórica	
Prédios mal conservados	Rua histórica	
Prédios mal conservados, trailer tirando a visual da praça	Rua histórica	
Prédios mal conservados, vegetação no meio da rua	Rua histórica	
Prédios mal conservados, vegetação, visual da lagoa, da igreja.	Rua histórica e paisagem natural	
Prédios sem conservação	Rua histórica, mas que deve ser melhor conservada	
Prédios, paisagem natural e igreja	Rua histórica, melhor iluminação, prédios mais conservados	
Prédios, visuais da lagoa, vegetação, calçamento	Rua histórica, prédios históricos	
Relação prédios e paisagem natural	Rua histórica, prédios históricos	
Ruínas, proximidade com a água, vegetação	Rua histórica, prédios históricos	
Sem resposta	Rua larga e vegetação	

vegetação	Rua pequena	
Vegetação e harmonia com a paisagem natural	Rua pequena, mas interessante	
Vegetação, lagoa e vista da igreja	vegetação	
Vegetação, prédios históricos	Vegetação e prédios	
Vegetação, prédios históricos, pier	Visual da lagoa, prédios e vegetação	
Visual da lagoa e da igreja, prédios históricos	Visual da lagoa, vegetação, prédios históricos	

PERGUNTA 33. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais bonita e diga o por quê? RUA 2		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
Ampla vista p lagoa e vegetação	Atraente, mas deve ser melhor cuidada.	Aconchegante
Arquitetura dos prédios, visual da lagoa no final da rua e canteiros	Melhor conservada e movimentada.	Boa iluminação
Bem cuidada, limpa, prédios	Ordenada, paisagem interessante.	Bom calçamento
Bonito canteiro central e espaço para uso da população	Bem calçada e com boa iluminação	Calçadas largas
canteiro central, bancos, vegetação, calçadas largas	Melhor conservada	Canteiros
Canteiros arborizados e prédios com bela arquitetura	Conservada, prédios históricos e vegetação.	Conservação dos prédios
Canteiros e pode-se observar a laguna	Prédios históricos e vista da laguna.	Bom estado de conservação
conservação dos prédios em geral, mobiliário no canteiro central, vegetação	Vista da laguna.	Interessante
Pela harmonia e conservação do conjunto	Conservada	Limpa
Prédios históricos bem conservados, paisagem natural bonita e sensação de aconchegante	Conservada	Mobiliário urbano
Prédios mais novos e paisagem natural	Prédios conservados	Movimento de pessoas
Prédios, largura da rua, agradável	Conservada	Ordenada
Rua ampla e bem conservada	Prédios históricos, rua larga, prédios conservados, movimento de pessoas.	Prédios
Sem justificativa	Limpa e interessante	Prédios conservados
Sem justificativa		Prédios históricos
Vista, bancos, prédios antigos		Rua ampla
		Sem justificativa
		Vegetação
		Visual da lagoa

PERGUNTA 33. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais bonita e diga o por quê? RUA 3		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
A beira da laguna valoriza a rua	Lugar de encontro de pessoas.	A aparência das construções não importa
É a rua onde a aparência das construções menos importa	É o lugar mais lindo da cidade.	Calçada
paisagem natural	Lugar de encontro de pessoas.	Composição prédios e vista da laguna.
Vista da lagoa, barcos, calçada	Lugar de encontro de pessoas.	Limpa e organizada
Vista da lagoa, construções antigas	Visual da laguna.	Lugar de encontro de pessoas.
Visual da lagoa e dos barcos	Vista da laguna.	Prédios históricos
	Vista da laguna.	Presença de barcos
	Composição prédios e vista da laguna.	Visual barcos
	Lugar de encontro de pessoas.	Visual da lagoa
	Vista da laguna e bancos.	
	Lugar de encontro de pessoas.	
	Vista da lagoa	
	Sem resposta	
	Visual da lagoa e barcos	
	Limpa e organizada	
	Vista da lagoa	
	Vista da laguna	
	Lugar de encontro de pessoas.	
	Vista da laguna	

PERGUNTA 33. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais bonita e diga o por quê? RUA 4		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
A combinação da rua com o pier e vegetação	Solar dos Imperadores é o prédio mais bonito	Aconchegante
aconchegante	Prédios históricos e vegetação	Amplos espaços públicos
Arquitetura, vegetação e laguna (variação dos elementos)	Interessante	Combinação rua, pier e vegetação
Boa combinação entre prédios históricos e paisagem natural	Prédios históricos, visual da laguna	Harmonia entre os elementos
Composição entre prédios históricos, paisagem natural e vegetação	Rua histórica	Interessante
edificações históricas, amplos espaços públicos, vegetação, visual da lagoa		Paisagem bucólica
Harmonia entre os elementos		Prédios
lindo contraste entre árvores, paisagem e edificações		Prédios deveriam ser restaurados
Mistura entre vegetação, prédios históricos e visual da laguna. Ordem.		Prédios históricos
Paisagem bucólica, vegetação seca e visual da lagoa		Presença de barcos
Pelo conjunto ambiente natural e prédios		Rua pequena
Prédios históricos, ligação do canal com a igreja		Vegetação
prédios históricos, vegetação, lagoa		Visual da igreja
Prédios históricos, visual da lagoa e barcos		Visual da laguna
Prédios, embora precisem de restauração		
Presença de prédios históricos e vegetação. Rua pequena.		
presença prédios históricos, vegetação, vista da lagoa e igreja		
Visuais bonitas devido a igreja e a laguna. Prédios deveriam ser restaurados		

PERGUNTA 34. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais feia e diga o por quê? RUA 1		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
não tem vegetação, vista da lagoa apagada em meio a prédios monocromáticos	Mal conservada	Calçamento sem manutenção
sem vegetação, paisagem natural e conservação dos prédios	Prédios antigos sem valor, mal cuidada e simples.	Monótona
sem justificativa	Sem prédios interessantes	Não é interessante
prédios	Espaço pequeno para uma rodoviária.	Nenhum atrativo
Poucos prédios históricos	Prédios mal conservados.	Pouca variação dos elementos
Rua muito estreita	Sem justificativa.	Pouca visual da lagoa
Prédios degradados ,aparência feia e decadente	Espaço pequeno para uma rodoviária.	Poucos prédios históricos
Estreita, monótona e sem vegetação	Não é interessante, rua pequena.	Prédios
Visuais fechadas, prédios sem importância e monocromáticos	Muito estreita, e sem vegetação.	Prédios históricos
Nenhum atrativo	Sem justificativa	Prédios mal conservados
Aridez – falta de vegetação e estado de conservação dos edifícios	Pouca vegetação	Prédios monocromáticos
Prédios comuns	Nada de interessante.	Rua estreita
Monótona	Pouca variação dos elementos	Rua mal conservada
Pouca visualização da lagoa e prédios muito alterados	Muito estreita, e calçamento sem manutenção	Rua pequena
Nenhuma vegetação, pouca visual da laguna e prédios feios	Nada de interessante.	Vegetação escassa
Nada chama a atenção	Sem justificativa	Semelhança entre as construções
Falta manutenção das casas	Conservação dos prédios e vias	
	Comum, sem atrativos	
	Sem vegetação e estreita	
	Nada de interessante.	
	Nada de interessante.	
	Sem atrativos	
	Curta estreita	
	prédios	
	Poucos elementos que chamam a atenção.	
	Poucos interessante	
	Nada de interessante.	
	Semelhança entre as construções.	
	Rua mais simples	

PERGUNTA 34. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais feia e diga o por quê? RUA 2		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
rua convencional, as demais são bucólicas		Excesso de prédios comerciais
Pela falta de harmonia entre os prédios e o ambiente natural		Falta de harmonia entre prédios e paisagem natural
Muitos prédios comerciais		Rua convencional

PERGUNTA 34. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais feia e diga o por quê? RUA 3		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
apesar do contato direto com a lagoa, os prédios são inóspitos, sem tratamento do espaço urbano, ã estimula o uso contemplativo	Sem vegetação.	A má conservação dos prédios não combina com a paisagem natural
Ausência de qualquer sensação agradável em permanecer no espaço	Sem vegetação e bancos destruídos.	Ausência de sensação agradável
boa paisagem natural, mas não se aproveitou nos prédios, má conservação e destoam do entorno		Bancos
conservação, vegetação escassa, prédios abandonados		Má conservação dos prédios
Galpões velhos, sujos, sucateados que não interagem com o resto da paisagem.		Sem tratamento do espaço urbano
Não combina com a natureza		Vegetação escassa
Prédios abandonados		
Prédios e paisagem natural não é harmônico, os prédios estão em péssimo estado de conservação e falta vegetação		
Prédios feios e mal cuidados		
Prédios feios que não valorizam a lagoa		

PERGUNTA 34. Marque qual das ruas visitadas você acha a mais feia e diga o por quê? RUA 4		CATEGORIAS DEFINIDAS PELA AUTORA
NÃO RESIDENTES	RESIDENTES	
Sem justificativa	Prédios mal conservados	Sem justificativa
Prédios bonitos, mas em péssimo estado de conservação	Sem justificativa	Prédios mal conservados
Prédios bonitos, mas em péssimo estado de conservação	Prédios mal conservados	Trailer impedindo visual da igreja e praça
Conservação dos prédios	Prédios mal conservados	
Rua abandonada	Prédios mal conservados	
Pela má conservação dos prédios históricos	Prédios mal conservados	
Prédios velhos e mal conservados e uma paisagem natural muito feia	Sem justificativa.	
Prédios mal conservados e a presença do trailer tirando a visão da igreja e da praça	Prédios mal conservados	
	Prédios mal conservados	

